



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Lais Mendes Tavares

**Parques públicos urbanos como possibilidades de lazer para idosos em
Florianópolis**

Florianópolis-SC

2021

Lais Mendes Tavares

**Parques públicos urbanos como possibilidades de lazer para idosos em
Florianópolis**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.
Orientadora: Profa. Dra. Alcyane Marinho

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tavares, Lais Mendes

Parques públicos urbanos como possibilidades de lazer
para idosos em Florianópolis / Lais Mendes Tavares ;
orientador, Alcyane Marinho, 2021.

142 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Espaços e equipamentos de lazer. 3.
Parques públicos urbanos. 4. Envelhecimento. 5. Idosos. I.
Marinho, Alcyane. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III.
Título.

Lais Mendes Tavares

Parques públicos urbanos como possibilidades de lazer para idosos em Florianópolis

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Alcyane Marinho, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Cassiano Ricardo Rech, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Priscila Mari dos Santos Correia, Dra.
Prefeitura Municipal de São José

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Alcyane Marinho
Orientadora

Florianópolis, 2021.

Esta dissertação é dedicada ao papai e à mamãe, que sempre estiveram “logo ali”, me apoiando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Vera e ao meu pai Simone, por todo apoio, e acima de tudo por serem exemplos de força, humildade e bom-humor. Sou eternamente grata a vocês.

À toda minha família, em especial, à minha irmã Thais, ao meu sobrinho Iury e à minha tia Lucélia, que me incentivaram nos momentos difíceis, compreenderam a minha ausência e me apoiaram nessa jornada.

Ao meu companheiro, Kayo, por me ensinar, na prática, a importância do tempo, do lazer, e do amor.

A todos que compuseram minha banca, por dispensaram seu tempo e dedicação para contribuir de forma valiosa nesse processo: à Prof^ª. Dr^ª. Priscila Mari dos Santos Correia, ao Prof. Dr. Cassiano Ricardo Rech, ao Prof. Dr. William das Neves Salles, à Prof^ª. Dr^ª. Cintia De La Rocha Freitas, e à Prof^ª. Dr^ª. Inês Amanda Streit.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida e ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEF), que me permitiram realizar esse processo de formação.

A todos amigos e amigas do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/CNPq), que sempre me ajudaram de coração e braços abertos. Em especial, à Francine Stein, à Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi e à Priscila Mari dos Santos Correia, que mesmo com todas as limitações de tempo sempre estiveram dispostas a me ajudar.

À minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Alcyane Marinho por me acolher tão amigavelmente e me ensinar tanto a cada conversa. Seus conselhos, indicações e correções foram fundamentais para minha formação acadêmica e pessoal. Meu mais sincero muito obrigada.

Aos meus colegas de mestrado, em especial, Jaqueline da Silva, Lauriano Warth, Vinicius Plentz e Elaine Maciel, por compartilharem tantos momentos de descobertas e aprendizados.

À grande amiga e maior incentivadora, Juliana Figueiredo. Ju, sem você nada seria possível. Muito obrigada por enxergar uma jiboia e um elefante, e não um chapéu.

Aos idosos participantes da pesquisa, que me fizeram ter outra visão sobre o envelhecimento, muito mais otimista e esperançosa.

A Deus, por todos os privilégios, em formas de pessoas, gestos, fé e amor. Graças a Ele, eu consegui chegar até aqui e mostrar que filha de “boia-fria” também está na Universidade Pública.

A todos que, de alguma forma, colaboram com esse trabalho. Muito obrigada!

RESUMO

A população de pessoas com 60 anos ou mais vem aumentando, de forma significativa, repercutindo em uma maior preocupação com o envelhecimento. O lazer é reconhecido como uma forma efetiva de manter a qualidade de vida, o bem-estar e a independência dos idosos. Desta forma, os parques urbanos se configuram como território do lazer, destinados às práticas sociais como passeio, contemplação, convivência, lazer, recreação e esporte, bem como, à conservação ambiental. Partindo dessas considerações, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar os fatores que influenciam a participação de idosos em parques públicos urbanos de Florianópolis. Os objetivos específicos foram: identificar os parques públicos urbanos existentes em Florianópolis; identificar as atividades de lazer desenvolvidas pelos idosos nos parques mapeados; identificar se houve influência no lazer dos idosos devido à pandemia causada pela covid-19; identificar os motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos parques; interpretar as concepções de lazer dos idosos; identificar os facilitadores e as restrições ao uso dos parques públicos urbanos por idosos. Trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória, de corte transversal, com abordagem qualitativa. Participaram deste estudo 23 idosos (≥ 60 anos), que frequentavam parques públicos urbanos de Florianópolis, selecionados pela amostragem “bola de neve”. Os dados dessa pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas por meio de contato telefônico, delineadas especificamente para esse estudo. As informações coletadas foram organizadas no *software* NVivo 11, e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2009). Os idosos compreendem o lazer como: atividades; estado de espírito; oportunidade para passar o tempo, o tédio, o mau-humor, a tristeza, o estresse e os pensamentos ruins de doença; e também citaram o trabalho e o voluntariado. Nos parques realizavam atividades físicas, sociais, manuais, intelectuais; e voluntariado. Além disso, na percepção dos idosos investigados, os parques se caracterizam como espaço de lazer, os quais são apropriados pela comunidade de diferentes formas, seja como lazer casual e/ou lazer sério. Sendo assim, 21 idosos relataram que a pandemia imposta pela covid-19 influenciou negativamente no lazer, devido às restrições impostas pela necessidade de isolamento, que inviabilizaram as atividades sociais, culturais, turísticas e físicas presencialmente, e dois afirmaram não ter influenciado. As restrições ao uso dos parques estavam relacionadas à falta de: motivação e sedentarismo, envolvimento da comunidade, divulgação, incentivo, recursos humanos, atividades de lazer, segurança, infraestrutura, acessibilidade e gestão do parque por parte do poder público. Além disso, as doenças, o mau comportamento dos usuários, os interesses políticos também se caracterizaram como possíveis restrições. Por outro lado, as sensações e as emoções agradáveis, os benefícios físicos e psicológicos, a segurança, a amizade, o convívio social, o contato com a natureza, bem como, a presença de outras pessoas e animais, espaços, equipamentos e programa de atividade física, atrações, eventos, hortas, composteiras, grupo de idosos, orientação profissional, unidade básica de saúde podem incentivar ou aumentar a participação dos idosos nos parques. Além disso, a presença de boa infraestrutura, estética, acessibilidade, envolvimento da comunidade, a idade, a aposentadoria, também se caracterizaram como possíveis facilitadores. Destacaram-se como motivos de ingresso e de permanência nos parques: possibilidade de fazer atividade física, proximidade do local, indicação médica e identificação com o histórico do parque. A partir disso, destaca-se que

os parques públicos urbanos devem ser mantidos em boa qualidade, uma vez que são um forte motivo para os idosos permanecerem ativos no lazer. Acredita-se na pluralidade das experiências vividas pelos idosos, nos parques públicos urbanos de Florianópolis, os quais podem ser considerados espaços para vivências de distintas formas de lazer.

Palavras-chave: Envelhecimento. Lazer. Parque públicos.

ABSTRACT

The population of people aged 60 years and over has increased significantly, resulting in greater concern with aging. Leisure is recognized as an effective way to maintain the quality of life, well-being, and independence of the elderly. In this way, urban parks are configured as a leisure territory, destined to social practices such as walking, contemplation, coexistence, leisure, recreation, and sport, as well as environmental conservation. Based on these considerations, the general objective of this research was to investigate the factors that influence the participation of elderly people in urban public parks in Florianópolis. The specific objectives were: to identify the existing urban public parks in Florianópolis; identify the leisure activities developed by the elderly in the mapped parks; to identify whether there was an influence on the leisure of the elderly due to the pandemic caused by covid-19; identify the reasons for the entry and permanence of the elderly in parks; interpret the elderly's concepts of leisure; identify the facilitators and constraints on the use of urban public parks by older people. This is an exploratory descriptive cross-sectional study with a qualitative approach. Twenty-three elderly people (≥ 60 years old) who attended urban public parks in Florianópolis, selected by "snowball" sampling, participated in this study. Data from this research were obtained through semi-structured interviews, carried out through telephone contact, designed specifically for this study. The information collected was organized in the NVivo 11 software, and analyzed using the content analysis technique, according to Bardin (2009). The elderly understands leisure as: activities; state of mind; opportunity to pass the time, boredom, bad mood, sadness, stress and bad thoughts of illness; and they also mentioned work and volunteering. In the parks they performed physical activity; social activities; manual activities; intellectual activities; and volunteering. Furthermore, in the perception of the elderly investigated, parks are characterized as a leisure space, which are appropriated by the community in different ways, whether as casual leisure and/or serious leisure. Thus, 21 elderly people reported that the pandemic imposed by covid-19 had a negative influence on leisure, due to constraints imposed by the need for isolation, which made social, cultural, tourist and physical activities unfeasible in person, and two said they did not. Constraints on the use of parks were related to the lack of motivation and sedentary lifestyle, community involvement, dissemination, encouragement, human resources, leisure activities, security, infrastructure, accessibility and management of the park by the government. In addition, diseases, bad behavior of users, political interests were also characterized as possible constraints. On the other hand, pleasant sensations and emotions, physical and psychological benefits, safety, friendship, social interaction, contact with nature, as well as the presence of other people and animals, spaces, equipment and program physical activity, attractions, events, vegetable gardens, composting, elderly group, professional guidance, basic health unit can encourage or increase the participation of the

elderly in parks. In addition, the presence of good infrastructure, aesthetics, accessibility, community involvement, age, retirement, were also characterized as possible facilitators. The reasons for entering and staying in the parks stood out: possibility of physical activity, proximity to the place, medical advice, and identification with the park's history. From this, it is highlighted that urban public parks must be maintained in good quality, as they are a strong reason for the elderly to remain active in leisure. However, we believe in the plurality of experiences lived by the elderly in urban public parks in Florianópolis, which can be considered spaces for experiencing different forms of leisure.

Keywords: Aging. Leisure. Public Park.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide etária de Santa Catarina, anos 2021 e 2060.	27
Figura 2 - Processo de recrutamento dos entrevistados por meio da amostragem "bola-de-neve".....	38
Figura 3 – Procedimentos de coleta de dados.	43
Figura 4 – Parques públicos urbanos de Florianópolis.....	48
Figura 5 – Linha do tempo da criação dos parques públicos urbanos de Florianópolis.....	49
Figura 6 – Manifestações de lazer nos parques públicos urbanos.....	54
Figura 7 – Atividades de lazer realizadas pelos idosos durante a pandemia da covid-19....	56
Figura 8 – Sensações e emoções vivenciadas pelos idosos ao frequentar parques públicos urbanos.	65
Figura 9 – Motivos de ingresso e permanência de idosos em parques públicos urbanos. ...	81
Figura 10 – Meio de locomoção dos idosos para o parque frequentado.	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases e etapas da Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa.....	33
Quadro 2 – Dados dos participantes do estudo	39
Quadro 3 – Objetivos do estudo, categorias, unidades de contexto e unidades de registro.	44
Quadro 4 – Parques públicos urbanos de Florianópolis.	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos idosos, de acordo com as variáveis estado civil, arranjo familiar, escolaridade e renda mensal.....	40
Tabela 2 – Facilitadores e restrições ao uso de parques públicos urbanos por idosos.	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	OBJETIVOS.....	3
1.1.1	Objetivo Geral	3
1.1.2	Objetivos Específicos.....	3
1.2	JUSTIFICATIVA.....	3
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
2.1	LAZER SÉRIO.....	5
2.2	LAZER E ENVELHECIMENTO	12
2.3	FACILITADORES E RESTRIÇÕES PARA O LAZER.....	16
2.4	ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER.....	19
2.4.1	Parques públicos urbanos.....	21
2.5	CIDADE AMIGA DA PESSOA IDOSA	26
2.6	PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19 E SUA INFLUÊNCIA NO LAZER 34	
3	MÉTODOS.....	36
3.1	CONCEPÇÃO PARADIGMÁTICA	36
3.2	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	37
3.3	PARTICIPANTES DO ESTUDO	37
3.4	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	41
3.5	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	42
3.6	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	43
3.7	CONFIABILIDADE DO ESTUDO.....	46
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	46

4.1	O LAZER DOS IDOSOS FREQUENTADORES DE PARQUES PÚBLICOS URBANOS.....	50
4.2	INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DA COVID-19 NO LAZER DOS IDOSOS	55
4.2.1	Possibilidades e perseveranças	59
4.3	FACILITADORES E RESTRIÇÕES PARA O USO DE PARQUES PÚBLICOS URBANOS POR IDOSOS.....	63
4.3.1	Facilitadores e restrições intrapessoais	64
4.3.2	Facilitadores e restrições interpessoais.....	67
4.3.3	Facilitadores e restrições estruturais	71
4.4	MOTIVOS DE INGRESSO E DE PERMANÊNCIA DE IDOSOS EM PARQUES PÚBLICOS URBANOS.....	80
4.4.1	Acesso e estrutura.....	82
4.4.2	Vínculos afetivos	84
4.4.3	Atividade física e saúde.....	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS	92
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada aplicada aos idosos	114
	APÊNDICE B – Matriz analítica da entrevista semiestruturada	117
	APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	119
	ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos	121
	ANEXO B – Artigo Leisure and COVID-19: reflections on Brazilian older adults who frequent urban public parks.....	127

1 INTRODUÇÃO

A sociedade moderna vem passando por diversas mudanças. Destaca-se o crescimento demográfico da população, principalmente das pessoas com 60 anos ou mais (IBGE, 2018). A parcela de idosos é significativamente maior que a de décadas passadas, devido, principalmente, ao aumento da expectativa de vida e à redução da taxa da natalidade (HORVATH JÚNIOR, 2018). Com isso, há uma preocupação maior da população com o envelhecimento, bem como com a qualidade de vida, com o intuito de chegar a essa fase da vida com autonomia e de forma saudável (DEBERT, 2011).

A qualidade de vida das pessoas nessa fase da vida é influenciada pelo comportamento e estilo de vida que leva/levou no decorrer dos anos, e também com o ambiente em que vivem (PICCOLO, 2011). O lazer, por sua vez, é uma das formas mais efetivas de manter a independência do idoso, bem como contribui para o envelhecimento saudável e com qualidade (FERRARI, 2002; RICARDO *et al.*, 2013). Nesta pesquisa adotou-se a definição de lazer proposta por Stebbins (2000; 2015): atividades atrativas e prazerosas, que ocorrem no tempo livre de obrigações desagradáveis. Para o autor, o lazer pode ser categorizado como lazer casual, definido como as atividades de lazer pontuais que resultam em sensações de prazer imediato, relativamente rápido e gratificante, e como lazer sério, definido como as atividades que podem possuir caráter obrigatório e ocorrer sistematicamente e com compromisso, se for procurado por gosto e satisfação dos participantes (STEBBINS, 2005, 2014). Segundo Veal (2016), os conceitos (lazer sério e lazer casual) não são contrastantes, mas, sim, um *continuum*. Isto é, as atividades são influenciadas pelas experiências e podem variar de indivíduo para indivíduo, podendo ser ora casual, ora sério, em distintos graus de seriedades (BROWN, 2007; SHEN, YARNAL, 2010; VEAL, 2016).

Para Araújo e Rocha (2016), as atividades de lazer para idosos estão relacionadas com significados distintos, destacando-se o significado hedônico; por ser um espaço de sociabilidade; pela nostalgia e qualidade de vida; pela (re)construção da identidade e do aprendizado. Com isso, os idosos que usufruem de atividades de lazer tendem a possuir uma melhor relação com essa etapa da vida, o que corrobora com aquisição de novas conquistas, realizações e aprendizados e não é visto como uma fase de solidão, afastamentos e perdas (ARAÚJO; ROCHA, 2016).

Nesta direção, Melo (2002) considera os espaços e equipamentos de lazer como uma importante forma de usufruir o lazer na cidade. Dessa forma, os espaços e equipamentos de lazer colaboram para o envelhecimento ativo¹, uma vez que pode fomentar as práticas culturais, esportivas, lúdicas e de recreação, e o encontro de pessoas para discutir e lutar pelos seus direitos, contribuindo com autonomia, independência e a interação social dos frequentadores (ARTMANN *et al.* 2017; GONÇALVES; RECHIA, 2015; VERSIANI; PEREIRA, 2019).

Além disso, os espaços verdes urbanos, como os parques, podem favorecer a prática de atividade física (BEDIMO-RUNG; MOWEN; COHEN, 2005; GIES, 2006). Diante disso, segundo Payne *et al.* (2005) o uso do parque por idosos está diretamente relacionado à promoção da saúde e à prevenção de doenças, bem como, desempenha um papel importante na saúde mental dos idosos. De acordo com Lee e Lee (2019) quanto maior a vegetação na cidade, menor a percepção de estresse e depressão pelos residentes idosos. Além de melhorar o bem-estar, segundo Loukaitou-Sideris *et al.* (2016), bairros com maior cobertura de espaços verdes foram associados a risco reduzido de mortalidade por todas as causas (WANG *et al.*, 2017).

Desta forma, salienta-se a necessidade de analisar a percepção dos idosos usuários dos parques. Isso porque não adianta possuir o local, se o mesmo não é acessível à população (MELO, 2002), principalmente por aqueles que estão à mercê da sociedade, como os idosos, que dificilmente são consultados, embora possuam importante representatividade no desenvolvimento social do Brasil (PINHEIRO; AREOSA, 2018).

Além disso, existem diversos fatores, tanto positivos quanto negativos, que podem influenciar a participação de idosos no lazer. Destacam-se os facilitadores e as restrições intrapessoais, interpessoais e estruturais (RAYMORE, 2002; ZANON *et al.*, 2013) e, mais recentemente, a pandemia causada pelo surto da covid-19, que inviabilizou diversas atividades de lazer (BRAMANTE, 2020), principalmente, as realizadas em parques públicos urbanos (TAVARES; MARINHO, 2021).

Partindo destas considerações, destacam-se algumas questões que balizaram este estudo: Os parques públicos de Florianópolis podem ser considerados uma possibilidade de

¹ De acordo com World Health Organization (2005, p. 13), “refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho”.

lazer para os idosos? Quais são as opções de lazer ofertados para os idosos nestes parques? Por que os idosos se inserem e frequentam esses locais? Quais são as restrições e os facilitadores para o uso dos parques públicos por idosos? Quais as concepções de lazer dos idosos frequentadores destes espaços? A pandemia da covid-19 influenciou no lazer dos idosos?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar os fatores que influenciam a participação de idosos em parques públicos urbanos de Florianópolis.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar os parques públicos urbanos existentes em Florianópolis.
- Identificar as atividades de lazer desenvolvidas pelos idosos nos parques públicos urbanos mapeados.
- Identificar se houve influência no lazer dos idosos devido à pandemia causada pela covid-19.
- Identificar os motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos parques públicos urbanos.
- Interpretar as concepções de lazer dos idosos frequentadores dos parques mapeados.
- Identificar os facilitadores e as restrições ao uso dos parques públicos urbanos por idosos.

1.2 JUSTIFICATIVA

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 o Brasil se constituía por 28 milhões de idosos, equivalente a 13,5% da população brasileira. Projeções futuras mostram que, em dez anos, esse número chegará a 38,5 milhões, com tendência a aumentar, chegando em 2031 com maior número de idosos que

de crianças e adolescentes e, em 2050, superando a população com idade entre 40 e 59 anos, resultando em um achatamento da pirâmide etária (IBGE, 2018).

Esses dados revelam um significativo impacto na realidade brasileira. Com isso, é indispensável dedicar a atenção a esse grupo populacional, pensando além de preparar as demais pessoas frente a essa realidade, como preparar as localidades para receber essa população, pensando nas particularidades da velhice, para adaptar os espaços, e ofertar atrativos, os quais fomentam intervenções educativas, lúdicas, críticas, criativas e significativas (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010).

Desde a década de 1990, vêm sendo instituídas leis que amparam os idosos, como a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994), o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (BRASIL, 2006). Dentre todas as leis e deveres, destaca-se o Artigo 3º do Estatuto do Idoso, que aponta o direito à saúde, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, sendo obrigação além da família, da comunidade e do poder público garantir esse direito com absoluta prioridade.

Além disso, em 2018, foi publicado o Plano de Ação Global para a Atividade Física (2018-2030), que visa reduzir a inatividade física, por meio de ações políticas efetivas e viáveis, visto que, a prática regular de atividade física contribui para a prevenção e tratamento de diversas doenças crônicas não transmissíveis, bem como está relacionada com melhorias na saúde mental, qualidade de vida e bem-estar das pessoas (World Health Organization [WHO], 2018). Destaca-se que para a Organização Mundial de Saúde (OMS), melhorar o acesso aos espaços públicos ao ar livre pode colaborar com a criação de ambientes ativos e, conseqüentemente, garantir um futuro mais ativo para as pessoas (WHO, 2018). Segundo o Guia Global: Cidade Amiga do Idoso, o envelhecimento humano é um dos principais desafios deste século, e o ambiente físico é um dos determinantes para o envelhecimento ativo, sendo de suma importância para superar as alterações decorrentes do envelhecimento. Dessa forma, deve-se pensar em ambientes acessíveis, a fim de tornar as cidades mais amigáveis aos idosos, contribuindo assim, para o envelhecimento ativo e saudável (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2008).

Por meio dessas atribuições, ressalta-se a importância de desenvolver mais estudos que investigam a qualidade de vida dos idosos, mais especificamente relacionados ao lazer (FERREIRA, 2017). Devido à aposentadoria e às diminuições das obrigações, trata-se de um período que teoricamente propicia maior tempo livre; logo, é um período oportuno para

o lazer (DEBERT, 2011). Portanto, faz-se necessário compreender quais são as características (in)dispensáveis dos parques públicos urbanos que visa o lazer, bem como, por quais motivos os idosos procuram esses locais.

Em nível pessoal, justifica-se a realização desta pesquisa pelo interesse da pesquisadora em entender as diversas magnitudes do lazer, visto que o interesse se estende desde o segundo ano da graduação, quando se envolveu com as atividades de aventura na perspectiva do lazer, realizando, assim, sua iniciação científica, seu trabalho de conclusão de curso, e participando de congressos que envolviam essa temática. Do mesmo modo, pela pesquisadora entender as potencialidades e as necessidades do lazer na contemporaneidade.

Essa pesquisa visa contribuir para o entendimento do atual cenário dos espaços públicos de lazer, mais especificamente parques públicos da cidade de Florianópolis, acerca das possibilidades de lazer ofertadas para a população idosa, a fim de compreender os facilitadores e as restrições impostas nesses ambientes públicos. Também pode evidenciar questões passíveis de serem discutidas em nível nacional, as quais poderão contribuir com uma melhor compreensão e sistematização dos espaços e equipamentos destinados a essa população, podendo reverberar em ações públicas promissoras, como, por exemplo, planos diretores específicos para cada parque, a fim de orientar e avaliar os parques perante suas especificidades.

Para além disso, a pesquisa visa dar voz à população de idosos, oportunizando-os contribuir com projetos futuros de implantação, manutenção, utilização e avaliação dos espaços de lazer distribuídos na cidade, uma vez que é de suma importância o envolvimento ativo da comunidade, nas tomadas de decisões sobre os espaços públicos. Em concordância, Vieira e Guerra (2012) apontam que o envolvimento da comunidade pode corroborar com o modo de apropriação e de uso dos parques, resultando, assim, em um aumento na motivação e na identificação com esses espaços.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LAZER SÉRIO

O lazer, preocupação central do estudo, possui perspectivas diversas, dentre elas a do Lazer Sério, defendida pelo sociólogo Robert A. Stebbins, doutor em sociologia pela

Universidade de Minnesota, em 1964 e professor aposentado da Universidade de Calgary, Alberta, Canadá. Stebbins iniciou suas pesquisas em lazer em 1973, sendo que em 1982, publicou pela primeira vez sobre o conceito de lazer sério, juntamente com o lazer casual. Após este momento Stebbins foi Presidente da Associação Canadense de Sociologia e Antropologia (1988-1989); Presidente da Federação de Ciências Sociais do Canadá (1991-1992); vice-presidente da Associação Canadense de Estudos de Lazer (1993-1996); membro da Academy of Leisure Sciences (1997) e da Royal Society of Canada (1999) e membro sênior da World Leisure Academy (2010), posições que também colaboraram com sua carreira, o tornando referência mundial no lazer (STEBBINS, 2015).

Para Stebbins, é importante classificar as atividades de lazer, devido a suas amplas possibilidades. Com isso, dedicou-se a sistematizar, não com o intuito de prever qual a melhor, mas para mostrar as distintas funcionalidades do lazer e o que tendem a oferecer para o mundo (STEBBINS, 2015). Vale ressaltar que, na perspectiva do lazer sério, o lazer é entendido pelas atividades que são procuradas por satisfação e/ou gratificação, de forma natural, sem serem induzidas ou impostas, as quais ocorrem no tempo livre, que, para o mesmo autor, é o momento longe de obrigações desagradáveis (STEBBINS, 2015). Tempo que pode possuir cunho obrigatório, mas que ocorre de forma atrativa e prazerosa. Stebbins considera o lazer como oposto de tédio, e tempo livre para o autor não é considerado sinônimo de lazer, dado que, no tempo livre os envolvidos podem ficar entediados, ou seja, tempo livre pode, ou não, ser tempo de lazer (STEBBINS, 2000, 2015).

O lazer sério engloba três perspectivas do lazer, a saber: lazer casual, lazer sério, lazer baseado em projetos. A perspectiva do lazer sério surgiu após um estudo exploratório, o qual Stebbins analisou jogadores amadores de um time de beisebol. Estes jogadores definiam as atividades esportivas desenvolvidas como não sendo atividades de lazer, por ter caráter sério e por terem comprometimento com as ações desenvolvidas. Após este estudo, Stebbins deu início a um projeto que durou 15 anos, o qual se debruçou em estudar de forma qualitativa amadores de diferentes áreas, a fim de entender a complexidade da perspectiva do lazer sério, em uma perspectiva crítica de um sociólogo canadense branco, protestante, de classe média alta, cuja vida profissional se baseou em lecionar em departamentos de sociologia em três universidades norte-americanas e uma faculdade de graduação. Stebbins também foi músico profissional e amador, e atleta universitário (STEBBINS, 2015).

O lazer sério, propriamente dito, define-se por sua procura associada ao interesse, à satisfação e à gratificação, porém possui certo grau de comprometimento, seriedade, esforço e dedicação. Envolve atividades sistematizadas, desenvolvidas ao longo do tempo, que possuem, na maioria das vezes, horário e regras fixas, por meio das quais os participantes podem construir uma carreira de lazer², resultando em novas habilidades, conhecimentos, e vastas experiências (STEBBINS, 2005, 2015).

São exemplos de lazer sério: o trabalho, as atividades voluntárias, e o esporte de alto rendimento, entre outras atividades, desde que detenha as características supramencionadas. O lazer sério se distingue das demais por necessitar de esforço para adquirir novas habilidades e conhecimento, por possuir possibilidade de carreira no lazer e por ser usufruído por amadores, voluntários e *hobbyist*³ (STEBBINS, 2015).

O lazer casual foi definido por Stebbins juntamente com o lazer sério, e é conhecido por uma atividade pontual, que resulta em sensações de prazer imediato e relativamente rápido e gratificante, que não exige comprometimento com horários e regras pré-determinados. Também é classificado como todo lazer que não é considerado lazer sério. Possui mais adeptos, principalmente, por não exigir rigidez ao se praticar (STEBBINS, 2015). Foram identificadas oito categorias de lazer casual:

- Jogar (incluindo brincar, diletantismo)
- Relaxamento (por exemplo, sentar, cochilar, passear)
- Entretenimento passivo (por exemplo, através da TV, livros, música gravada)
- Entretenimento ativo (por exemplo, jogos de azar, festas)
- Conversação sociável (por exemplo fofocas, “conversa fiada”)
- Estimulação sensorial (por exemplo, sexo, comer, beber, passeios turísticos)
- Voluntariado casual (por exemplo, distribuindo folhetos, preenchendo envelopes)
- Atividade aeróbia prazerosa (STEBBINS, 2015, p. 39).

O lazer casual possui diversas potencialidades, entre elas, a criatividade, o bem-estar; o edutenimento⁴; o relaxamento e o entretenimento. Também pode colaborar no relacionamento interpessoal, na possibilidade de descoberta e recriação, e pode contribuir para diminuir o estresse enfrentado no dia-a-dia. Com isso, compreende-se a importância de

² “Trajetória da pessoa que pratica a atividade de lazer de forma sistemática” (OLIVEIRA; DOLL, 2016, p. 326).

³ Pessoas que se dedicam a algum hobby.

⁴ Expressão utilizada para definir o que educa e diverte ao mesmo tempo, exemplo: ler, escutar músicas populares, assistir filme, ir a museus e parques temáticos.

desfrutar desse tipo de lazer, o qual pode ser usufruído individualmente ou em conjunto com o lazer sério e baseados em projetos (STEBBINS, 2015).

O lazer baseado em projetos é definido pelas manifestações que acontecem esporadicamente, envolvendo planejamento, criatividade, dedicação, esforço e, às vezes, habilidade específica. No entanto, não possui seriedade e carreira, como o caso do lazer sério, sendo que alguns casos podem se dedicar por uma determinada quantidade de tempo, porém pode ser interrompido por várias semanas, meses e até anos (STEBBINS, 2005). Tende a ser realizado por obrigação, entretanto, agradável. São exemplos, os festivais de artes, eventos esportivos, feriados religiosos, festas de aniversários ou feriados nacionais, as experiências como voluntário para um evento esportivo específico (STEBBINS, 2015).

Diferentemente de outras concepções de lazer e do próprio senso comum, para Stebbins (2005) lazer e trabalho não são ações indissociáveis, sendo influenciados mutuamente. Isto é, trabalho pode gerar prazer, assim como as demais atividades de lazer e diferencia-se do lazer sério, por exigir dedicação integral e ser pago pelo esforço dedicado, porém possui os mesmos objetivos⁵ (STEBBINS, 2009). No entanto, segundo Rojek (2000), a perspectiva do lazer sério pode contribuir com o entendimento do senso comum, o qual entende o lazer como subordinado ao trabalho, reforçando a ordem social⁶, principalmente, por enfatizar as potencialidades do lazer sério, “esquecendo” de desenvolver, da mesma forma, como se fosse inferior, o conceito do lazer casual, este, que segundo o autor, pode alterar a ordem, por ser desfrutado a qualquer momento, de formas variáveis, sem regras pré-definidas.

Igualmente, outros autores como Shen, Yarnal (2010) e Veal (2016), também, apontam inconsistências nos achados sobre a perspectiva do lazer sério, devido Stebbins ter dado pouca atenção ao lazer casual, uma vez que, o lazer casual surgiu para dar suporte para aprofundar a compreensão do lazer sério (STEBBINS, 1997). Consequentemente, se tem poucos estudos empíricos que investigaram, diretamente, o lazer casual, para comprovar as qualidades e diferenças nos três conceitos da perspectiva do lazer sério (VEAL, 2016).

⁵ Tais ocupações são conceituadas por Stebbins (2009) por *devote work*.

⁶ “É o conjunto de normas, instituições e costumes que regulam a vida dos indivíduos em suas relações de ordem jurídica, social e moral de uns para com os outros e entre eles e o governo, em qualquer momento de uma sociedade politicamente organizada e policiada” (BRASIL, s/d). <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/297045/ordem-social?ref=serp-featured>

Mesmo com os desdobramentos supramencionados, Rojek (2000) salienta que a perspectiva do lazer sério, deve ser bem recebida, por ser uma nova e interessante tentativa de distinção categórica para compreender as atividades de lazer, avançando na discussão: lazer e trabalho, sendo reconhecida e aprovada entre os estudos da área. A perspectiva do lazer sério trouxe à tona opiniões contrárias as já existentes e consolidadas teorias (MARCELLINO, 2012), as quais definem o lazer como manifestações desenvolvidas no tempo contrário das obrigações, que diretamente, contribuem com a dicotomia lazer e trabalho.

As três formas de lazer, propostas por Stebbins, não se contrapõem, sendo que são defendidas pelo mesmo autor, e advindas de uma mesma perspectiva, no entanto, de acordo com Stebbins (2009), possuem algumas características que fazem com que uma diferencie-se das outras. Por outro lado, para Veal (2016), o lazer sério, bem como o lazer casual, pode possuir as mesmas qualidades, o que vai depender da experiência vivida. Do mesmo modo, Shen e Yarnal (2010), ao analisarem 1.693 mulheres, que participavam de um grupo de experiências recreativas, com atividades como ir em museus e cafeterias, fazer compras e festas, conversar, entre outras atividades que não fugiriam do princípio do grupo que era: não ter regras e divertir-se, apontam que não existe uma dicotomia entre lazer casual e lazer sério, não sendo conceitos contrastantes, mas, sim, um *continuum*.

Em outras palavras, na perspectiva que traz o *continuum* do lazer, vai depender da experiência, sendo capaz de ser ora casual, ora sério, podendo variar de pessoa para pessoa, em graus de seriedades distintos (BROWN, 2007; SHEN, YARNAL, 2010; VEAL, 2016). Assim, toda forma de lazer pode ter graus de seriedade e comprometimento variados (SCOTT, 2012). Esta concepção recebe o nome de especialização em recreação e considera a seriedade no lazer como gradativo, isto é, como um *continuum* entre as atividades casuais e sérias. Foi criada por Hobson Bryan, na década de 1970, mesmo momento em que Stebbins iniciava seus estudos sobre o lazer sério, embora os dois, por correspondências, alegarem que não possuíam conhecimento um do outro na década da criação (SCOTT, 2012).

Destaca-se que Stebbins (2018) considerou o conceito de *continuum*, da especialização em recreação, como um avanço na perspectiva que se encaixa no lazer sério, porém, salientou que o conceito tem suas limitações e que algumas atividades - Por exemplo, como as de relaxamento, cochilar e passear em parque; de estimulação sensorial,

como o sexo, o turismo e o consumo de álcool; e as atividades de voluntariado casual, como entregar panfletos -, possuem pouca ou nenhuma possibilidade de ter uma carreira no lazer sério, sendo considerado lazer casual, desconsiderando a experiência e o indivíduo, como definido por Bryan (2000) e proposto por Brown (2007), Shen, Yarnal (2010) e Scott (2012). Entende-se a dicotomia em predizer se é lazer, ou não, e “qual” lazer se define. Da mesma forma, destaca-se a importância do *continuum* do lazer, como proposto por Bryan (2010). Porém, foi feita a distinção entre os conceitos apenas para exemplificar as três formas de lazer propostas por Stebbins, e como elas não se excluem, mas, sim, complementam-se.

Exemplo dos três conceitos da perspectiva proposta por Stebbins, no Brasil, é observado no trabalho de Teixeira (2008), quem apresenta a perspectiva do lazer sério ao analisar a festa bumba-meu-boi. Os interlocutores da festa se apropriam das possibilidades do lazer sério, por meio da organização da festa, desde antes de seu início, fechando os contratos, organizando as fantasias e os compromissos religiosos inerentes à festa; e nos dias da festa propriamente dita organizam os materiais e os espaços, e realizam atividades comerciais e artísticas, seja por hobby, voluntariado, e/ou como atividade amadora. Os espectadores, que participam fielmente, popularizam a tradição local, por meio do lazer baseado em projeto, e para aqueles que estão visitando a cidade, ou indo pela primeira vez, ilustram o lazer casual (TEIXEIRA, 2008).

No Brasil, são poucos os trabalhos que têm utilizado a perspectiva do lazer sério (OLIVEIRA; DOLL, 2012). Oliveira e Doll (2014) apresentam algumas justificativas para isso: complexidade da perspectiva, especialmente por não haver traduções no idioma português; dificuldade para compreensão de uma nova visão do fenômeno lazer, visto que, no Brasil, as pessoas ainda são influenciadas por outras concepções mais populares, como de Dumazedier (1973) e de Marcellino (2012); e, ainda, por ser mais específico, e de difícil assimilação para os estudiosos que entendem o fenômeno como momento de liberdade, fruição e ludicidade. O fato de Stebbins ter dado mais atenção ao lazer sério em detrimento do lazer casual, também reflete na apropriação dos estudiosos brasileiros, visto que, no Brasil, as concepções de lazer e o senso comum, estão mais próximos do lazer casual, o que torna o lazer sério desinteressante (OLIVEIRA; DOLL, 2014).

Outro aspecto que merece atenção nesta perspectiva é devido ao fato de o autor definir o lazer como atividade, não considerando o ócio como uma possibilidade neste

contexto. Entende-se que, nesta perspectiva, Stebbins se debruça nas reflexões do lazer com certo grau de comprometimento. No entanto, seria interessante entender a visão do autor a respeito do ócio, principalmente, neste atual cenário mundial, onde os aparatos tecnológicos, bem como, outros compromissos diários, ocupam grande parte do dia e a inatividade pode ser o momento de lazer mais criativo; porém, menos vivido no cotidiano urbano. De acordo com Oliveira e Doll (2014), Stebbins é flexível às críticas, entendendo-as como um modo de aprimorar sua perspectiva, visto que ainda está em construção.

Nessa pesquisa, acredita-se que a perspectiva do lazer sério, juntamente com os avanços sugeridos por Bryan (2000), Brown (2007), Shen, Yarnal (2010) e Scott (2012), referente ao *continuum* do lazer, possa melhor definir o lazer para os idosos nos parques públicos urbanos, uma vez que, o lazer sério parece superar a dicotomia lazer e trabalho, pois, talvez, outros conceitos mais utilizados (DUMAZEDIER, 1973; MARCELLINO, 2012), podem não dar conta de explicar o fenômeno para as pessoas que não possuem o trabalho como atividade central da vida (OLIVEIRA; DOLL, 2014), que é o caso de grande parte dos idosos aposentados. Acredita-se, também, que os idosos podem frequentar os parques por uma obrigação agradável, de maneira sistematizada, ou não. Esta situação pode ser exemplificada por um grupo de corrida para idosos em Porto Alegre, investigado por Oliveira (2010), sob a perspectiva do lazer sério. O autor discute que, embora pratiquem de forma séria, os corredores entendem a corrida como lazer e como atividade central da vida, resultando em uma carreira de lazer, que influencia positivamente no envelhecimento, bem como para lidar com as mudanças físicas, emocionais, culturais e sociais.

Contudo, desde 1973, Stebbins vem se dedicando aos estudos sob a perspectiva do lazer sério. Criou um site próprio⁷, no qual divulga seu trabalho, alimentando-o com sua biografia, bem como outros trabalhos que envolvam o lazer sério diretamente, sendo que possui um espaço reservado para os trabalhos relacionados ao envelhecimento. Assim sendo, salienta-se a importância das contribuições de Stebbins como colaborador para as discussões no âmbito do lazer e do envelhecimento.

⁷ <https://www.seriousleisure.net/>

2.2 LAZER E ENVELHECIMENTO

Ainda são poucos os trabalhos que investigam o lazer e o envelhecimento (DAVIM *et al.*, 2003; OLIVEIRA *et al.*, 2015) e, mesmo instituído por lei, ainda se encontram algumas restrições para serem superadas, a fim de assegurar o direito ao lazer de idosos (RODRIGUES, 2002). Os investimentos destinados aos idosos, em sua grande maioria, são atribuídos ao assistencialismo; ou seja, como a previdência, saúde e outras assistências imediatistas, deixando outras necessidades, como a educação, a cultura e o lazer em segundo plano (VIEIRA; FREITAS JUNIOR, 2019).

Sabe-se que a população de pessoas com 60 anos ou mais vem aumentando, de forma significativa, com o passar dos anos (IBGE, 2018). Porém, o aumento, não significa que estes idosos estão com mais qualidade de vida. Longe disso; o processo de envelhecimento vem junto com altos índices de estresse, ansiedade e depressão (SILVA *et al.*, 2019).

Durante muito tempo, o idoso foi conhecido devido às suas limitações, doenças e por ser um tempo de solidão, em uma dimensão puramente biológica. Mais recentemente, os idosos tendem a se preocupar com o sentido da vida, se já atingiram ou ainda irão atingir seus objetivos, como por exemplo, sua independência financeira e de seus familiares, casamento dos filhos e crescimento dos netos (BARRETO, 2005). Além disso, conforme descrito por Barreto (2005), a qualidade de vida do idoso é afetada pelas perdas, porém, mais especificamente, pelo significado que o idoso atribui à sua vida e a si mesmo, sendo que as interações sociais contribuem nesse processo.

Além disso, para os idosos, segundo Davim *et al.* (2003) e Mota (2018), o lazer é de suma importância no processo de envelhecimento e contribui nos aspectos físicos, espirituais e sociais, podendo corroborar com a qualidade de vida e bem-estar dos mesmos. Além de contribuir na manutenção da saúde e no desenvolvimento biopsicossocial, colabora com a apropriação legítima do meio em que vivem (RICARDO *et al.*, 2013).

O envolvimento em atividades de lazer, como ir a museus, galerias de arte ou exposições, teatros, concertos ou óperas, possui diversos benefícios para a saúde de idosos, principalmente na diminuição do risco de demência (FANCOURT; STEPTOE CADAR, 2019). Conforme Teh e Teyb (2019), idosos que jogam cartas, assistem televisão, ouvem rádio e participam de atividades sociais diversas tendem a ser menos solitários, logo,

podem ter melhor qualidade de vida e bem-estar. Além disso, os autores supramencionados apontam a importância em desenvolver atividades culturais, pois elas fomentam o pertencer na cidade, necessidade básica de seres sociais.

Como descrito por Qiu *et al.* (2019), autores que analisaram idosos com 80 anos ou mais, durante 16 anos, esta população deve levar uma vida mais ativa física e intelectualmente. Para isso, sugerem que os idosos participem de projetos ofertados pelo governo, serviços de saúde, voluntariado e instituições acadêmicas. Inclusive porque ler jornais ou livros, assistir TV, ouvir rádio, realizar trabalho de jardinagem, participar de atividades sociais (incluindo atividades religiosas), jogar cartas e cuidar de animais de estimação são atividades que podem diminuir os riscos de comprometimento nas capacidades cognitivas, fomentando, assim, maior autonomia e independência dos idosos.

As atividades sociais, a participação cívica, o trabalho remunerado e o trabalho voluntário - considerados lazer para Stebbins (2005) - estão presentes na proposta política de envelhecimento ativo, no entanto, são atividades caracterizadas como desafiadoras, por terem baixa prevalência, visto que idosos com condições financeiras melhores e maior escolaridade se envolvem mais em atividades sociais, de lazer e de trabalho (SOUSA *et al.*, 2019). De acordo com Davim *et al.* (2003), após encerrarem as obrigações profissionais, os idosos não sabem o que fazer com o tempo livre e procuram, muitas vezes, o lazer para fugir da solidão e passar o tempo. Por outro lado, podem não desfrutar de todas as potencialidades presentes no lazer.

Um estudo com centenários demonstra que o lazer tende a diminuir com o passar dos anos, ficando limitado ao lazer artístico, manual e intelectual, conforme as categorias propostas por Dumazedier (1973) (NAMAN *et al.*, 2017). Isso confronta com a ideia de que, na aposentadoria, o idoso fica mais propenso ao tempo livre, desfrutando de atividades mais prazerosas e espontâneas (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Entende-se a aposentadoria por duas ópticas. A primeira se refere ao tempo privilegiado para o lazer, por ter uma quantidade maior de tempo disponível e não possuir as obrigações do trabalho (OLIVEIRA *et al.*, 2015). A segunda pela exposição dos problemas sociais e financeiros enfrentados nesta fase da vida (RODRIGUES, 2002), ou seja, enquanto alguns têm tempo privilegiado, outros têm que continuar trabalhando, para manter a casa, os filhos e os gastos com remédios. Além disso, muitos possuem dificuldade em se adaptar à nova fase da vida, por ter trabalhado a vida toda. Por não terem tido uma

educação para o lazer, isto é, uma formação que potencializa a vivência do lazer de forma positiva, crítica e integral (SILVA; RAPHAEL; SANTOS, 2006), perdem o sentido da vida, e tendem a viver um tempo de solidão. Desta forma, a aposentadoria pode ter caráter positivo ou negativo, para o acesso e a permanência dos idosos em atividades no lazer (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Ressalta-se também a influência de fatores econômicos para a participação dos idosos no lazer (MARCELLINO, 2007). Porém, além da aposentadoria insuficiente, a dependência dos idosos influencia diretamente no lazer, visto que, muitas vezes, os mesmos não possuem o poder de escolha, sendo as atividades de lazer determinadas por familiares (MOURA; SOUZA, 2012), perdendo o sentido da atividade significativa e prazerosa, tendo caráter meramente funcionalista do lazer⁸.

De acordo com Vieira e Freitas Junior (2019), há a necessidade de conceituar os termos: idoso e lazer, visto que a falta de conceituação pode levar o pesquisador a ingenuidades teóricas, bem como, proposições genéricas e preconceituosas. Embora sejam conceitos familiares e tratados no senso comum, são temas em constantes transformações e merecem ser definidos. Partindo dessas premissas, entende-se os idosos como seres únicos, não homogêneos, não devendo ser categorizados apenas pela idade cronológica, mas também pelo estilo de vida, fatores sociais econômicos e constitucionais, sexo, saúde, reservas funcionais e determinantes genéticos (NAHAS, 2000; SHEPHARD, 2003).

Para os idosos, a criação e o aperfeiçoamento de grupos de convivência é uma das soluções para melhorar a qualidade de vida, sendo que, os idosos preferem programas que fomentem maiores vínculos familiares e comunitários com atividades socio-ocupacionais e de lazer (SILVA; NÓBREGA; CORTÊ, 2015). Os grupos de convivência ou grupos da terceira idade/idosos são reconhecidos por reunirem as pessoas com 60 anos ou mais de idade, oportunizando sociabilidade, estratégias para lidar com os sofrimentos físicos, psicológicos e sociais, engajamento nos direitos dos idosos, desenvolvimento de criatividade, e novas habilidades (FERRARI, 2002). Tais grupos também podem colaborar na redução da solidão, na sensação de liberdade, vontade de viver e na convivência com outros idosos (ANDRADE *et al.*, 2014), uma vez que ofertam diversas atividades de lazer,

⁸ Lazer como meio para determinado fim. Exemplo da abordagem funcionalista do lazer é entendê-lo como recompensa ou recuperação do trabalho (PADILHA, 1992).

como atividades culturais, intelectuais, físicas, manuais, artísticas e de convívio grupal (BENEDITTI; MAZO; BORGES, 2012).

Na visão dos coordenadores de cinco grupos de convivência em Florianópolis, os grupos de convivência podem ser considerados espaço de lazer para idosos, de forma que o lazer contribui para melhorar as condições de vida dos frequentadores (SANTOS; MARINHO, 2016). Embora, Santos e Marinho (2016), ao analisarem as concepções de lazer desses coordenadores, tenham percebido que os mesmos compreendem o lazer como atividades prazerosas, de diversão e de fuga dos problemas. O que, por sua vez, reduz o lazer a um conjunto de atividades para passar o tempo, que, muitas vezes, podem gerar alienação, pois restringem outros aspectos mais complexos do fenômeno, como a possibilidade de exercer a cidadania e outras mudanças sociais positivas. Para as autoras supramencionadas, as concepções de lazer podem influenciar na dinâmica e na organização dos grupos de convivência.

Os idosos acreditam que atividades de lazer, como exercícios físicos, contribuem na saúde, mais especificamente, nas dores articulares, aumento de força, resistência, flexibilidade, e perda de peso, colaborando com uma maior sensação de alegria, otimismo, estética, disposição e convívio social (COSTA *et al.*, 2017). Do mesmo modo, Azevedo e Brêtas (2017) discutem que, além dos benefícios na saúde, os idosos se sentem mais dispostos a realizar atividades rotineiras, a tomar decisões e gerir a própria vida, após participar de projeto visando o lazer.

Idosas em instituições de longa permanência que desenvolvem atividades como, hidroginástica, dança, canto e oficina artística apresentam maiores índices de depressão e pior qualidade de vida, comparadas com idosas que participam de centros de convivência com atividades, como, artesanato, canto, musculação, ginástica e informática (SILVA *et al.*, 2019). Os autores especulam que um dos motivos seja o local, devido ao fato de ser restrito, mesmo que as instituições de permanência sejam consideravelmente grandes.

Dessa forma, entende-se que, para além da atividade, o espaço frequentado pelo idoso é fundamental, uma vez que, em alguns casos, o ambiente, as redes sociais, e a relação consigo próprio tendem a fazer com que o idoso se isole, ficando limitado ao ambiente domiciliar, fomentando o sedentarismo (RICARDO *et al.*, 2013).

Diante disso, compreende-se o lazer como grande potencializador e edificador do ser humano, mesmo nas manifestações sem gasto de energia, quando possibilita a reflexão,

criticidade, desenvolvimento pessoal, moral e social (MELO, 2005), como exemplo, assistir filme, deitar na rede, escutar música, conversar e contar histórias, visto que as relações sociais tendem a afetar o sucesso em distintos aspectos da vida, inclusive no trabalho. Para tanto, Davim *et al.* (2003) e Matsudo, Matsudo e Barros Neto (2001) sugerem a criação e a manutenção de espaços e equipamentos destinados ao lazer para idosos.

2.3 FACILITADORES E RESTRIÇÕES PARA O LAZER

As restrições são fatores identificados pelos pesquisadores ou percebidas e vivenciadas pelos próprios participantes que podem limitar a participação, afetar as preferências e/ou reduzir o prazer e a satisfação da participação em atividades de lazer (JACKSON, 2000). As restrições, conforme Crawford, Jackson e Godbey (1991), podem ser alinhadas de formas sequenciais e hierárquicas, e são divididas em três categorias: 1) Restrições intrapessoais, que estão relacionadas ao estado psicológico do indivíduo e às preferências de lazer; 2) Restrições interpessoais as quais estão relacionadas à interação interpessoal ou à relação entre as características dos indivíduos que afetam as preferências e a participação em atividades de lazer; e 3) Restrições estruturais que são os fatores que podem restringir a participação em atividades de lazer após os indivíduos terem participação prévia na atividade, tais como, recursos financeiros, estação do ano e clima (CRAWFORD; JACKSON; GODBEY, 1991).

No que diz respeito ao modelo sequencial e hierárquico, Crawford, Jackson e Godbey (1991) propõem que as restrições são encontradas de forma hierárquica, sendo que as primeiras restrições encontradas são as restrições intrapessoais, posteriormente, se tais restrições foram ausentes ou foram confrontadas são formadas as preferências de lazer. Em seguida, se as atividades envolverem outras pessoas, podem ser encontradas as restrições interpessoais. Depois que as restrições anteriores forem confrontadas ou não existirem, as restrições estruturais podem ser encontradas. Por fim, a participação ocorrerá se as restrições estruturais não existirem ou forem confrontadas (CRAWFORD; JACKSON; GODBEY, 1991).

A literatura mostra que, para frequentar parques, as restrições relacionam-se com a falta de interesse pessoal, medo, problemas de saúde (restrições intrapessoais); ausência de companhia (restrições interpessoais); acesso e conhecimento limitado do parque, falta de

tempo, transporte público, instalações e custos para a entrada no parque (restrições estruturais) (RUSHIN; D'ANTONIO; NEEDHAM, 2019; ZANON *et al.*, 2013). Além disso, Perry *et al.*, (2018), apontam a ausência de estacionamento, iluminação, quantidade de jogos e equipamentos, e também falta de acessibilidades arquitetônicas, visto que, muitas vezes, estes espaços não possuem solos planos (PERRY *et al.*, 2018), rampas e corrimões, dificultando o acesso.

Estudos sugerem, também, maior planejamento e política governamental que visem criar programas como as academias ao ar livre e mais espaços abertos, bem demarcados, para realizar atividades físicas, como caminhadas e corridas (PARRA *et al.*, 2010; CAMARGO *et al.*, 2018), assim como, campanhas para conscientização das potencialidades dos parques (FERMINO *et al.*, 2015), e maior segurança/serviços de atendimento, e regulamentação do trânsito nas mediações dos parques (PIZANI *et al.*, 2015; COPELAND *et al.*, 2017).

Ressalta-se que, o modelo proposto por Crawford, Jackson e Godbey (1991), também se trata de um modelo válido para analisar as restrições após os indivíduos começarem a participar de determinada atividade, uma vez que as restrições também influenciam diretamente nos aspectos subjacentes à participação, como a frequência, o envolvimento e o nível de especialização nas atividades. De acordo com Jackson, Crawford e Godbey (1993), o efeito das restrições não é, necessariamente, a não participação em atividades de lazer, pois a participação depende não somente da ausência de restrições, mas da negociação por meio delas.

O conceito de negociação foi introduzido na teoria de restrições para explicar como as pessoas usufruem do lazer, apesar das restrições (JACKSON; CRAWFORD; GODBEY, 1993). Diante disso, Kay e Jackson (1991), Ito, Kono e Walker (2020), Lee, Shin e Jeong (2020) identificaram recursos e estratégias para negociação das restrições impostas, como por exemplo: na falta de recursos financeiros, as pessoas economizaram dinheiro e identificaram oportunidades mais baratas; quando confrontadas com as restrições relacionadas à limitação de tempo, as pessoas reduziram o tempo que dispunham nas tarefas domésticas e reduziram o tempo de trabalho. Nesse sentido, as estratégias de negociação permitem uma nova participação ou a continuação em atividades de lazer já iniciadas. Isto é, as negociações das restrições podem facilitar a participação no lazer mesmo com restrições (HUBBARD; MANNELL'S, 2001).

Nessa perspectiva, Kocak (2017) aponta que os aspectos facilitadores podem desempenhar uma função importante para a negociação do lazer, conseqüentemente, na participação. Segundo Raymore (2002), os facilitadores são fatores identificados pelos pesquisadores ou percebidas e vivenciadas pelos próprios participantes que podem promover ou permitir a formação das preferências de lazer, que incentivam ou aumentam a participação no lazer. A autora supramencionada aponta que os facilitadores se diferem da motivação, pois se trata de uma condição existente que permite a participação no lazer e não o limita. Por outro lado, os fatores motivacionais estão relacionados e podem influenciar nas restrições e nas estratégias de negociação das restrições para a participação (JACKSON; CRAWFORD; GODBEY, 1993).

Assim como as restrições, os facilitadores foram divididos em três categorias que possibilitam, encorajam ou aumentam a participação no lazer, a saber: 1) Facilitadores intrapessoais são definidos como características individuais, traços e/ou crenças; 2) Facilitadores interpessoais são definidos como as condições relacionadas com outros indivíduos ou grupos; e 3) Facilitadores estruturais são definidos como aquelas instituições, organizações ou sistemas de crenças de uma sociedade, isto é, condições externas ao indivíduo. Mesmo que, o termo “facilitadores” tenha sido escolhido devido ao fato de ser o antônimo de “restrições”, os dois termos não são opostos. Isto é, a presença de um facilitador não significa que uma restrição equivalente foi superada. Do mesmo modo, a falta de restrições não necessariamente facilita a participação (RAYMORE, 2002).

Nesse sentido, Raymore (2002) propõe que, para compreender o envolvimento no lazer, é necessário entender os facilitadores e as restrições e como funcionam juntos. Ainda que o modelo hierárquico dos facilitadores e das restrições para o lazer exista há muitos anos, há uma falta de pesquisas sobre o papel dos facilitadores no processo de negociação das restrições (SON *et al.*, 2021). No Brasil, em especial, faltam pesquisas sobre as restrições, e tal fato pode estar relacionado com a popularização de teorias, como a de barreiras, propostas por Marcellino⁹ (ANDRADE *et al.*, 2017).

Portanto, segundo Jackson, Crawford e Godbey (1993), a antecipação para compreender as restrições consiste não simplesmente na antecipação da presença ou da intensidade de uma restrição, mas também de antecipação da capacidade de negociá-la.

⁹ Para Marcellino (2012), um importante estudioso do lazer no Brasil, as barreiras são fatores socioeconômicos e estruturais que inibem e dificultam a prática do lazer, determinando, assim, a participação e a não participação.

Visto isto, entende-se a importância de compreender os possíveis facilitadores e restrições à visitação de parques públicos urbanos por idosos.

2.4 ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER

Após as mudanças trabalhistas, mais especificamente, com a diminuição na jornada de trabalho, na década de XX, a população começou a possuir mais tempo para frequentar e se apropriar dos espaços públicos urbanos e, a partir disso, os espaços e os equipamentos começaram a se popularizar e as pessoas começaram a solicitar ao poder público a criação de novos espaços para lazer (MENDONÇA, 2007). A apropriação para além do descrito no dicionário, como tomar para si, tomar como propriedade, está relacionada com uma dimensão simbólica (CORADINI, 1992), que envolve um processo dialético (BATISTA, 2018), o qual se difere de simplesmente frequentar o espaço, mas se sentir parte dele, respeitando crenças, valores e significados inerentes ao lugar e a si próprio.

Os espaços públicos se configuram como território do lazer, o qual pode ser apropriado como espaço de convivência, liberdade e emancipação (VERSIANI; PEREIRA, 2019). Para Gonçalves e Rechia (2015), os espaços e os equipamentos distribuídos na cidade são de suma importância para as relações sociais e de poder de uma sociedade. Isto é, a própria comunidade pode determinar a representatividade e a funcionalidade do espaço, dependendo de quem e como faz uso.

Como descrito por Kocian e Silva (2016), a partir de uma revisão bibliográfica entre os anos de 2008 a 2014, a participação da comunidade nas tomadas de decisões para criação, apropriação e avaliação dos espaços públicos urbanos são de suma importância. Assim, entende-se que as pessoas podem escolher onde querem e devem estar, nos momentos de lazer, no entanto, essas escolhas são construídas historicamente e, possivelmente, são influenciadas por fatores socioculturais (TSCHOKE *et al.*, 2011).

Dessa forma, entende-se o valor dos espaços destinados ao lazer, pois além de locais de embelezamento urbano, de deslocamento físico, reflete a cidadania, uma vez que fomenta a justiça social, a autonomia e a qualidade de vida (MENDONÇA, 2007). Além disso, possibilita o encontro de pessoas com propósitos em comum, sendo local de iniciativas e encontros de manifestações culturais e políticas, visto que os frequentadores tecem comentários críticos em relação à sociedade e à própria vida e tendem a possuir

maior interesse na busca do direito ao lazer, que muitas vezes, é esquecido (*TSCHOKE et al.*, 2011).

Assim, a existência de espaços e equipamentos de lazer contribui para práticas esportivas, sociabilidade, ludicidade e trocas de experiências (RECHIA; FRANÇA, 2006; GONÇALVES; RECHIA, 2015), resultando em desenvolvimento cultural e socioespacial¹⁰. Por outro lado, caracteriza-se também pela exclusão de grande parte da população, visto que, mesmo que públicos, muitos possuem caráter mercadológico, reconhecido e apropriado pelo consumo em massa, como exemplo, os shoppings centers (VERSIANI; PEREIRA, 2019), e grandes praças localizadas em regiões centrais. Igualmente, os ambientes culturais e de lazer eruditos, como museus, cinemas, teatros, que ainda são restritos, são utilizados, em sua grande maioria, pela população educada para o lazer (MELO, 2002).

A estética do espaço (COLLET *et al.*, 2008; SILVA *et al.*, 2016), o comportamento dos frequentadores (SILVA; PETROSKI; REIS, 2009), as experiências de lazer, bem como, a localização e os elementos naturais (SILVA *et al.*, 2016) influenciam no uso dos espaços e equipamentos de lazer. Partindo destas considerações, entende-se a importância da construção destes, em diferentes pontos da cidade (SILVA *et al.*, 2016). Para isso, há a necessidade de criação e execução de políticas públicas de lazer, como o caso de Pelotas (RS), cidade na qual foi criada uma lei municipal que institui, pelo menos, uma área com equipamentos de esporte, recreação e lazer em cada bairro. Contudo, não basta ter a lei, se os projetos não forem executados e fiscalizados (BETTIN; PEIL; MELO, 2018).

Para Tschoke *et al.*, (2011), um dos principais modos para a apropriação dos espaços públicos é identificar os líderes e incentivá-los a serem multiplicadores e potencializadores do lazer nestes espaços. Por exemplo, os professores que realizam suas aulas nestes locais, as academias que utilizam estes espaços para desenvolver atividades, as Fundações, Associações e Organizações não Governamentais (ONGs), que utilizam destes espaços para realizar oficinas e palestras, por fim, porém não menos importante, as famílias que levam seus filhos para brincar nestes locais.

Vale ressaltar que a falta de segurança, de manutenção, estacionamento, profissionais, programas de esporte e lazer (SILVA *et al.*, 2016) e a criminalidade, vêm

¹⁰ Mudança positiva na qualidade de vida, envolvendo as relações sociais e a espacialidade (SOUZA, 2002).

sendo uma barreira para a apropriação destes espaços, visto que a sociedade prefere modificar seus costumes, permanecendo dentro dos domicílios, em ambiente controlado, ao invés de frequentar espaços públicos urbanos, sem segurança (MENDONÇA, 2007). Outros aspectos negativos são reconhecidos também em relação a não apropriação dos espaços urbanos, como a qualidade dos mesmos, a forma de planejamento e a gestão destes, apontados em 2007, por Mendonça e que reverberam até os dias atuais.

Para Melo (2002), um dos motivos de encontrar diversos espaços e equipamentos abandonados é o fato de a comunidade não ter sido envolvida, tão pouco, escutada. Principalmente, os idosos, visto que já são esquecidos em detrimento das pessoas mais ativas socialmente. Em concordância, Collet *et al.* (2008), ao analisarem um parque público em Florianópolis, apontam que a percepção dos usuários é um importante motivo de frequência e de uso de parques públicos.

2.4.1 Parques públicos urbanos

Os parques urbanos foram criados a partir do século XIX, a fim de superar as particularidades da era industrial; isto é, propor o afastamento do caos das cidades e a contemplação do ócio e do lazer (MACEDO; SUKATA, 2010). A literatura apresenta dificuldades em definir o conceito de parque. Adota-se neste estudo a compreensão de Macedo e Sukata (2010), por acreditar que melhor define as amplas potencialidades dos parques públicos e por não se limitar às dimensões e funcionalidades dos mesmos. Os autores definem os parques como espaços de uso público, com áreas verdes, destinados ao lazer, com possibilidade de conservação ambiental, sendo autossuficiente; ou seja, a sua configuração, não é diretamente influenciada por estruturas construídas em seu entorno. No Brasil, são poucos os trabalhos, no âmbito da Educação Física, que analisaram os parques públicos. Diante disso, é necessário recorrer a outras áreas, como as ciências agrárias e humanas, com pesquisas abrangentes para suprir as lacunas existentes (PIZANI *et al.*, 2015).

Sabe-se que os parques são de suma importância para a vida urbana, principalmente, por possibilitar a preservação das áreas verdes, e por fomentar o envolvimento com a natureza (COLLET *et al.*, 2008; PIZANI *et al.*, 2015; BURROWS; O'MAHONY; GERAGHTY, 2018). Os parques públicos servem como estratégias para promoção da

saúde, qualidade de vida (CAMARGO *et al.*, 2018) e diminuição do estresse dos cidadãos (GAO *et al.*, 2019).

São diversas as atividades que podem ser realizadas nos parques. Destacam-se as atividades físicas/esportivas, como caminhada, corrida, alongamento, danças, lutas, mas também, atividades sociais, como piquenique, ações que colaboram para socialização de pessoas que estão ali com o mesmo propósito ou passeando com os filhos (CUNNINGHAM-MYRIE *et al.*, 2019), amigos e familiares (PIZANI *et al.*, 2015; BURROWS; O'MAHONY; GERAGHTY, 2018). Segundo Rechia, Santos e Tschoke (2012), algumas pessoas frequentam os parques para passear e ser visto pelas outras pessoas; e outras vão para ficarem sozinhas (BURROWS; O'MAHONY; GERAGHTY, 2018).

Rechia, Santos e Tschoke (2012), ao analisarem um parque urbano em Araucária (PR), região metropolitana de Curitiba, por meio de observações sistemáticas e entrevistas com 27 pessoas, dentre elas, adolescentes (6), adultos (15) e idosos (6), perceberam que os interesses da comunidade local, eram mais físicos/esportivos, principalmente durante a semana, sendo mais atraídos pelas aulas na Aldeia da Solidariedade¹¹ e treinos de futebol ofertados em espaços específicos do parque. Vale ressaltar que o parque supramencionado é o principal da cidade, possui boa estrutura, e conta com distintos espaços e equipamentos destinados ao esporte e lazer, como academia ao ar livre, pista de corrida, campo de futebol, quadras de cimento, parque infantil, museu, casa de artesanato, mirante, aldeia e ginásio esportivo (RECHIA; SANTOS; TSCHOKE, 2012).

Por sua vez, Pereira e Bahia (2018), na investigação de um parque ecológico em Belém (PA), perceberam que os moradores da cidade e turistas se apropriam do parque para o lazer, utilizam o mesmo mais para contemplação que para desenvolver quaisquer outros tipos de atividades, uma vez que não há uma frequência por parte dos usuários. O parque oportuniza o entretenimento, o lazer e o turismo, contando com os seguintes espaços e equipamentos: memorial amazônico da navegação, farol de Belém (torre em estrutura metálica e dois níveis de observação), viveiro de plantas e de animais, restaurante de comida regional e internacional, mirante, borboletário e o armazém do tempo que é utilizado para exposições; sendo que o borboletário, o farol, o viveiro e o memorial da

¹¹ “Local constituído por construções típicas polonesas: casas, paiol, capela e uma roda d’água”. “[...] além de funcionar como ponto turístico do Município oferece cursos e oficinas” (ARAUCÁRIA, 2014, p. 10).

navegação são pagos. Os autores especulam que a pouca adesão ao parque seja devida às restrições do mesmo, resultando em desconforto da comunidade, que não o utiliza cotidianamente. De acordo com os autores do estudo supramencionado seria interessante que, nestes locais, fossem ofertadas diversas possibilidades de lazer, como práticas físicas, artísticas, intelectuais, manuais e sociais, a fim de envolver a comunidade (PEREIRA; BAHIA, 2018). O modo de apropriação de um parque para outro pode ser devido às diferenças estruturais do parque, o desejo da comunidade e o público-alvo.

Em 2018, foram criadas as diretrizes para intervenções do Parque da Luz (FLORIANÓPOLIS, 2018). As diretrizes fazem parte do Projeto Ponte Viva que prevê a criação, adequação e melhoria da infraestrutura viária e dos demais espaços públicos abertos do entorno da Ponte Hercílio Luz. Para isso, a população foi consultada, por meio de questionário e oficina, sobre suas percepções e sugestões em relação à forma de utilização do parque, à avaliação sobre as estruturas existentes e às propostas de usos. Além disso, foram identificados os motivos pelos quais as pessoas não frequentam o parque (FLORIANÓPOLIS, 2018).

De acordo com a percepção dos frequentadores para criação das diretrizes supramencionada, o Parque da Luz precisava aprimorar a segurança, a iluminação, a acessibilidade, a conservação, a manutenção, bem como, as atividades de educação ambiental, feiras e eventos culturais e artísticos. Visto que, as áreas mais frequentadas ou a de maior interesse eram as áreas arborizadas, as trilhas, os caminhos, os brinquedos infantis, o campo de futebol e a horta comunitária (FLORIANÓPOLIS, 2018). Como sugestão, os participantes mencionaram a necessidade de sanitários, quiosques, informações turísticas, sala para atividades, bancos, mesas, pista de caminhada, parque infantil, academia ao ar livre, ciclovia, cercado para animais, equipamentos esportivos e espaço para redes. Para aqueles que não frequentavam o parque, as restrições estavam relacionadas à falta de segurança, medo, conservação, iluminação, estrutura, atrativos do parque, assim como, a falta de divulgação das atividades e a distância do parque com a residência (FLORIANÓPOLIS, 2018).

No entanto, quando analisado outro parque em Florianópolis (Horto Florestal), fatores como equipamentos, estacionamento, serviços de emergência e segurança não se apresentaram como determinantes para o uso do parque (COLLET *et al.*, 2008). Estes achados podem ser devidos às especificidades do espaço investigado, trata-se de um parque

urbano com boa estrutura física, com equipamentos e programas de lazer, sendo que os frequentadores, no geral, possuem percepção positiva do ambiente.

A partir desses apontamentos, entende-se a importância em analisar a percepção dos usuários, em relação a diversos aspectos dos parques (GALLERANI *et al.*, 2017; VAN HECKE *et al.*, 2017). Como descrito por Gallerani *et al.* (2017), as informações coletadas dos parques, segundo os próprios usuários, têm seu valor, e devem ser divulgadas em sites, por meio de ferramenta própria, para a população ter acesso às descrições detalhadas dos parques, como funcionalidades, faixas etárias, especificações de acesso (público ou privado); e também devem ser expostas aos gestores públicos, para requisitarem melhorias no parque, como por exemplo, limpar paredes pichadas.

Do mesmo modo, dar voz aos frequentadores colabora para o empoderamento dos mesmos, uma vez que, como podemos observar na fala de um adolescente do estudo supramencionado (“quando você olha para as coisas ruins nos parques, faz com que você queira alterá-las e transformá-las em algo melhor”), há o desejo de que os frequentadores cuidem do parque, visto que, quando o tomam para si, as pessoas tendem a se tornarem mais responsáveis pelo espaço (GALLERANI *et al.*, 2017, p. S102).

Para além de compreender a percepção e a avaliação dos usuários em relação aos parques, faz-se necessário entender seus desejos e experiências, dado que esses fatores tendem a modificar quando muda o contexto sociocultural (VOIGT *et al.*, 2014). A partir disso, é possível aliar as características físicas dos parques com os interesses da comunidade, resultando em projetos de acordo com as necessidades locais. Como caracterizam Hjort *et al.* (2018), falta sistematização na elaboração de projetos e de instalações em parques e, a partir dessa acepção, os autores sugerem mais práticas baseadas em evidências, para não serem criados projetos que a comunidade não se aproprie.

Existem também outras dicotomias que envolvem as diferenças de um contexto para o outro, como os benefícios da proximidade dos parques com as residências (SCHIPPERIJN *et al.*, 2017; STEWART *et al.*, 2018). Schipperijn *et al.* (2017) analisaram 6.181 participantes de 12 cidades, em oito países diferentes (Bélgica, Brasil, República Tcheca, Dinamarca, México, Nova Zelândia, Reino Unido, EUA) e, de acordo com seus achados, as pessoas que moram a 1km de parques, possuem maiores chances de desenvolver atividades relacionadas ao lazer nos parques próximos.

Por sua vez, no estudo de Vaughan *et al.* (2018), foram identificados que os parques mais visitados não são os próximos das residências; isto é, os frequentadores tendem a se deslocar longas distâncias para frequentar parques mais bem equipados. Além disso, segundo os autores, apenas 8,5% dos participantes conheciam o parque mais próximo. Isto também pode justificar o fato de alguns parques serem superlotados (RECHIA; SANTOS; TSCHOKE, 2012; CUNNINGHAM-MYRIE *et al.*, 2019) e outros raramente frequentados (PARRA *et al.*, 2010).

A partir desses achados, especula-se que a proximidade pode colaborar com a apropriação dos parques, porém, não é a única motivação. Posto que não basta a cidade possuir uma maior quantidade de parques, se os mesmos não estiverem com infraestruturas adequadas e/ou não forem apropriados pela sociedade. Nesta direção, entende-se a importância dos equipamentos nos parques (RECHIA; SANTOS; TSCHOKE, 2012). Vaughan, Cohen e Han (2018) ao analisarem 197 parques, em 27 cidades dos Estados Unidos, perceberam que a maioria dos participantes possuía como locais favoritos do parque: instalações esportivas, parques infantis e locais para caminhar. De acordo com Vaughan, Cohen e Han (2018), para cada equipamento esportivo a mais no parque, pode acrescentar mais 6,8% de duração de atividade física realizada no parque; isto é, quanto mais equipamentos esportivos o parque possuir, mais tempo as pessoas poderão permanecer ativamente no parque.

Contudo, para Perry *et al.* (2018), os parques públicos, tanto os de bairros como os *playgrounds*¹² deveriam ser de fácil acesso, visto que podem ser usufruídos por todas as gerações e possuem baixo custo. Em resumo, tendem a ser boa estratégia para potencializar o lazer das pessoas que não possuem condições de frequentar academias e clubes privados (PARRA *et al.*, 2010). No entanto, quando analisado o perfil dos usuários da Jamaica (CUNNINGHAM-MYRIE *et al.*, 2019), Colômbia (CAMARGO *et al.*, 2018), Bélgica (VAN HECKE *et al.*, 2017) e do Brasil, mais especificamente, Curitiba (HINO *et al.*, 2010), Recife (PARRA *et al.*, 2010), Presidente Prudente (XAVIER *et al.* 2018), os idosos e as pessoas com baixa renda são minoria (VAUGHAN *et al.*, 2018). Embora, na China, em uma pesquisa com 4096 participantes, tenha sido observado que os idosos possuem mais vontade de visitar parques; isto é, esta população fez várias visitas ao parque e/ou estava

¹² Espaço para todas as idades, com ampla quantidade de equipamentos para jogos e recreação, usufruídos tanto por moradores locais como por turistas.

disposta a visitar novamente (SUN; LI; CHEN, 2019). Contudo, acredita-se em uma projeção crescente na quantidade de idosos em parques, principalmente, se houver melhorias na acessibilidade.

2.5 CIDADE AMIGA DA PESSOA IDOSA

Florianópolis é a capital do estado de Santa Catarina, localizada na região sul do Brasil, foi fundada em 1673 e teve sua emancipação política em 1726, de acordo com a Lei nº 15.709/2014 (FLORIANÓPOLIS, 2014a). De acordo com dados mais recentes do IBGE, estima-se que o município possui aproximadamente 500.973 habitantes (IBGE, 2019), com densidade demográfica de 623,68 hab/km² (IBGE, 2010), Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$40.162,60 e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,847, considerada a terceira cidade com maior IDHM do Brasil (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento [PNUD], 2016).

Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), em 2017, o salário médio mensal dos habitantes de Florianópolis era de 4.8 salários mínimos, a segunda cidade com maior salário do estado e a 14^a do país (PNUD, s/d). Sendo que, neste mesmo ano 64,5% dos habitantes com 16 anos ou mais, estavam ocupados¹³. No entanto, ainda, conforme a PNAD, em 2010, 20% das pessoas mais ricos da cidade concentravam cerca de 58,67% da massa da renda e os 20% dos mais pobres com 3,46% da renda total (PNAD, s/d). Reflexo disso, Florianópolis conta com um índice Gini¹⁴ de 0,5474, que varia entre zero e um, sendo zero uma situação de igualdade, onde todos têm a mesma renda e um que representa o oposto, onde apenas uma pessoa detém toda riqueza. Ressalta-se que o índice do país mais desigual do mundo é de 0,63 (África do Sul), e do Brasil é de 0,60, ficando na 121^a colocação de 127 países (PNAD, s/d). Estes dados deixam clara a desigualdade social enfrentada no país, em particular, em Florianópolis.

Além disso, o município conta com 87.8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 32% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 54.4% de

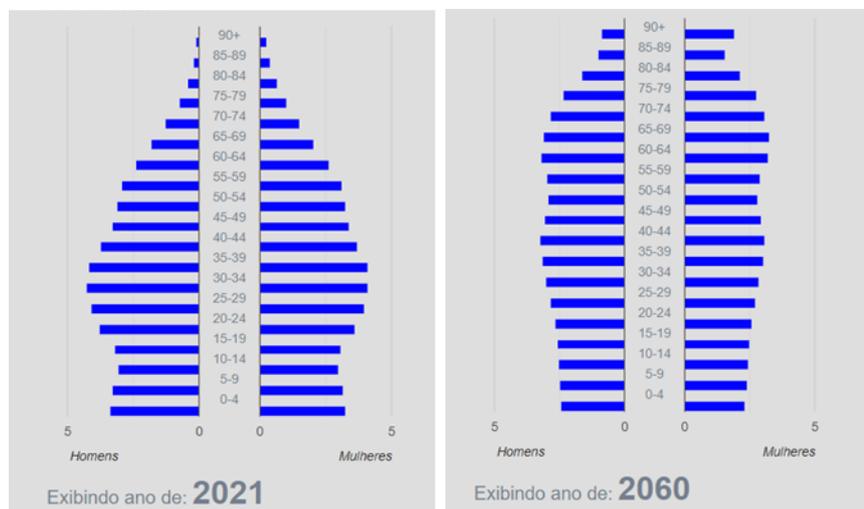
¹³ População ocupada são todas aquelas pessoas que, em um determinado período de referência, trabalharam ou tinham trabalhado, mas não estavam trabalhando, como, por exemplo, as pessoas em férias.

¹⁴ Índice de Gini, ou coeficiente de Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda de um grupo. Foi criado por Conrado Gini, e possui como objetivo apontar a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos (WOLFFENBÜTTEL, 2004).

domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada, isto é, com presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio (IBGE, 2010). Na educação, em 2010, Florianópolis contava com uma taxa de escolarização de crianças, de 6 a 14 anos de idades de 98,4%, e em 2017, possuía taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos de idade ou mais de 0,8%. Por sua vez, a porcentagem de analfabetismo em idosos é de 2,3%. Mesmo com o aumento neste número entre a população idosa, Florianópolis é considerada a capital mais alfabetizada do país, devido, principalmente, à ampliação das unidades de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, popularmente conhecida como EJA (FLORIANÓPOLIS, 2018).

Sabe-se que os números de pessoas com 60 anos ou mais vem aumentando ano após ano, e estima-se que em 2060 este número chegue em 25,5% da população total do Brasil (IBGE, 2018). Assim como no restante do Brasil, em Santa Catarina, como pode ser observado na figura 1, haverá grandes mudanças na pirâmide etária. Os idosos passaram de 15,66% para 33,17% da população do estado (IBGE, 2018). A partir desses apontamentos, acredita-se que as políticas públicas, devem ser criadas e reestruturadas a fim de contemplar essa parte significativa da sociedade.

Figura 1 – Pirâmide etária de Santa Catarina, anos 2021 e 2060.



Fonte: IBGE (2018).

Em 2014, foi criado o Plano Diretor de Florianópolis que dispõe sobre a política de desenvolvimento urbano, o plano de uso e ocupação, os instrumentos urbanísticos e o sistema de gestão. Foi sancionado pela lei complementar nº. 482 e tem por objetivo organizar a ocupação justa e equilibrada do município, por meio da correlação com o meio

ambiente e o patrimônio cultural. Para, além disso, visa o pleno desenvolvimento das funções sociais, econômicas e ambientais, proporcionando qualidade de vida, inclusão e segurança a toda comunidade (FLORIANÓPOLIS, 2014b). Como indicado no documento, para alcançar os resultados esperados com as estratégias do planejamento urbano e com os novos critérios de sustentabilidade, faz-se necessárias, a criação e a manutenção das áreas verdes de lazer (AVL)¹⁵ e das áreas de preservação permanente (APP)¹⁶.

O Plano Diretor é a legislação base para todo planejamento urbano da cidade. Para complementá-lo, o art. 3º do documento sugere a criação de planos, projetos e ações em lugares estratégicos da cidade, como nos parques urbanos (FLORIANÓPOLIS, 2014b). Para isso, foram criadas as diretrizes do plano diretor, as quais garantem a universalização da acessibilidade e asseguram a plena utilização dos espaços urbanos, por pessoas com deficiência e outras necessidades especiais, como os idosos. Mais especificamente, as pessoas com necessidades especiais detêm prioridade na utilização dos espaços públicos em comparação a todos os demais usuários (FLORIANÓPOLIS, 2014b), o que colabora, diretamente, com a inclusão dos idosos nos espaços públicos. Com essas mesmas preocupações, o município também criou o manual de acessibilidade do município.

O manual de acessibilidade de Florianópolis foi publicado em outubro de 2015, pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), e constam normas e orientações a respeito da acessibilidade na cidade, como as adequações das calçadas, pisos, rampas e sinalização tátil, para que a cidade seja acessível a todos. Além disso, no manual, é sugerida a criação de praças e áreas verdes acessíveis, em virtude das orientações da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU) que recomenda 15m² de área verde urbana por habitante (IPUF, 2015). No entanto, faltam informações a respeito da acessibilidade nestes espaços, como a quantidade e qualidade de bancos, mesas, rampas, traçados, equipamentos, entre outros elementos, que normalmente, não estão acessíveis para as pessoas com deficiências e/ou idosas. O que resulta em espaços públicos com

¹⁵ “Área Verde de Lazer (AVL) - são os espaços urbanos ao ar livre de uso e domínio público que se destinam à prática de atividades de lazer e recreação, privilegiando quando seja possível a criação ou a preservação da cobertura vegetal”. (FLORIANÓPOLIS, 2014, p. 23)

¹⁶ “Áreas de Preservação Permanente (APP) no município de Florianópolis são as zonas naturais sob a proteção do Poder Público, cobertas ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas [...]”. (FLORIANÓPOLIS, 2014, p. 23)

pouca, ou nenhuma acessibilidade, fomentando a segregação da pessoa idosa, o que consequentemente, afeta o envelhecimento ativo (DORNELES, 2006).

Com o aumento da população de idosos, tem acentuado, mesmo que em passos lentos, a preocupação com o envelhecimento. Em resultado disso, em outubro de 2019, foi aprovado o projeto de lei N° 402 (n° 1.313/2011, na Câmara dos Deputados), que institui o Programa Cidade Amiga do Idoso, que possui como finalidade incentivar os municípios a adotarem medidas para o envelhecimento saudável e com mais qualidade de vida. Para aderirem ao programa, as cidades devem possuir um conselho municipal do idoso em funcionamento e apresentar um plano de ação que contemple melhores condições nos seguintes aspectos: espaços abertos e prédios; transporte; moradia; participação social; respeito e inclusão social; participação cívica e emprego; comunicação e informação; apoio comunitário; e serviços de saúde, que visam melhoria nas vidas das pessoas idosas (BRASIL, 2019a). O projeto de lei foi pautado no estatuto do idoso, amparado pela lei n° 10.741, de 1° de outubro de 2003 (BRASIL, 2003), e no Guia Global: Cidade Amiga do Idoso (OMS, 2008). As cidades que conseguirem bons resultados com o plano de ação, após outorga do Conselho Nacional do Idoso receberão a titulação de Cidade Amiga do Idoso e as que aderirem ao programa terão prioridade no recebimento de recursos oriundos do Fundo Nacional de Apoio, previsto pela Lei n° 6.256, de outubro de 1975 (BRASIL, 1975).

De acordo com o Guia Global: Cidade Amiga do Idoso, os espaços verdes é uma das características mais mencionadas pelos idosos como sendo amigáveis aos idosos. No entanto, esses espaços devem ser limpos, agradáveis, seguros, ter banheiros adequados, bancos, lugares cobertos para proteger do mau tempo e possuírem fácil acesso. Além disso, uma cidade amiga do idoso deve ter espaços abertos com: 1) Calçadas niveladas, largas, sem rachaduras, antiderrapante, com rampas, meios-fios rebaixados e sem obstáculos como camelôs, carros estacionados e árvores; 2) Cruzamentos seguros para pedestres; 3) Acessibilidade; 4) Ambientes seguros; 5) Calçadas e ciclovias, de preferência separadas uma das outras; 7) Banheiros públicos adequados; e 8) Outros idosos (OMS, 2008).

Dessa forma, para entender as características amigáveis dos idosos, o guia realizou grupos focais com 33 idosos em cada país, resultando em aproximadamente 1500 idosos e 750 cuidadores e prestadores de serviços em vários países do mundo (OMS, 2008). No Guia é alertado que, para compreender os benefícios e as restrições encontradas pelos

idosos nas cidades, devem-se escutar os próprios interessados, isto é, os idosos. Do mesmo modo, as Nações Unidas também recomendam o envolvimento dos idosos, pois, com isto, os idosos colaboram com a sociedade nas tomadas de decisões e no desenvolvimento de políticas públicas. Esta participação direta dos idosos é utilizada para elaborar o guia e é recomendada nos projetos futuros a fim de acompanhar as evoluções das cidades, bem como, para motivar os idosos a atuarem como defensores e conselheiros das cidades amigas do idoso (OMS, 2008).

No guia, a participação social também é vista como de suma importância para saúde e bem-estar ao longo da vida. Assim sendo, as cidades devem ofertar para os idosos, atividades de lazer, esportivas, sociais, culturais e espirituais, pois, com as atividades, os idosos podem manter e criar relacionamentos de apoio e carinho, continuar exercendo sua autonomia e, também, é um modo com que eles se mantêm informados, visto que, ter informação imediata e acessível é uma das principais preocupações dos idosos (OMS, 2008). Mas além de ofertar as atividades, as cidades, principalmente aquelas em países em desenvolvimento ou com economia em transição, devem disponibilizar transportes e locais acessíveis às pessoas idosos e/ou com deficiência, e melhores meios de divulgação das atividades promovidas (OMS, 2008).

Nas cidades amigas dos idosos, as atividades e eventos são divulgados aos idosos por diferentes meios (boca-a-boca; visitas em casa; divulgação em postos de saúde, eventos públicos, centros comunitários, clubes e pela mídia rádio televisiva), nas divulgações constam as informações das atividades, a acessibilidade do local em que será realizada a ação (centros recreativos, escolas, bibliotecas, centros comunitários, parques e jardins) e as opções de transportes. No entanto, a falta de divulgação é bastante citada pelos idosos como um impedimento para a participação social, fazendo com que muitos idosos se isolem (OMS, 2008).

Muitos idosos, tanto em cidades desenvolvidas como as em desenvolvimento, vivem socialmente isolados, moram sozinhos, têm pouco apoio familiar e possuem algum tipo de incapacidade (OMS, 2008). Para esse grupo, as tecnologias de informação, poderiam ser uma alternativa e mesmo o guia tendo sido elaborado, há 12 anos, a internet já foi, mesmo que de forma tímida, citada como meio para divulgar e promover ações para os idosos. Os idosos pesquisados no guia, relataram que aceitar as mudanças é de

responsabilidade individual e coletiva; com isso, querem se manter informados e procuram se esforçar para aprender as novas tecnologias (OMS, 2008).

Contudo, uma cidade amiga do idoso é um lugar que preza a igualdade social, que reconhece e respeita a diversidade. O guia foi um ponto de partida, posteriormente, surgiram programas comunitários e pesquisas que formam uma rede global de comunidades amigas do idoso (CINAT, 2016; PORTO; REZENDE, 2018; MARSTON; VAN HOOF, 2019). No Brasil, por sua vez, Porto Alegre, Esteio e Veranópolis, no Rio Grande do Sul; Pato Branco, no Paraná; Balneário Camboriú, Santa Catarina; Jaguariúna, São Paulo, já receberam a certificação de cidade amiga do idoso (MERLIN, 2020).

Para alinhar a essa demanda mundial, no Brasil, foi criada a estratégia Brasil amigo da pessoa idosa, modalidade do programa vida saudável¹⁷, que visa fomentar ações para melhorar as condições de vida das pessoas idosas por meio de certificação das cidades e de apoio técnico. Foi instituída pelo decreto nº 9.921, em 18 de julho de 2019 (BRASIL, 2019b). Em síntese, a estratégia visa incentivar a elaboração de ações distintas para promover o convívio social e o bem-estar das pessoas idosas, proporcionando o envelhecimento ativo, saudável, sustentável e cidadão¹⁸ de toda população, principalmente das pessoas mais vulneráveis e possui como objetivos:

“I - o fomento a políticas públicas, programas, ações, serviços e benefícios que promovam o envelhecimento ativo, saudável, cidadão e sustentável por meio de comunidades e cidades amigas das pessoas idosas; II - a contribuição para a efetivação de políticas públicas, programas, ações, benefícios e serviços destinados à população idosa, principalmente a mais vulnerável; III - o fortalecimento dos conselhos de direitos das pessoas idosas e da rede nacional de proteção e defesa dos direitos da pessoa idosa; IV - a promoção da articulação governamental para a integração das políticas setoriais; V - o planejamento e a implementação de estudos, pesquisas e publicações sobre a situação social das pessoas idosas; e VI - o fortalecimento do arcabouço legal para o favorecimento da qualidade de vida da pessoa idosa (BRASIL, 2019b, p. 1).

¹⁷ “O Programa Vida Saudável, na sua essência, visa oportunizar a prática de exercícios físicos, atividades culturais e de lazer para o cidadão idoso, estimulando a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que o esporte e o lazer sejam tratados como políticas públicas e direitos de todos (BRASIL, s/d).”

¹⁸“I - envelhecimento ativo - o processo de melhoria das condições de saúde, da participação e da segurança, de modo a melhorar a qualidade de vida durante o envelhecimento; II - envelhecimento saudável - o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar da pessoa idosa; III - envelhecimento cidadão - aquele em que há o exercício de direitos civis, políticos e sociais; IV - envelhecimento sustentável - o que garante o bem-estar da pessoa idosa quanto a direitos, renda, saúde, atividades, respeito e, quanto à sociedade, nos aspectos de produção, convivência intergeracional e harmonia com o amplo conceito de desenvolvimento econômico (BRASIL, 2019b, p. 2-3)”. ”

Mais de 800 municípios aderiram à estratégia Brasil amigo da pessoa idosa, e 301 municípios foram selecionados na primeira etapa e Florianópolis foi um deles. Com a entrada, a cidade visa receber oito kits de atividades, para a implantação e desenvolvimento do(s) núcleo(s)¹⁹ de esporte recreativo e de lazer (BRASIL, 2019c). O kit consta com materiais para a oferta de atividades de lazer, esporte, culturais, artísticas e intelectuais, como, caixa de som, xadrez, dama, dominó, baralho, cordas, cones, elásticos, tapete e escada fitness, além de capacitação técnica e pedagógica aos profissionais que acompanharão as atividades voltadas para os idosos (BRASIL, 2019d).

Para serem contemplados com os benefícios do programa, os líderes comunitários devem fazer a capacitação ofertada pelo Ministério da Cidadania, elaborar o Diagnóstico e o Plano Municipal. Posteriormente, os municípios selecionados deverão seguir as diretrizes da estratégia Brasil amigo da pessoa idosa, para serem considerados cidades amigáveis às pessoas idosas, e receberão cinco selos, o que vai depender da performance de cada município, a fase 01 recebe o selo de adesão; a fase 02, o selo plano; a fase 03, o selo bronze, a fase 04, o selo prata; e a fase 05, o selo ouro. As etapas de cada fase estão detalhadas no quadro 1.

¹⁹ “Núcleos são espaços de convivência social, apropriados para o público idoso, onde deverão ser implementadas as atividades de lazer, de esporte, culturais, artísticas e intelectuais desenvolvidas pelo Programa, tendo como princípio a gestão participativa e democrática. Praças, quadras, ginásios esportivos, campos de futebol, clubes sociais, Estações da Cidadania são exemplos de espaços destinados aos núcleos (BRASIL, 2019d, p. 1).”

Quadro 1 – Fases e etapas da Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa.

FASES DE CONCESSÃO DE SELOS	ETAPAS DE CADA FASE
Selo Adesão	Adesão à Estratégia
Selo Plano	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de Conselho Municipal de Direitos da Pessoa Idosa (ou comprovação do funcionamento) • Participação na capacitação • Realização de Diagnóstico Municipal • Elaboração de Plano Municipal da Estratégia
Selo Bronze	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão do Projeto de Lei do Plano com a população • Aprovação do Plano Municipal da Estratégia • Sanção da Lei pelo prefeito • Divulgação
Selo Prata Selo Ouro	Realização de 20 ações (10 em cada Selo), conforme definido no sistema de monitoramento.

Fonte: BRASIL (2019e).

Paralelamente, o município, ao receber o selo plano, pode solicitar a OMS, o credenciamento a Rede Mundial de Cidades e Comunidades Amigas do Idoso, para receber o título de Cidade Amiga do Idoso, reconhecido mundialmente, porém, é avaliado segundo os critérios estabelecidos pela OMS, em um processo distinto da estratégia brasileira (BRASIL, 2019c). Para conseguir os selos prata e ouro, os municípios devem realizar ações obrigatórias e opcionais, de acordo com as necessidades do município identificadas no diagnóstico. Dentre as ações opcionais, consta a dimensão ambiente físico, que direciona a construir: calçadas acessíveis; espaços públicos acessíveis; bancos (mobiliário urbano), iluminação nos percursos, praças e outros locais utilizados pela população idosa; e espaços de encontro comunitários público para a prática de atividades físicas.

Para realizar o diagnóstico e, posteriormente, melhores ações para a população de idosos, a cidade deve realizar o diagnóstico de gestão com levantamento das legislações vigentes (federal, estadual e municipal) e levantamento de serviços e ações para a

população idosa no município. Também deve escutar a população idosa do município; o que pode ser feito com a ajuda de instituição de ensino superior e/ou equipe de pesquisa, por meio de pesquisa qualitativa com grupos focais e oficinas e pesquisa quantitativa por meio de questionários (BRASIL, 2019d). Com um maior número de cidades comprometidas a serem amigáveis às pessoas idosas, maior pode ser a quantidade de políticas públicas, programas e projetos que visam o envelhecimento ativo e, conseqüentemente, maior envolvimento da população idosa nas tomadas de decisões e representatividade, resultando, assim, em cidades amigáveis a todos.

2.6 PANDEMIA IMPOSTA PELA COVID-19 E SUA INFLUÊNCIA NO LAZER

Em janeiro de 2020, a OMS, declarou que a covid-19²⁰, doença causada pelo novo coronavírus, constitui-se em uma emergência de saúde pública, devido a sua disseminação internacional, sendo considerada, posteriormente, uma pandemia (OMS, 2020a). No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, e pouco tempo depois, passou a ser um dos países com maior número de casos do mundo (BRASIL, 2020). A partir disso, por meio de leis e decretos, foram criadas medidas para prevenir o contágio da doença e, conseqüentemente, evitar um colapso no sistema de saúde, como distanciamento social, criação de protocolos sanitários, fechamento de escolas e comércios de serviços não essenciais (BRAMANTE, 2020).

O fechamento de parques, entre outros espaços de lazer, fez com que as pessoas, de forma inesperada, mudassem seu cotidiano, em especial, suas experiências relacionadas ao lazer (STODOLSKA, 2020). Desde então, as manifestações de lazer tomaram diversas proporções, principalmente por estarem sendo realizadas, predominantemente no ambiente doméstico (CLEMENTE; STOPPA, 2020).

As restrições tanto intrapessoais, interpessoais, quanto estruturais que podem influenciar as experiências de lazer, já eram observadas em período anterior à pandemia (ANDRADE *et al.*, 2017; GODBEY; CRAWFORD; SHEN, 2010). Com o surto da covid-19, além das restrições supramencionadas, as pessoas também possuem as restrições impostas pela pandemia (BRAMANTE, 2020). Estudos recentes especulam que o

²⁰ Adotou-se covid-19, com letra minúscula, pois, no Brasil, a doença causada pelo novo coronavírus passou a ser compreendida como um substantivo comum, assim como resfriado, aids, diabetes (BRASIL, 2020).

isolamento causado pela covid-19 pode aumentar os compromissos familiares, as tarefas domésticas (YOUNG, 2020; ZHOU; LIU, 2020), os problemas com a saúde mental (ARMITAGE; NELLUMS, 2020) e diminuir às atividades físicas, sociais e turísticas de lazer (BRAMANTE, 2020).

Vale destacar que alguns grupos podem ser mais influenciados pelas restrições (STODOLSKA *et al.*, 2019), como os idosos (SHORES; SCOTT; FLOYD, 2007). Como apontado por Lashua, Johnson e Parry (2021), durante a pandemia, a desigualdade e a exclusão podem ser salientadas, podendo acarretar, ainda mais, restrições para o lazer em determinados grupos.

Estudiosos previam que, nos próximos anos, aumentariam as apropriações de parques (ZANON *et al.* 2018), principalmente, por idosos (SUN *et al.*, 2019). No entanto, a realidade em 2020 está sendo: parques fechados (ANDERSON, 2020; RIBEIRO *et al.*, 2020) e recomendações para que idosos fiquem em casa (LINS *et al.*, 2020; SON *et al.*, 2021).

Os idosos além de estarem no grupo de risco da doença (ZHOU *et al.*, 2020), possuem mais déficits cognitivos e sensoriais, e menos familiaridade com as tecnologias, podendo dificultar, tanto para compreender as precauções da covid-19 (BANERJEE, 2020), como para desfrutar de vivências de lazer, que estão acontecendo *on-line* (DE MIRANDA, 2020). Dessa forma, o isolamento social entre idosos pode ser considerado um sério problema de saúde pública (GERST-EMERSON; JAYAWARDHANA, 2015), ainda mais agravado pela pandemia instituída.

Apesar de timidamente explorado no campo dos estudos do lazer, a liberdade, o acesso à cultura, a viagens, o lazer em geral, é considerado um direito, previsto pela Declaração Universal de Direitos Humanos (VEAL, 2015), e no Brasil, em particular, pela Constituição Federal (1988), lei fundamental e suprema. Dessa forma, entende-se que, mesmo em momentos difíceis, tais como vividos em 2020, o lazer deve ser legitimado.

Nesse sentido, estudos recentes vêm observando que, embora não seja o melhor cenário, as pessoas vêm se reinventando para continuar tendo lazer (LASHUA; JOHNSON; PARRY, 2021; SIVAN, 2020), utilizando-se da tecnologia para usufruir atividades físicas (ZHOU & LIU, 2020), culturais (MARQUES; GIOLO, 2020), artísticas (SIVAN, 2020), intelectuais (BRAMANTE, 2020), turísticas (ANDERSON, 2020), e sociais (YOUNG, 2020). Também estão realizando atividades manuais em casa (ANDERSON, 2020). Além

disso, as pessoas estão utilizando esse momento para autorreflexão e reconexão com a natureza (SIVAN, 2020), além de desenvolver atividades de voluntariado (LACHANCE, 2020).

Estudiosos do lazer estão curiosos (SIVAN, 2020) e otimistas (BRAMANTE, 2020) com o cenário pós-pandêmico, devido às diversas mudanças ocorridas no tempo/espaço durante esse período. No entanto, faltam dados empíricos para entender o quanto a pandemia está influenciando no lazer, principalmente daqueles mais afetados, e quais têm sido as experiências de lazer realizadas durante esse momento.

3 MÉTODOS

3.1 CONCEPÇÃO PARADIGMÁTICA

Os paradigmas de pesquisas são entendidos como um “conjunto básico de crenças que orienta a ação”, que se dão por meio de três dimensões, a saber: ontológicas (como as coisas são), epistemológicas (como o conhecimento é construído) e metodológicas (como são realizadas as ações) (GUBA, 1990, p. 17). O Naturalismo/Construtivismo, paradigma utilizado nesta pesquisa se caracteriza por ter ontologia no relativismo, visto que considera a realidade dinâmica e contextualizada, a qual é construída (ALVES-MAZZOTTI, 1996).

Os construtivistas acreditam que as investigações não são neutras, e são sempre influenciadas pelo pesquisador e pelo pesquisado (ALVES-MAZZOTTI, 1996). Além disso, os construtivistas não acreditam em uma verdade absoluta, em função de ser sempre resposta de atividades humanas, a qual é subjetiva. Preocupam-se em observar fenômenos, pessoas e processos, e não utilizam os resultados para generalizar, mas para contribuir com outras pesquisas que objetivam analisar contextos semelhantes (REES, 2008). O construtivismo difere-se do positivismo por não possuir hipótese e não ser controlado; ou seja, vai a campo a fim de captar o mais significativo no contexto e para os participantes, os quais utilizam, na maioria das vezes, suas próprias experiências para explicar um fenômeno (SACCOL, 2009).

Faz-se necessário entender os paradigmas existentes, principalmente no contexto das pesquisas sociais, não com intuito de predizer qual o certo ou o errado, visto que as teorias utilizadas determinam o olhar perante os fenômenos analisados. Após definir a ontologia, o paradigma da pesquisa em questão e a base epistemológica, tem-se suporte

para encaminhamentos metodológicos, bem como, realizar as análises dos dados coletados, visto que, como afirmado por Saccol (2009), a nossa visão de mundo, influencia em todo encaminhamento da pesquisa.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta investigação se caracteriza como pesquisa de campo, de corte transversal, com objetivo descritivo exploratório, com abordagem qualitativa. No que concerne à abordagem qualitativa dos dados, Minayo (2012) defende como a melhor forma para aprofundar a investigação, relacionando-a com a exploração de opiniões, significados, valores, atitudes e crenças de grupos específicos. Em relação à pesquisa descritiva, segundo Gil (2010), possui como finalidade a descrição de determinado grupo ou fenômeno, levando em consideração as crenças, atitudes e opiniões da população investigada. De acordo com o autor supracitado, por sua vez, a pesquisa exploratória visa familiarizar o pesquisador, a fim de proporcionar uma visão mais aprimorada do tema.

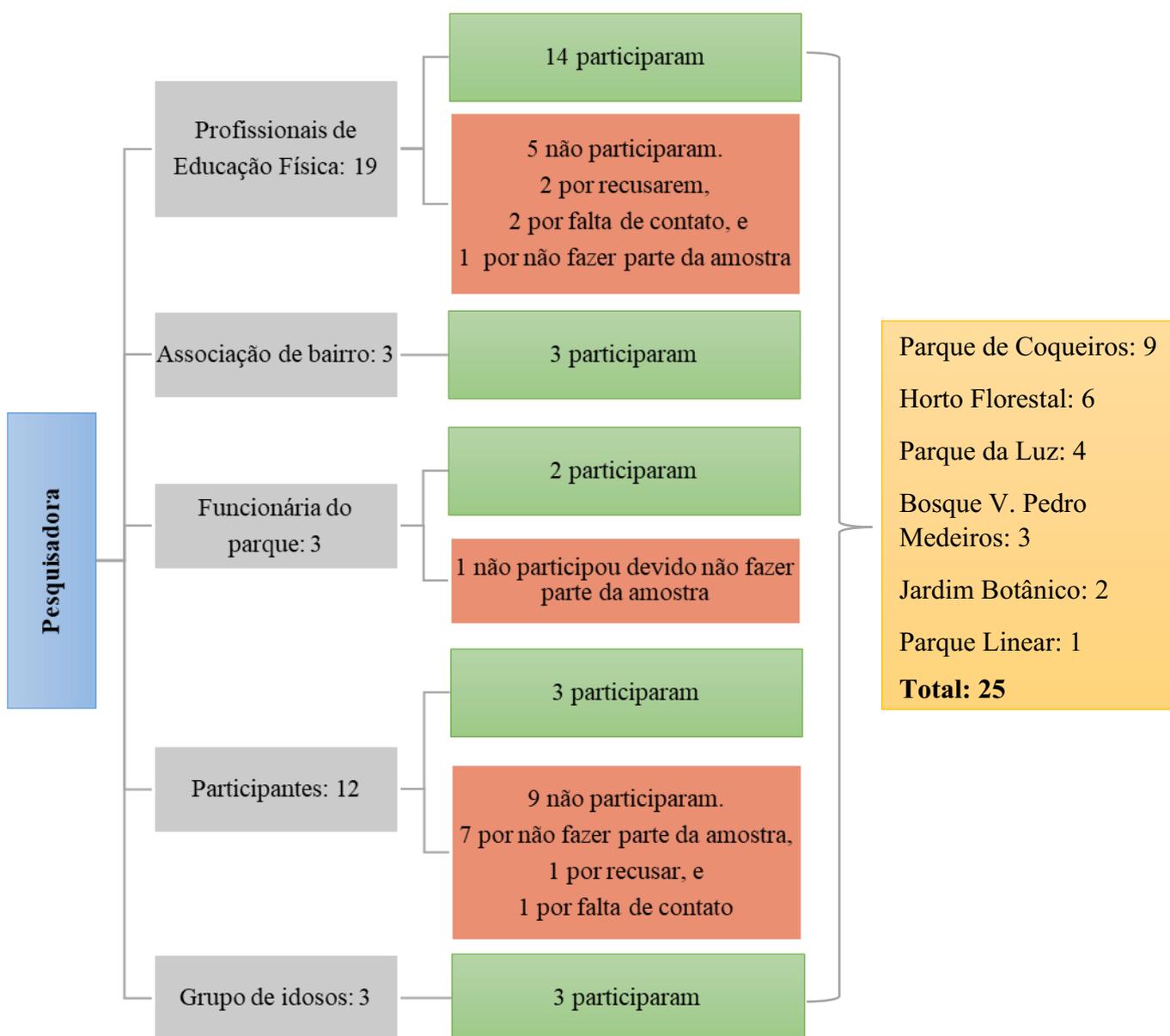
3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A seleção dos participantes ocorreu por meio da técnica de amostragem denominada “bola de neve”, devido às restrições impostas pela covid-19. A técnica “bola de neve” é uma forma de amostragem não probabilística que utiliza cadeias de referências, as quais os próprios participantes da pesquisa indicam outros participantes (VINUTO, 2014). Esse tipo de seleção é utilizado frequentemente quando os participantes são difíceis de serem acessados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade (BERNARD, 2006).

Para selecionar um grupo mais heterogêneo e analisar distintas percepções, a seleção ocorreu por meio de indicações de diferentes fontes, como de líderes de associações de bairros e grupos de idosos, profissionais de Educação Física que trabalham com idosos, funcionários dos parques, por meio do contato por redes sociais dos parques, e pelos próprios participantes da pesquisa. A seleção dos entrevistados finalizou-se devido à falta de novas indicações, bem como devido ao tempo destinado à coleta de dados. O processo de recrutamento dos entrevistados está representado na figura 2. Apresentam-se as redes de

contato, seguidas do número que corresponde à quantidade de indicações, bem como a quantidade total de participantes de cada parque investigado.

Figura 2 - Processo de recrutamento dos entrevistados por meio da amostragem "bola-de-neve".



Participaram da pesquisa 23 idosos (16 mulheres e sete homens), com 60 anos ou mais que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e que frequentavam parques urbanos, até o início da pandemia, ao menos uma vez na semana, por mais de três meses.

Ressalta-se que dois idosos frequentavam dois parques, com isso, responderam às perguntas das entrevistas referentes aos dois espaços, totalizando 25 entrevistas. Em virtude disso, em alguns momentos relacionados ao parque, o número total será de 25 respostas, e quando relacionados às características dos participantes o número total de respostas será de 23.

Os participantes, em média, possuíam 68,4 anos de idade (mínima 60; máxima 82). Dos 23 entrevistados, 15 são aposentados e sete exerciam atividades remuneradas, sendo que, desses setes, dois são aposentados. Possuíam ocupações atuais como, atividades remuneradas, do lar, e voluntariado (quadro 2). Destaca-se que os participantes foram informados de todos os procedimentos éticos por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice C) e para preservar a identidade dos idosos, eles receberam nomes fictícios de sua escolha (no momento da entrevista).

Quadro 2 – Dados dos participantes do estudo.

NOME FICTÍCIO	PARQUE URBANO	IDADE	PROFISSÃO	OCUPAÇÃO ATUAL
Ricardo	Parque de Coqueiros	80	Gerente geral de indústria de máquinas	Aposentado
Antônio	Bosque Vereador Pedro Medeiros	61	Engenheiro	Engenheiro
Carolina	Parque de Coqueiros	68	Professora	Aposentada
Maria	Horto Florestal	75	Professora	Voluntária
Paulo	Parque da Luz	70	Professor universitário	Aposentado
Gabriel	Parque Linear	65	Gerente administrativo	Aposentado
Sofia	Parque de Coqueiros	61	Representante comercial	Representante comercial
Alamar	Parque da Luz	60	Professora e Ambientalista	Aposentada e Ambientalista
Adalgisa	Horto Florestal	76	Administradora escolar	Aposentada
Joana	Bosque Vereador Pedro Medeiros	61	Servidora pública estadual	Aposentada e Servidora pública
Lúcia	Jardim Botânico	66	Professora e Bibliotecária	Aposentado
Rosa	Parque de Coqueiros	70	Do lar	Do lar
João	Parque de Coqueiros	61	Bancário	Aposentado
Luciana	Horto Florestal	82	Do lar	Aposentada
Marissa	Parque de	70	Comerciante	Aposentada

	Coqueiros			
Pedro	Parque da Luz	74	Procurador	Aposentado
Marisa	Parque de Coqueiros	70	Bancária	Aposentada
Sueli	Parque de Coqueiros e Horto Florestal	72	Comerciante	Aposentada
Mario	Parque da Luz	69	Engenheiro civil	Engenheiro civil
Apoena	Parque de Coqueiros	73	Chefe de gerência do IBGE	Aposentada
Borboleta Azul	Horto Florestal e Parque Linear	65	Do lar	Do lar
Beatriz	Horto Florestal	65	Professora	Professora
Jane	Bosque Vereador Pedro Medeiros	60	Costureira	Costureira

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

De 23 idosos, 16 idosos residem acompanhados, sendo que, 14 são casados (as), cinco são viúvos, três são divorciados, e uma está em união estável. Destes, sete moram sozinhos, e 16 moram com outras pessoas. Em relação à escolaridade, quatro idosos possuem pós-graduação, oito possuem ensino superior completo; nove possuem ensino médio completo; e dois possuem ensino médio incompleto. A respeito da renda mensal aproximada, 11 idosos recebem por mês, entre 4 até 10 salários mínimos (R\$4.180,00 até R\$10.450); quatro recebem de 3 a 4 salários mínimos (de R\$3.135,00 até R\$4.180,00); três recebem de 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$2.090,00); dois recebem de 10 a 20 salários mínimos (de R\$10.450,00 até R\$20.900,00), um recebe mais de 20 salários mínimos (R\$20.900,00); um recebe de 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 2.090,00 até R\$ 3.135,00), e um recebe até 1 salário mínimo (R\$1.045,00) (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos idosos, de acordo com as variáveis estado civil, arranjo familiar, escolaridade e renda mensal.

VARIÁVEIS	CATEGORIAS	N
<i>Estado civil</i>	Casado (a)	14
	Viúvo (a)	5
	Divorciado (a)	3
	União estável	1

<i>Arranjo familiar</i>	Mora acompanhado (a)	16
	Mora sozinho (a)	7
<i>Escolaridade</i>	Pós-graduação	4
	Ensino superior	8
	Ensino médio	9
	Ensino médio incompleto	2
<i>Renda mensal*</i>	Até 1	1
	De 1 a 2	3
	De 2 a 3	1
	De 3 a 4	4
	De 4 a 10	11
	De 10 a 20	2
	Mais de 20	1

***Salários mínimos**

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados dessa pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A), delineadas especificamente para esse estudo, conforme matriz analítica (APÊNDICE B). De acordo com Minayo (2013), a entrevista é um dos instrumentos mais utilizados nas pesquisas de campo, sendo um meio de coletar informações específicas, por meio da comunicação verbal.

No presente estudo, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, o qual foi enviado para três especialistas da área darem suas contribuições. Esse roteiro foi organizado por meio de 27 perguntas básicas, as quais permitiram explorar os seguintes temas centrais: o impacto do isolamento social no lazer dos idosos; a oferta de lazer nos parques; os motivos de participação (ingresso e permanência) nos parques; a satisfação com os parques; os facilitadores e as restrições para o uso dos parques por idosos e as concepções de lazer desses idosos. Também foram coletadas algumas informações dos participantes (data de nascimento, estado civil, escolaridade, profissão, ocupação atual, renda mensal aproximada, cidade e bairro de residência).

3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa faz parte de um estudo mais amplo intitulado "Possibilidades de lazer para idosos na região da Grande Florianópolis: um estudo com os participantes e com os profissionais", submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (anexo A), por meio do parecer número 2.356.476, em 30/10/2017. Os procedimentos de coleta de dados iniciaram-se na identificação dos parques de Florianópolis e finalizaram com a validação das entrevistas pelos participantes. A figura 3 apresenta as etapas da coleta de dados, seguidas das estratégias que foram utilizadas em cada etapa.

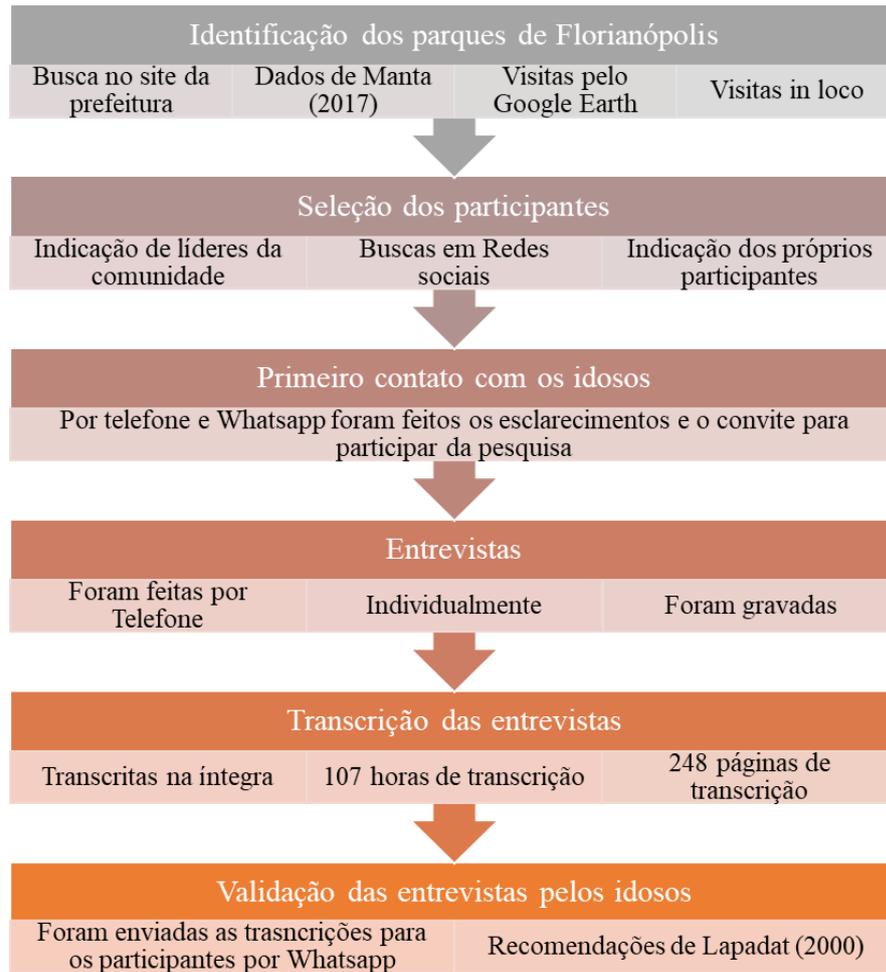
Primeiramente, foram identificados os parques públicos urbanos de Florianópolis. Para isso, foram utilizadas informações do site da prefeitura²¹, verificadas e validadas pelo Laboratório de Geoinformação e Simulação Urbana do IPUF, e do trabalho de Manta (2017), o qual realizou um levantamento dos espaços e equipamentos de lazer de Florianópolis. Para verificar as informações coletadas, foram feitas visitas nos parques urbanos tanto pelo Google Earth, quanto presencialmente.

Em um segundo momento, foram selecionados os participantes e, posteriormente, realizadas as entrevistas. Os participantes receberam informações iniciais sobre o estudo via WhatsApp e por ligação telefônica e, posteriormente, foram convidados a participar. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi encaminhado a eles por meio de formulário no *google docs*. Aqueles que não possuíam familiaridade com a internet ou assim preferiram, esse procedimento foi realizado verbalmente, por telefone (BRASIL, 2016).

As entrevistas semiestruturadas tiveram a duração média de 42 minutos, tendo sido realizadas por telefone, marcadas previamente, no dia e horário de preferência dos entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, totalizando aproximadamente 107 horas, que resultaram em 248 páginas de transcrição. Destaca-se que as entrevistas ocorreram durante o período mais crítico da primeira onda da pandemia da covid-19 no Brasil, até o momento, entre os meses de julho e outubro de 2020 (BRASIL, 2020).

²¹ <http://espacospublicos.pmf.sc.gov.br/aco-es-programas/mapasdarede.html>

Figura 3 – Procedimentos de coleta de dados.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Posteriormente, como recomendado por Lapadat (2000), as transcrições foram enviadas aos participantes, pelas vias sugeridas por eles, a fim de validar as informações transcritas. Com isso, pretendeu-se diminuir o viés de transcrição, uma vez que apenas a pesquisadora principal foi quem realizou as entrevistas e as transcreveu, conforme aconselhado por Halcomb & Davidson (2006). Não houve alterações nas transcrições por partes dos idosos.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

As informações foram organizadas no *software Qualitative Solutions Research NVivo 11*, e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (2009). A análise de conteúdo se caracteriza por um conjunto de técnica

realizada por procedimento sistemático, que se divide em três categorias, a pré-análise que corresponde à fase inicial, de organização, o qual se estabelece o primeiro contado, realizando a leitura flutuante. Posteriormente, foi realizada a exploração do material, juntamente com a codificação, determinando as unidades de registros. Por fim, foi realizado o tratamento dos resultados, permitindo efetuar retomadas ao referencial teórico, a fim de embasar a análise dos dados coletados, fomentando a interpretação crítica (BARDIN, 2009).

Os resultados e as discussões desta dissertação estão organizados mediante às categorias definidas *a priori*: O lazer dos idosos frequentadores de parques públicos urbanos; Influência da pandemia da covid-19 no lazer dos idosos; Motivos de ingresso e permanência dos idosos em parques públicos urbanos; e a *posteriori*: Facilitadores e restrições para o uso de parques públicos urbanos por idosos. Os objetivos do estudo, as categorias, as subcategorias e as unidades de registros estão apresentadas no quadro 3.

Quadro 3 - Objetivos do estudo, categorias, unidades de contexto e unidades de registro.

OBJETIVOS	CATEGORIAS	UNIDADES DE CONTEXTO	UNIDADES DE REGISTRO
Analisar a influência da pandemia causada pela covid-19 no lazer de idosos frequentadores de parques públicos urbanos	Influência da pandemia da covid-19 no lazer de idosos	Impactos negativos da pandemia	<ul style="list-style-type: none"> • Impossibilidade de sair • Contato social • Atividades de lazer • Medo • Tecnologia • Mudanças Psicológicas
		Possibilidades e perseveranças	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades intelectuais • Atividades físicas • Atividades sociais virtuais • Atividades intelectuais • Atividades manuais • Voluntariado • Espiritualidade
Identificar os motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos parques públicos em Florianópolis	Motivos de ingresso	Acesso e estrutura Vínculos afetivos Atividade Física e saúde	<ul style="list-style-type: none"> • Satisfação com o parque • Atividade física • Proximidade do local • Orientação profissional • Grupo de idosos • Associação de bairro • Amigos/Conhecidos • Benefícios • Gosto pessoal
	Motivos de permanência	Acesso e estrutura Vínculos afetivos Atividade Física e	<ul style="list-style-type: none"> • Proximidade do local • Atividade física • Orientação profissional

		saúde	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo de idosos • Identificação com o parque • Satisfação com o parque • Amigos/ Conhecidos • Indicação médica • Gosto pessoal • Benefícios
<p>Interpretar as concepções de lazer dos idosos frequentadores dos parques públicos mapeados.</p> <p>Identificar as atividades de lazer desenvolvidas pelos idosos nos parques públicos.</p>	O lazer dos idosos frequentadores de parques	Concepções de lazer	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades • Estado de espírito • Ócio • Voluntariado • Trabalho
		Manifestações de lazer dos idosos nos parques	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades Sociais, • Atividades Intelectuais • Atividade Manuais • Voluntariado • Contemplação • Ócio • Tempo de Participação • Vínculos Afetivos • Frequência
<p>Identificar os facilitadores ao uso do parque por idosos;</p> <p>Identificar as restrições ao uso do parque por idosos.</p>	Facilitadores	Intrapessoais Interpessoais Estruturais	<ul style="list-style-type: none"> • Sensações e emoções • Benefícios • Amizade e convívio social • Presença de pessoas e animais • Envolvimento da comunidade • Natureza • Infraestrutura • Espaços e equipamentos • Aposentadoria • Estética • Segurança • Orientação profissional • Programa de atividade física • Atrações e eventos • Proximidade de UBS • Horta e compostagem • Grupo de idosos • Avanço da idade
	Restrições	Intrapessoais Interpessoais Estruturais	<ul style="list-style-type: none"> • Motivação e sedentarismo • Doenças • Comportamento dos usuários • Envolvimento da comunidade • Divulgação e incentivo • Infraestrutura • Atividades de lazer • Gestão do parque • Recursos humanos • Acessibilidade • Interesses políticos • Segurança • Superlotação de pessoas

			<ul style="list-style-type: none"> • Localização • Clima
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

3.7 CONFIABILIDADE DO ESTUDO

A confiabilidade neste estudo foi reconhecida de várias maneiras. Foram elas: 1) Os entrevistados tiveram a opção de recusar a participação no estudo (SHENTON, 2004). 2) Duas pesquisadoras, que não participaram da coleta de dados e que possuem familiaridade com o tema e com a análise de dados, revisaram as categorias e subcategorias, para garantir que os dados fossem precisos e refletissem os dados coletados. 3) Durante todo o processo de análise de conteúdo, foram feitas anotações, reflexões e releituras. 4) Além disso, o *feedback* dos informantes, checando as transcrições das suas entrevistas, também foi um importante critério de confirmabilidade utilizado no estudo (LAPADAT, 2000).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os parques urbanos são espaços livres inseridos na malha urbana, destinados às práticas sociais como passeio, contemplação, convivência, recreação e esporte, bem como, à conservação ambiental (MACEDO; SAKATA, 2010). Além disso, por serem espaços parcialmente permeáveis e arborizados, os parques cumprem funções ecológicas, contribuindo, assim, para a drenagem urbana, a manutenção do microclima e a diminuição das ilhas de calor (SAKATA; GONÇALVEZ, 2019).

Os parques se diferem das praças, devido ao tamanho, à inserção urbana, à modelagem do terreno e à percepção do entorno (MACEDO; SAKATA, 2010). Os parques são consideravelmente maiores que as praças; além disso, as praças são dependentes dos lugares que estão em volta. Isto é, as calçadas, as ruas e os prédios devem associar-se à praça, proporcionando o encontro de pessoas. Para isso, a modelagem da praça deve apresentar uma continuidade entre os espaços em seu entorno (ECKER, 2020). Por outro lado, nos parques, mesmo em meio à malha urbana, muitas das vezes, a sensação é de desconexão da cidade, por serem espaços que podem ser independentes do seu entorno (MACEDO; SAKATA, 2010).

Os parques também se diferem das orlas, por não, obrigatoriamente, estarem instituídos ao redor de uma porção de água, como um rio, mar, e uma lagoa. Destaca-se ainda que, os bosques, os jardins botânicos e os parques lineares também são considerados parques urbanos (MACEDO; SAKATA, 2010). Para além dos parques urbanos, a cidade de Florianópolis conta com outros parques naturais e praças que, por muitas vezes, podem ser confundidos com parques urbanos por suas diversas familiaridades e falta de clareza nas definições. Segundo Macedo e Sakata (2010), não existe um consenso sobre o conceito de parques entre os especialistas, dentro ou fora do poder público. Por esse motivo, existe uma gama de definições e contradições.

Em Florianópolis, assim como em Macedo e Sakata (2010) ao analisarem os parques em todo o Brasil, houve dificuldade em encontrar as informações tanto de criação de novos parques, como das ações desenvolvidas nos parques já instituídos. No site da prefeitura de Florianópolis, bem como em outros canais oficiais de comunicação da cidade, como no *Facebook* e *Instagram* da Fundação Municipal do Meio Ambiente (FLORAM), não é esclarecido com exatidão quais são os parques da cidade, e faltam detalhes dos mobiliários, das atividades e eventos fornecidos por esses espaços. A fim de superar tais lacunas foram realizadas buscas em redes sociais dos próprios parques, de associações de bairros, e em notícias de jornal do município, *blogs*, livros, dissertações e artigos científicos. A partir desse levantamento, foram encontrados, em Florianópolis, em janeiro de 2020, seis parques urbanos, a saber:

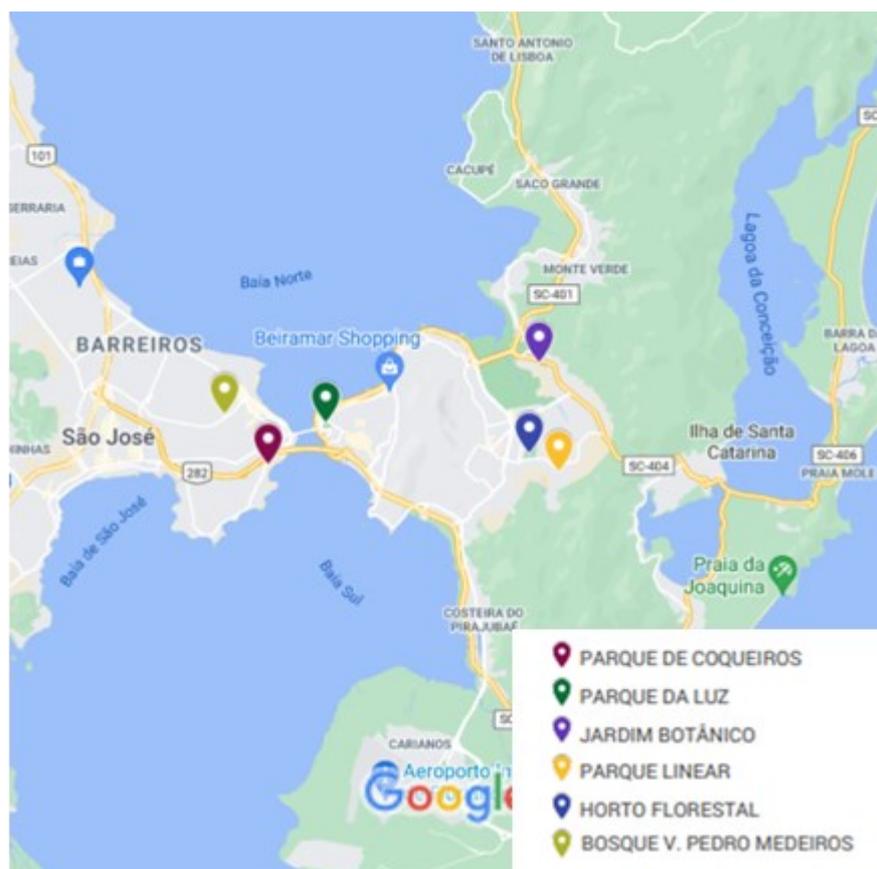
- Parque de Coqueiros (FLORIANÓPOLIS, 2009)
- Bosque Vereador Pedro Medeiros (FLORIANÓPOLIS, 2004)
- Parque da Luz (FLORIANÓPOLIS, 2009)
- Jardim Botânico (FLORIANÓPOLIS, 2017)
- Parque Linear (FLORIANÓPOLIS, 2014c)
- Horto Florestal²² (FLORIANÓPOLIS, 1985)

Dois parques estão localizados no continente, nos bairros: Estreito e Coqueiros, e quatro nas regiões centrais da ilha, nos bairros: Córrego Grande, Itacorubi e Centro. Em

²² O parque recebe oficialmente o nome de Parque Ecológico Municipal Prof. João Davi Ferreira Lima, porém também é chamado popularmente de Parque Ecológico Córrego Grande ou Horto Florestal. Nessa pesquisa adotou-se Horto Florestal por ser amplamente conhecido assim pela população e pelos pesquisados.

geral, os parques estão localizados em regiões centrais do município (figura 4). O que corrobora com os achados de Manta (2017), que ao pesquisar espaços públicos de lazer em Florianópolis encontrou que, em grande maioria, os espaços públicos de lazer da cidade se concentram nas regiões centrais do município, desfavorecendo as regiões afastadas do centro, como as regiões norte, leste e sul.

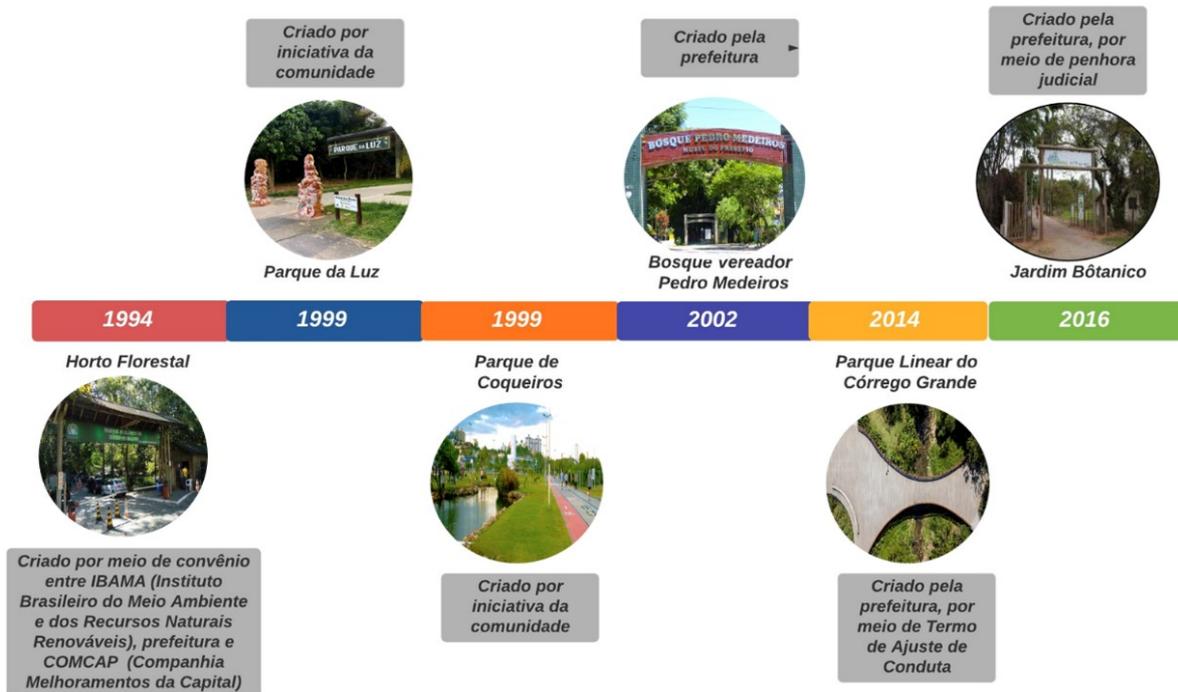
Figura 4 – Parques públicos urbanos de Florianópolis.



Fonte: Google Maps (2021)

Os parques urbanos de Florianópolis foram criados a partir do ano de 1994 por iniciativa da comunidade, prefeitura, por meio de Termo de Ajuste de Conduta, penhora judicial e parcerias entre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Companhia Melhoramentos da Capital (COMCAP) (figura 5). Atualmente são geridos pela FLORAM. Em particular, o Parque da Luz conta com uma gestão compartilhada com a Associação Amigos do Parque da Luz (AAPL) (FLORIANÓPOLIS, 2018).

Figura 5 – Linha do tempo da criação dos parques públicos urbanos de Florianópolis.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os parques possuem extensão que variam de 18.000,00m² a 223.000,00m², sendo que três dos seis parques são abertos, e assim é possível frequentá-los 24 horas por dia, os demais possuem horário de funcionamento. O horário de funcionamento, a localização e a área total dos parques estão detalhadas no quadro 4.

Quadro 4 – Parques públicos urbanos de Florianópolis.

NOME	ENDEREÇO	COORDENADAS LATITUDE E LONGITUDE	HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO	ÁREA TOTAL
Parque de Coqueiros	Av. Eng. Max de Souza, s/n - Coqueiros, 88080-010.	-27.601376, -48.574537	24h	48.000,000 m ²
Bosque Vereador Pedro Medeiros	R. Afonso Pena, 1070 - Estreito, 88070-650	-27.590470, -48.584846	Terça à domingo das 8h às 17h30	18.000,00m ²
Parque da Luz	R. Felipe Schmidt - Centro, 88010-150	-27.592525, -48.560664	24h	37.435,00m ²
Jardim Botânico	Rod. Admar Gonzaga, 742-782 - Itacorubi.	-27.579110, -48.508523	Quarta à domingo, das 7h30min às 18h. Fechamento do portão às 17h30	190.000,00m ² conectados a 200 hectares de Manguezal
Parque Linear	R. Sebastião L. da Silva, 264 - Córrego Grande, 88037-400	-27.602821, -48.503593	24h	5 km de extensão, aproximadamente 170.000,00m ²
Horto Florestal	R. João Pio Duarte Silva, 535 - Córrego Grande, 88037-000	-27.599097, -48.510714	Todos os dias, das 7h às 19h	223.000,00m ²

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

4.1 O LAZER DOS IDOSOS FREQUENTADORES DE PARQUES PÚBLICOS URBANOS

Todos os participantes consideram os parques públicos urbanos uma possibilidade de lazer. Sendo que, compreendem o lazer de distintas formas, 17 mencionaram o lazer como atividade, sendo elas, atividades físicas, manuais, artísticas, intelectuais e turísticas; nove como um estado de espírito; nove como oportunidade para passar o tempo, o tédio, o

mau-humor, a tristeza, o estresse e os pensamentos ruins de doença; três citaram o trabalho quando agradável como uma forma de lazer, e um mencionou o voluntariado.

As atividades remuneradas e o voluntariado apareceram quando os participantes foram questionados sobre o conceito de lazer, bem como, quando questionados sobre as manifestações de lazer durante a pandemia. Isto pode ser observado na fala de Paulo: “quando o trabalho é satisfatório, aquilo que você gosta de fazer, até o trabalho, é lazer”. Sob o mesmo ponto de vista, Stebbins (2009) aponta que o trabalho pode ser considerado lazer e gerar prazer, assim como outras atividades propriamente de lazer. A exemplo disso, Sueli, quando questionada sobre o conceito de lazer, relatou:

Eu tinha prazer em ir para o hospital fazer o meu trabalho voluntário, são 37 anos... Eu vou dizer para ti: “ir para o hospital é um lazer?” Sim, porque na nossa idade, se sentir útil naquilo que você faz é muito importante para gente, então é uma forma, também, de você poder contribuir e de você não se sentir tão fora do contexto, então isso é muito bom... E me traz um contato físico com as pessoas (Sueli - Parque de Coqueiros e Horto Florestal).

Conforme Stebbins (2015), o lazer pode possuir caráter obrigatório se for procurado por gosto e satisfação. Destaca-se que, nove idosos investigados relataram realizar voluntariado, destes, cinco realizam suas atividades no Parque da Luz e no Horto Florestal. O parque da luz, sedia a AAPL, espaço onde quatro participantes desenvolvem suas atividades de voluntariado. Como ambientalista, engenheiro, vice-presidente da AAPL e cidadãos, os investigados se reúnem esporadicamente na sede da AAPL para decidir as manutenções e as ações que serão desenvolvidas no parque. Destaca-se a fala de uma idosa:

[...] o meu trabalho dentro da questão do próprio Parque da Luz, [...] simboliza essas duas coisas, o lazer porque é um lugar lindo, mas está sempre alinhado a um trabalho, [...] porque tem reuniões no parque, então é lazer também, a reunião, nesse sentido. [...] para mim, o parque retrata muito essa característica do lazer/trabalho (Alamar, Parque da Luz).

Para Stebbins (2012), o voluntariado, quando procurado por satisfação e/ou realização, pode ser considerado uma forma de lazer, no qual, as pessoas utilizam suas habilidades e recursos, para a realização pessoal e recompensas sociais que a atividade oferece. Além disso, o voluntariado está relacionado com diversos aspectos positivos no bem-estar e na saúde entre os idosos, como, em melhorias na satisfação com a vida, no isolamento social, na dependência funcional e na depressão (MATTHEWS; NAZROO, 2021; MORROW-HOWELL *et al.*, 2003). Esses achados corroboram com a perspectiva do lazer sério (STEBBINS, 2005). Por outro lado, fica evidente a importância de considerar a

experiência e o indivíduo como sugerido por Bryan (2000), Brown (2007), Shen, Yarnal (2010) e Scott (2012). Como exemplo, Beatriz e Jane, ao serem questionadas sobre o conceito de lazer, relataram:

Lazer para mim é o que me dá prazer [...], pois mesmo que eu esteja fazendo alguma coisa como trabalhar nas correções das minhas dissertações, se o texto me agrada, é lazer! [...] e para mim, até mesmo alguma coisa que as pessoas consideram lazer e na minha concepção é uma obrigação que eu tenho que estar ali e para mim é ruim, então eu não considero lazer (Beatriz - Horto Florestal).

[...]às vezes, é tão bom meu ambiente de trabalho, é tão gostoso. A gente também conversa com muitas pessoas. Então até esse trabalho para mim, muita das vezes é lazer. Quando a gente faz o que a gente gosta é bom (Jane - Bosque Vereador Pedro Medeiros).

Na perspectiva da especialização do lazer, a qual traz o *continuum*, as percepções sobre o lazer podem variar de pessoa para pessoa e podem ser ora lazer casual, ora sério, dependendo das experiências do indivíduo (BROWN, 2007; SHEN; YARNAL, 2010; VEAL, 2016). Conforme relatos supramencionados, percebe-se que para as idosas, dependendo das experiências, o trabalho se configura como uma manifestação de lazer. Stebbins (2018) considerou os avanços da perspectiva, no entanto, afirmou que algumas atividades podem nunca ser lazer sério, como passear em parque.

Em concordância com Stebbins (2018), achados dessa pesquisa mostram que, mesmo frequentando toda semana, há anos, para 11 idosos, frequentar o parque, normalmente, não está relacionado com uma obrigação com dias e horários fixos. Como relatado por Gabriel e Apoena, respectivamente: “alteram, depende muito do meu neto, da minha família [...]. Não é uma coisa fixa e obrigatória” e “eu não tenho uma obrigação de por exemplo, 8 horas da manhã eu tenho que estar lá no parque. Eu vou quando dá, a hora que eu quero e saio a hora que eu quero”. Mesmo que as atividades não sejam pontuais, e aconteçam por mais de anos, tais manifestações podem relacionar-se com as atividades casuais, definida por Stebbins (2015), como atividades que resultam em sensações de prazer, que não exigem comprometimento com horários e regras pré-determinados.

Por outro lado, 14 idosos mantêm uma rotina fixa de visitação. Destaca-se que todos os 14 idosos que relataram que o horário para visitar o parque não se alterava realizavam atividades físicas nos parques, destes, seis participavam do programa de atividade física vinculado à Unidade Básica de Saúde, três de grupo de idosos, e um do tai chi chuan, essas atividades possuíam dias e horários fixos para acontecerem. Quatro idosas,

mesmo que individualmente, frequentavam o parque com certo grau de comprometimento, com dias e horários fixos. Destacam-se as falas de Rosa: “é compromisso, mas é lazer!!!”, Marissa: “deixo até de ir em outro lugar, porque eu gosto de ir, entende? aquele é um compromisso”, e Beatriz: “praticamente todas as manhãs, antes de começar qualquer outra atividade, outros compromissos que eu tenho depois, eu chegava na hora da abertura [...]”.

Nessa perspectiva, além do compromisso com o horário e o dia, percebe-se o esforço e a dedicação dos idosos às atividades, bem como, a possibilidade de aprender no parque, tanto com os próprios exercícios, como com os outros frequentadores. São ilustrativos os discursos de Ricardo, Adalgisa e Beatriz:

[...] ninguém está obrigado, quer dizer é a responsabilidade de cada um com o seu compromisso. Terças e quintas de manhã o meu compromisso é ali no parque! Eu não assumo outro compromisso nesse horário para não prejudicar a continuidade dos exercícios (Ricardo - Parque de Coqueiros).

[...] aqui em casa elas [as filhas] dizem para mim: “mãe, o que vai fazer no parque com essa chuva? não vai ninguém”, mas eu sou obrigada a ir porque eu tenho certeza de que vão, pois olha, pessoal vem de sombrinha, alguns vem de carro, e os mais idosos a família vai levar, porque eles não querem ficar em casa. Quando eu vejo tem 20/30 em um dia de chuva. (Adalgisa - Horto Florestal).

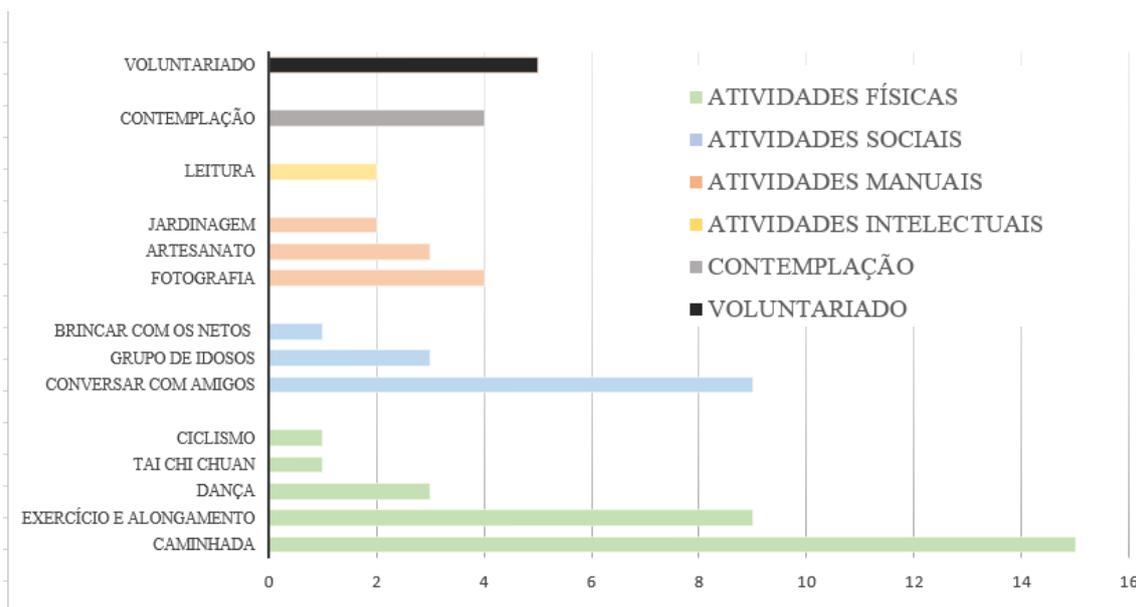
[...] com certeza é uma troca de aprendizado, em todos os sentidos, quem é médico dá uma orientação, quem é dentista acaba falando alguma novidade, quem têm leituras em comum troca de ideias de autores e de assuntos. Lá [Horto Florestal] é muito eclético, e mesmo as pessoas mais simplesinhas sempre nos ensinam alguma coisa (Beatriz - Horto Florestal).

Além do comprometimento, das experiências e conhecimento relatados pelos idosos, destaca-se o tempo que os idosos frequentam o parque. Oito idosos relataram frequentar o parque desde sua criação; sete idosos desde quando se mudou para o bairro próximo ao parque, entre sete e 16 anos; três há 15 anos, desde quando começou a frequentar o grupo de idosos que desenvolvem atividades no parque, seis frequentam entre dois e cinco anos, e um há 17 anos. Quando analisada a percepção dos idosos que frequentam o parque para desenvolver atividades físicas e/ou participar do grupo de idosos, com dia e horário fixos, percebe-se similaridade com o conceito de lazer sério definido por Stebbins (2005). A exemplo de atividades com certo grau de comprometimento, seriedade, esforço e dedicação, as quais são desenvolvidas ao longo do tempo, e que possuem horários e regras fixas, resultando em novas habilidades, conhecimentos, e vastas experiências.

Em relação ao lazer desenvolvido no parque, 22 idosos relataram fazer atividade física, como caminhada, corrida, trilhas (16), exercícios e alongamento (9), Dança (3), Tai

Chi Chuan (1), e Ciclismo (1); 12 idosos citaram as atividades sociais, como, conversar com amigos (9), participar de grupo de idosos (3), e brincar com os netos (1); Nove idosos citaram as atividades manuais, como fotografia (4), artesanato (3), e jardinagem (2); dois idosos relataram as atividades intelectuais, como leituras; quatro idosos citaram a contemplação; e cinco atividades de voluntariado (figura 6).

Figura 6 – Manifestações de lazer nos parques públicos urbanos.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Preferencialmente, dez idosos relataram frequentar o parque em dias de semana, no período da manhã, entre as 7 horas e 10 horas e dois no período da tarde a partir das 17 horas; seis idosos frequentam o parque nas terças e quintas às 8 horas, horário das atividades físicas fornecidas pela Unidade básica de Saúde; três vão ao parque nas quartas feiras às 13h30, horário das atividades fornecidas pelo grupo de idosos e um idosos frequenta segunda, quarta e sexta às 8 horas para as atividades de tai chi chuan. Nos finais de semana três idosos relataram frequentar o parque no período da manhã entre 7 horas e 10 horas. Três idosos não têm preferência em relação ao horário de visitação, assim não informaram um horário ou dia específico.

A preferência dos idosos pelo turno matutino, também é visto em Xavier *et al.*, (2018), contraditoriamente aos adultos e adolescentes do mesmo estudo que frequentavam, predominantemente, durante o período vespertino e noturno. De acordo com Xavier *et al.*,

(2018), este fato pode estar relacionado com a peculiaridade da própria faixa etária, que são adeptos à rotina diurna. O horário de preferência dos frequentadores é de suma importância para estimar o funcionamento e a adesão em programas de atividades.

A perspectiva do lazer sério, estabelecida por Stebbins (2005), mostrou-se adequada para analisar as manifestações do lazer dos idosos nos parques, embora, não há intenção em enquadrar as atividades realizadas pelos idosos nos parques como uma ou outra forma de lazer. Dessa forma, acredita-se no *continuum* do lazer, como sugerido por (BRYAN, 2000), visto que a mesma atividade, no mesmo espaço, pode ser considerada lazer sério e/ou lazer casual, dependendo da experiência e do indivíduo.

4.2 INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DA COVID-19 NO LAZER DOS IDOSOS²³

Vinte e um participantes relataram que a pandemia imposta pela covid-19 influenciou negativamente no lazer, devido às restrições do isolamento, que inviabilizaram as atividades sociais, culturais, turísticas e físicas presencialmente, e dois afirmaram não ter influenciado. Todos os participantes citaram estar realizando alguma atividade de lazer. As atividades físicas foram as mais presentes durante a pandemia, sendo citadas por 13 idosos, como, caminhada no bairro (4), em casa (2), e em espaços abertos específicos como, parques (1), duna e trilha (1), e loteamento (2); exercício em casa (5) como, alongamento, polichinelo, tai chi chuan, Pilates, corda e subir escadas; exercício com acompanhamento *on-line* (3). Em seguida, as atividades manuais foram citadas por 12 participantes, sendo elas, artesanato (7); jardinagem (3); costura (2); gastronomia (2); fotografia (1); decoração (1). As atividades artísticas foram citadas por 11 participantes, como assistir filme (8); televisão (2); série (1). Nove participantes citaram realizar atividades sociais, como reuniões com amigos e familiares *on-line* (5); conversar via *whatsapp* (4); brincar com neto (1); atividade religiosa *on-line* (1). As atividades intelectuais foram citadas por nove idosos, como leitura (7); palavra cruzada (2); estudo (3); palestras (1); pesquisas na internet para se informar (1). As atividades turísticas, como visitar praias e parques foram citadas por um participante (figura 7).

²³ Os achados relacionados à influência da pandemia da covid-19 no lazer dos idosos foram submetidos e publicados na *World Leisure Journal*, e compuseram a edição especial *Leisure and Aging in Difficult Times*, Volume 63, Edição 3, 2021 (ANEXO B).

Figura 7 – Atividades de lazer realizadas pelos idosos durante a pandemia da covid-19.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Além das atividades supramencionadas, três idosos relataram sair de casa, para ficar tranquilo, pegar sol, relaxar e respirar ar puro e dois mencionaram brincar com animais domésticos e realizar trabalho voluntariado, e um citou corrigir textos científicos, que também se constitui como o seu trabalho.

O isolamento social, entre idosos, pode acarretar maior risco de solidão, depressão, ansiedade, entre outros transtornos afetivos (BANERJEE, 2020; NEWMAN; ZAINAL, 2020), sendo que, esses riscos tendem a aumentar, entre aqueles que moram sozinhos (STAHL *et al.*, 2017). Corroborando esses achados, dois participantes relataram “Só isso de não poder sair já me deixa muito ansiosa” e “Influenciou no meu humor, tem hora que estou bem, tem hora que já fico meio revoltada, tem que ficar controlando as emoções e o humor”. Além disso, o avanço da idade é um dos principais fatores de risco para as doenças

neurodegenerativas (HOU *et al.*, 2019), podendo dificultar o convívio social, tanto daqueles que possuem demência, quanto para aqueles que convivem com pessoas nesse quadro. Como relatado por Maria:

Eu sinto falta daquela parceria, de uma conversa... eu converso e ele [marido] me responde, as vezes coisas avessas. Então, isso me faz falta, os amigos, o parque, meu trabalho... Eu não tenho uma troca, porque eu estou isolada com uma pessoa com Alzheimer (Maria - Horto Florestal).

Essa pode ser a realidade de muitos idosos, visto que cerca de 50 milhões de pessoas no mundo possuem algum tipo de demência, sendo mais de 90% dos casos entre idosos (OMS, 2020b). Acrescenta-se também que programas de lazer para cuidadores de pessoas com demências, possuem diversos benefícios, como: alívio do estresse, apoio social, e melhora na resiliência para lidar com o cuidado (PIENAAR; REYNOLDS, 2015).

Além disso, muitos idosos que trabalhavam foram afastados ou perderam seus empregos. No Brasil, a taxa de desemprego passou de um nível pré-pandemia de 11,6% para 14,6% no terceiro trimestre de 2020, durante a pandemia (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020). Sofia, representante comercial, também relata drástica redução de salário durante a pandemia. As mudanças no teletrabalho podem afetar tanto a qualidade de vida dos trabalhadores idosos (ABBAS; ZHIQIANG, 2020), quanto o lazer, visto que, anteriormente à pandemia, a baixa renda já era uma restrição encontrada (ZANON *et al.*, 2013).

A impossibilidade de sair de casa foi o que mais influenciou no lazer dos entrevistados, sendo reconhecido nas falas de Joana, Ricardo e Paulo: “o lazer maior era sair”, “o lazer foi influenciado, simplesmente, por estar confinado”, “a pandemia influenciou muito no lazer, pois me impede de sair de casa por ser idoso”. Estes dados coadunam o estudo de Stodolska (2020), ao afirmar que as pessoas temem deixar suas casas para atividades de lazer.

A pandemia trouxe dificuldades e medo existencial (FOX; MCDERMOTT, 2020). Observa-se entre os participantes, o medo, tanto de contrair e transmitir a doença, quanto de perder entes queridos. Além disso, temem o desconhecido e as incertezas, inerentes da própria covid-19 (LEO; TRABUCCHI, 2020), a exemplo de quando a pandemia chegará ao fim, e o que ainda vem pela frente. O medo pode estar associado ao fato de os idosos estarem no grupo de risco da doença, com a morte mais presente (LINS *et al.*, 2020).

Para os participantes deste estudo, o lazer estava relacionado com experiências fora de casa. Diante dessas concepções, entende-se porque o lazer foi tão impactado com as restrições impostas pela covid-19, no entanto, tais concepções podem ter sido influenciadas pelas medidas restritivas da doença, visto que os idosos estão saudosos das atividades que desenvolviam fora de casa (LINS *et al.*, 2020). Além disso, os idosos relataram que, durante a pandemia, perderam a liberdade e a autonomia. Esta última, de acordo com Teodoro *et al.* (2020), é de suma importância para gestão do tempo do lazer.

A falta de tempo, devido aos compromissos familiares, já era considerada uma restrição para o lazer (ZANON *et al.*, 2013), sendo salientada com o *home office*, e com as escolas e faculdades fechadas. A idosa Marissa, dá um exemplo: “minha neta está aqui em casa também, por isso, tenho que fazer almoço, café... É a luta de dona de casa!”. Para Connor *et al.* (2020), durante a pandemia da Covid-19, as mulheres podem ser afetadas desproporcionalmente, por exercerem predominantemente o papel de cuidadora, dentre outros fatores. Mais da metade dos entrevistados neste estudo são mulheres, podendo, portanto, ser afetadas desta forma.

As atividades físicas foram as mais citadas pelos participantes como possibilidades durante a pandemia, porém, as mais impactadas. Os idosos mostraram-se desmotivados para fazer atividade física *on-line*, sem ter ajuda de profissionais, e também pela falta de espaço, visto que usavam o parque para fazer suas atividades físicas diárias. Além de terem que se locomover por longas distâncias para encontrar locais sem aglomeração, e devido às medidas sanitárias. Antônio destaca: “cada saída implica em grande ritual, ir lá e ficar ao menos uma hora, voltar, tomar banho, tudo isso”. De acordo com Lins *et al.* (2020), este ritual pode ser um fator de estresse para os idosos, dificultando assim, a prática de atividade física.

As atividades turísticas, mesmo sendo citadas com frequência pelos participantes, como formas de lazer; durante a pandemia da covid-19, foram negligenciadas (RIBEIRO *et al.* (2020). As viagens além de propiciarem melhorias na saúde, podem colaborar no engajamento e na socialização (AHN; JANKE, 2011). No entanto, de acordo com Ribeiro *et al.* (2020), o turismo pode ser um dos últimos serviços a voltar à normalidade.

A falta de transporte público também foi uma restrição encontrada pelos idosos para usufruir o lazer, como apontado por Marissa: “mexeu muito comigo, muito, muito, porque eu ia sempre ao centro da cidade de ônibus, mas agora não posso. Estou decepcionada”.

Stodolska (2020) discute que as pessoas que se encontravam em situação de vulnerabilidade podem ser ainda mais afetadas. Além de estarem no grupo de risco, muitos idosos brasileiros possuem baixa renda, e precisam de serviços públicos para participar de atividades de lazer.

O engajamento social fornece diversos benefícios para os idosos (LIU *et al.*, 2019). Durante esse momento, Son *et al.* (2021) apontam que os idosos precisam de oportunidades sociais para manter o bem-estar. Porém, muitos idosos deste estudo relataram que, na pandemia, as atividades sociais diminuíram. Destaca-se as falas de Sofia, Rosa e Marisa, respectivamente: “A parte social, de fazer visitas, que a gente gostava muito de fazer, ... de visitar o filho, é lógico, que agora não estamos mais fazendo”; “Tomar lanche e passeio aos shoppings com as amigas, tudo isso, nos foi tirado”; “Por exemplo estar com outras pessoas, conversar, fazer reuniões... visitar os parentes e amigos. Nada disso eu estou fazendo”. Nesta perspectiva, os participantes viam os parques urbanos como uma maneira de se relacionar com outras pessoas. Muitos idosos, inclusive, tinham o parque como único espaço para lazer e convívio social.

Os parques há décadas propiciaram momentos de lazer, recreação e atividades físicas para idosos (GODBEY; BLAZEY, 1983; ONOSE *et al.*, 2020). Para superar tais consequências, Armitage e Nellums (2020) sugerem que amigos, familiares, profissionais da saúde, instituições voluntárias e projetos de extensão universitários continuem mantendo o contato, mesmo que à distância, a fim de fornecer suporte aos idosos durante esse período.

4.2.1 Possibilidades e perseveranças

As restrições para o lazer podem ter sido acentuadas durante a covid-19; no entanto, elas também podem, de alguma forma, ser benéficas para indivíduos mais velhos. Em um diferente contexto, Kleiber *et al.* (2008, p. 346) discutem que a interrupção em atividades pode ter seu lado negativo, “mas permite uma reapropriação de outras atividades, geralmente ao longo de um *continuum* do que é mais pessoalmente significativo”. Assim, os idosos deste estudo também usufruíram de distintas experiências de lazer durante a pandemia da covid-19. Eles relataram que o maior tempo em casa, devido às medidas

restritivas, possibilitaram resgatar antigas atividades de lazer, além de ampliar as atividades intelectuais, artísticas e manuais, que já eram realizadas em domicílio.

Nessa perspectiva, acredita-se que, além de um momento para autorreflexão, a pandemia da covid-19 está sendo um período para explorar coisas novas, refletir sobre a gestão do tempo, e realizar voluntariado (SIVAN, 2020). Os entrevistados relataram ter mais tempo para cuidar de si e dos outros. Ainda que no ambiente doméstico, os idosos realizaram trabalho voluntariado para ajudar outros idosos que vivem em instituições de longa permanência para idosos e pessoas necessitadas, como neste exemplo de Jane:

Eu não estou indo muita a campo, para trabalhar como voluntária por causa da neta, de receio de estar com outras pessoas, por causa da pandemia, mas eu estou fazendo trabalho em casa, as pessoas trazem coisas aqui e vem alguém e recolhe (Jane - Bosque Vereador Pedro Medeiros).

Apesar da interrupção de muitas atividades de voluntariado presencial (SON *et al.*, 2021), Lachance (2020) acredita que o voluntariado virtual pode se tornar mais popular com a pandemia, refletindo em aspectos positivos para adultos mais velhos. Mesmo em um período difícil da covid-19 no Brasil, os idosos Borboleta Azul e Mario afirmaram que as restrições da pandemia não influenciaram em suas experiências de lazer. Borboleta azul, em razão de residir em um bairro que não havia aglomeração de pessoas, possibilitando realizar atividades físicas, e por possuir casa com quintal grande, que permitiu realizar atividades manuais. Mario, devido ao fato de ter continuado a frequentar parques e praias, mesmo com as restrições. Além de legitimar a importância de espaços de lazer (DE LA BARRE *et al.*, 2020); o lazer, dos idosos também estava relacionado com estado de espírito e ócio, o que pode ter sido influenciado em menor proporção comparado com atividades práticas.

Ao pesquisar 2.278 brasileiros, Teodoro *et al.* (2020) encontraram que cerca de 13,5% dos investigados não perceberam mudança em seu tempo para lazer. Dentre outros motivos, pode ser por não estarem cumprindo as medidas restritivas impostas, em sua totalidade, continuando a praticar esportes coletivos e frequentar praias (TEODORO *et al.*, 2020), o que também incluem os idosos (DAOUS, 2020).

Além disso, mesmo que demasiadamente impactados, muitos idosos continuam realizando atividades físicas (GOETHALS *et al.*, 2020). A covid-19 não impõe que as atividades físicas devam ser eliminadas (CHEN *et al.*, 2020). Pelo contrário, achados recentes mostram que as atividades físicas podem e devem, mesmo que resignificadas,

estar presentes, pois manter-se ativo é de suma importância para levar uma vida saudável durante a pandemia (JIMÉNEZ-PAVÓN; CARBONELL-BAEZA; LAVIE, 2020).

O fechamento de parques e academias fez com que os idosos utilizassem a internet para continuar se exercitando. O espaço do bairro foi a forma que as pessoas encontraram para isso, mesmo em distanciamento de outras pessoas (ANDERSON, 2020); bem como o exercício com aplicativos de celular e aulas *on-line* (YONG, 2020). Embora o fechamento de parques e academias tenha feito com os idosos usassem a internet para continuar se exercitando, contraditoriamente, os idosos não têm demonstrado, em suas falas, motivação para a prática de atividades físicas *on-line*. Assim, a contribuição da tecnologia em ajudar os idosos na manutenção das atividades de lazer é enfatizada, visto que, mesmo que eles demonstraram não se sentirem motivados pelas atividades *on-line* em detrimento das atividades presenciais.

Além disso, os idosos estão caminhando nas ruas próximas às suas residências. A partir disso, especula-se a importância de ruas “sem trânsito” para as pessoas continuarem se exercitando com distanciamento social (ANDERSON, 2020). Cinco adultos mais velhos continuaram, mesmo em casa, a fazer exercícios. Alguns exercícios podem ser realizados em casa porque requerem pouco espaço e equipamento (CHEN *et al.*, 2020). Da mesma forma, os idosos investigados mencionaram ter continuado a realizar Tai Chi Chuan, Pilates, alongamento, polichinelos, pular corda e subir escadarias.

Ao passo que ficam mais em casa, os idosos entrevistados relataram que estão organizando e decorando a casa por lazer. Se, por um lado, aumentaram as atividades domésticas, pelos filhos estarem em casa, por outro, a pandemia propiciou mais tempo para realizar atividades de lazer em família (ANDERSON, 2020). Mesmo aqueles que estão longe da família e amigos relataram manter o contato via *whatsapp* e por *lives*. O lazer está relacionado com melhor conexão social entre idosos, sendo que amigos e familiares são de suma importância para o envolvimento de idosos em atividades de lazer (TOEPOEL, 2013).

Os idosos utilizaram da tecnologia para se adaptar à nova realidade (SON *et al.*, 2021). Neste estudo, a finalidade dos idosos com a tecnologia foi manter a interação social, diferentemente de achados recentes que evidenciaram aumento nas atividades com fins virtuais como: *Instagram*, *Tik Tok*, *Youtube* (TEODORO *et al.*, 2020). Assim como no estudo de Teodoro *et al.* (2020), percebe-se a dificuldade em classificar as atividades, uma

vez que, nos últimos meses, diversas atividades estão sendo feitas, predominantemente, de forma virtual. Entende-se que as atividades são complementares e dialogam entre si; não havendo uma separação exata entre elas. Portanto, é importante repensar sobre as atividades virtuais, uma vez que esse conteúdo nunca foi tão utilizado, seja dentro ou fora do lazer.

Os profissionais que desenvolvem atividades *on-line* também são fundamentais para continuar envolvendo, mesmo que em casa, os idosos em atividades de lazer (SON *et al.* 2021). Além da criatividade das pessoas (MARQUES; GIOLO, 2020) e dos profissionais, o lazer também depende de órgãos governamentais e instituições privadas (DE MIRANDA, 2020). Porém, além de programas de atividades, devem ser criados cursos de aperfeiçoamento em tecnologias digitais visando atingir todas as pessoas, uma vez que, neste estudo, a falta de domínio da tecnologia fez com que alguns idosos não participassem de programas ofertados pelo governo, mesmo quando interessados.

Mesmo que alguns idosos tenham relatado não terem se adaptado em programas de atividades *on-line*, é importante entender os motivos, visto que os idosos possuem suas particularidades, e não devem ser rotulados pelas limitações da idade (HEBBLETHWAITE *et al.*, 2020). A literatura revelou diversas inconsistências em relação ao uso das tecnologias por idosos (DAMANT *et al.*, 2017; NIMROD; IVAN, 2019). No lazer, em particular, o uso de tecnologias pode ajudar o idoso a se manter ativo e socialmente engajado, porém, pode estar relacionado ao engajamento interrompido e à perda de tempo (NIMROD; IVAN, 2019). Durante a pandemia, em especial, a tecnologia está sendo uma forma de superar a solidão (YOUNG, 2020), e fornecer suporte social e sentimento de pertencimento (NEWMAN; ZAINAL, 2020), além de permitir aos idosos continuarem suas atividades de lazer.

O lazer pode ser visto como uma forma positiva de passar por eventos negativos da vida (KLEIBER *et al.*, 2002). Durante a pandemia, em particular, o lazer está sendo uma possibilidade de fuga do estresse causado pela covid-19, do desemprego, e do tédio decorrente do confinamento (STODOLSKA, 2020). Nesse sentido, acredita-se que pode haver mudanças positivas no lazer (ANDERSON, 2020), uma vez que os impactos negativos da covid-19 podem reverberar na compreensão do lazer como prioridade, condição e direito humano.

Ressalta-se que os idosos investigados residem em uma região socioeconomicamente privilegiada no Brasil, além de quase todos possuírem segundo grau

completo, e acesso à internet e a redes sociais. Fatos estes que podem ter influenciado suas experiências de lazer. Para os resultados serem extrapolados, sugerimos que novos estudos incluam idosos de outros grupos, como os demais grupos socioeconômicos, idosos institucionalizados, e residentes de regiões periféricas.

4.3 FACILITADORES E RESTRIÇÕES PARA O USO DE PARQUES PÚBLICOS URBANOS POR IDOSOS

Os facilitadores e as restrições para o uso de parques urbanos pelos idosos investigados foram organizados em três categorias, a saber: intrapessoais, interpessoais e estruturais, conforme proposto por Crawford, Jackson e Godbey (1991) e Raymore (2002). Os facilitadores e as restrições estão apresentados na tabela 2, seguidas do número que corresponde à quantidade de participantes que mencionou cada um dos aspectos.

Tabela 2 – Facilitadores e restrições ao uso de parques públicos urbanos por idosos.

CATEGORIAS	FACILITADORES	N	RESTRICÇÕES	N
<i>INTRAPESSOAL</i>	Sensações e emoções	24	Falta de motivação e sedentarismo	6
	Benefícios físicos e psicológicos	7	Doenças	3
<i>INTERPESSOAL</i>	Amizade e convívio social	17	Comportamento dos usuários	6
	Presença de idosos, adultos, crianças e animais	14	Falta de envolvimento da comunidade	4
	Orientação profissional	6	Superlotação de pessoas	4
	Envolvimento da comunidade	9		
<i>ESTRUTURAL</i>	Natureza	20	Divulgação e incentivo	13
	Infraestrutura	12	Falta de infraestrutura	13
	Espaços e equipamentos de atividade física	11	Falta de atividades de lazer	10
	Aposentadoria	11	Gestão do parque	9
	Estética	8	Recursos humanos	7
	Segurança	7	Falta de acessibilidade	6
	Programa de atividade física	6	Interesses políticos	6
	Atrações e eventos	5	Falta de segurança	4
	Proximidade de Unidade Básica de Saúde	4	Localização	3
	Avanço da idade	3		
	Acessibilidade	3		
	Horta e compostagem	3		
	Grupo de idosos	3		

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

4.3.1 Facilitadores e restrições intrapessoais

O baixo número de restrições e facilitadores intrapessoais encontrado vai ao encontro do modelo hierárquico de Crawford, Jackson e Godbey (1991) e Raymore (2002), visto que, como os idosos, já visitam o parque, ou seja, já estabeleceram suas preferências, possivelmente, outras restrições intrapessoais, já foram superadas, negociadas e/ou eram

ausentes. No entanto, apesar de poucas, as restrições intrapessoais citadas pelos idosos podem influenciar na frequência, envolvimento e no nível de especialização nas atividades desenvolvidas nos parques, tanto pelos idosos que já frequentam os parques, quanto para novos frequentadores, dado que as restrições intrapessoais, conforme Crawford, Jackson e Godbey (1991), são as mais difíceis de serem superadas e as que mais influenciam na consolidação das preferências.

Em relação aos facilitadores, as sensações e emoções vivenciadas pelos idosos ao visitar os parques foi o fator mais encontrado entre os idosos, visto que estavam relacionados com aspectos agradáveis, como paz, tranquilidade, satisfação, prazer, entre outras. A partir das respostas dos idosos investigados foi produzida uma nuvem de palavras com as principais sensações e emoções destacadas pelos idosos ao frequentar os parques, considerando que as letras com fontes maiores são as mais citadas (figura 8).

Figura 8 – Sensações e emoções vivenciadas pelos idosos ao frequentar parques públicos urbanos.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

As sensações e emoções podem facilitar a participação no lazer, conseqüentemente, resultando em negociações das restrições favorecendo o engajamento e participação. Em concordância, Lawton (1994), há décadas, apontava que o afeto e as

sensações estavam relacionados a um maior envolvimento nas atividades de lazer em geral, entre os idosos. Igualmente, para Vieira *et al.* (2021), as sensações e emoções foram um dos principais facilitadores à prática de atividade de aventura por idosos.

Por outro lado, a falta de motivação e o sedentarismo, assim como a presença de doenças foram restrições intrapessoais encontradas no uso de parques pelos idosos investigados. É importante destacar que ambos (a falta de motivação e o sedentarismo) apareceram nas falas dos idosos quando foram questionados sobre o que falta para que mais pessoas frequentassem os parques, ou seja, não foram restrições intrapessoais que influenciavam a participação dos idosos investigados, mas, sim, de cônjuges, familiares, amigos e conhecidos, na percepção dos idosos. Outro aspecto importante foi que a desmotivação e o sedentarismo podem estar relacionados ao avanço da idade, como relatado por dois idosos:

O que falta mesmo é boa vontade das pessoas, as pessoas se acomodam! [...] principalmente, quando chega numa certa idade aí é “eu já estou velho, eu tenho que ficar em casa, dormindo (Borboleta Azul – Horto Florestal).

Eu acho que as pessoas, principalmente, os considerados da terceira idade, já não tem mais vontade de sair de casa, às vezes, ficam com preguiça, ficam recolhidos. [...] se acomodam, talvez, seja até um problema de idade (Ricardo - Parque de Coqueiros).

De acordo com Zanon *et al.* (2013), quando os indivíduos se envolvem em um processo de acomodação, ele neutraliza os efeitos negativos das restrições, o que pode impactar na negociação das restrições, e conseqüentemente, afetar a participação. Em concordância, a desmotivação e as doenças também foram encontradas em outras pesquisas ao analisar a participação de idosos em atividade física no lazer (BETHANCOURT *et al.*, 2014; KRUG; LOPES; MAZO, 2015; RECH *et al.*, 2018; YARMOHAMMADI *et al.*, 2019).

Ao pesquisar 1.674 trabalhadores brasileiros, Andrade *et al.* (2017) também encontraram as limitações físicas, medo de machucar, e dores, como restrições intrapessoais à atividade física no lazer. Os idosos, em especial, podem ser ainda mais influenciados com tais restrições, visto que com o avanço da idade, aumentam as limitações físicas, o aumento de quedas e doenças (KRUG; LOPES; MAZO, 2015). Marisa ilustra esta

discussão ao afirmar que: “por causa da questão da idade você começa a ter problema de articulação, começa a ter tendinite, epicondilite”.

Por outro lado, assim como em Bethancourt *et al.* (2014), os idosos investigados percebem que se manter ativo é uma necessidade. Dessa forma, de acordo com os autores supramencionados, a motivação para manter a saúde física e mental é um dos principais facilitadores à prática de atividade física no lazer entre idosos. Nessa direção, outro facilitador encontrado foi a percepção de benefícios físicos e psicológicos inerentes à visita ao parque, observado nas falas de Beatriz, Adalgisa e Apoena:

O parque resgata o equilíbrio de muitas pessoas que vivem com stress. Porque a pessoa paga a academia, mas chega lá tem 80 pessoas com aquele som alto... E, você vai ali, no parque, fica 20 minutos, e eu acho que a carga de resgate é bem melhor do que você, sei lá, quando faz uma hora de terapia ou qualquer coisa do tipo (Beatriz – Horto Florestal).

Quando eu vou ao parque, eu me sinto bem. A gente se sente leve, os problemas ficam para trás, porque tu curtes. Aquela energia faz isso com a gente, a gente vai lá para curtir, porque aquilo faz muito bem, traz muita energia positiva, por isso a gente está sempre lá, presente (Adalgisa – Horto Florestal).

O parque me faz muito bem, faz bem para meu corpo físico, faz bem para minha alma, é um espaço que eu me sinto muito bem. Fora do meu lar, ou da casa dos meus filhos, do centro espírita que eu adoro, e de onde eu trabalho, o outro espaço que eu me sinto bem mesmo é o parque (Apoena – Parque de Coqueiros).

Esses achados vão ao encontro de Payne *et al.* (2005), Gies (2006), Loukaitou-Sideris *et al.* (2016) e Wang *et al.* (2017). Os autores perceberam que o uso de parques por idosos está diretamente relacionado à promoção de saúde física e mental, visto que podem favorecer a prática de atividade de lazer, as quais possuem diversos benefícios, bem como devido ao fato de serem espaços que possuem maior presença de áreas verdes, as quais estão associadas à prevenção de distintas doenças físicas e mentais.

4.3.2 Facilitadores e restrições interpessoais

As amizades e a possibilidade de convívio social que os parques potencializam, foi o facilitador mais presente, sendo citado por 17 idosos. Destaca-se que 18 idosos relataram visitar o parque em grupos ou com conjugues, filhos e netos. Os grupos são constituídos, predominantemente por pessoas com 60 anos ou mais, e quase sempre pelas mesmas

peessoas, o que pode gerar redes de amizades, fortalecendo os vínculos afetivos e sociais.

Ricardo relata:

O parque, ele é muito importante, porque é um local de confraternização, sem discriminação alguma, sem conotação nenhuma, simplesmente, é um local aberto onde tu encontras com as pessoas, onde você faz amizade, onde pratica exercício, é um local de conagração da comunidade (Ricardo - Parque de Coqueiros).

A socialização é frequentemente encontrada como facilitador para idosos aderirem à prática de atividade física (EIRAS *et al.*, 2010; SOUZA; VENDRUSCULO, 2010; KRUG; LOPES; MAZO, 2015). Conforme o Guia de Atividade Física para a População Brasileira, a prática de atividade física em grupo é mais prazerosa e agradável. Além disso, o apoio social inadequado pode gerar um declínio na saúde tanto física, quanto mental, influenciando, diretamente, no envelhecimento ativo (OMS, 2005).

Dessa forma, espaços que fomentem o convívio social podem aumentar a integração social do idoso, levando à formação de redes sociais, e, conseqüentemente, podem colaborar com o envelhecimento ativo. Para Maria, frequentar o parque influenciou “positivamente, porque você não fica só dentro de casa, no seu mundinho. [...] a gente conversa, conta piada, fala mal do marido, sobre nossos problemas de saúde, é uma benção...” e Apoena afirma:

Como eu, que moro sozinha, muitas pessoas estão morando só. Hoje, não só o idoso, o jovem também, então é uma troca de cultura, de conhecimento, de fazer amizades, de conversar, para não ficar muito isolado na sua casa, no seu apartamento (Apoena - Parque de Coqueiros).

O vínculo afetivo foi uma das principais motivações para os idosos frequentarem e permanecerem frequentando os parques. O que vai ao encontro de Raymore (2002), quando aponta que a motivação influencia na percepção dos facilitadores, tanto intrapessoais, quanto interpessoais e estruturais. Além disso, 14 idosos citaram que apreciam a presença, de outros idosos, adultos, crianças e animais. Isso faz com que eles gostem e indiquem o parque para outras pessoas, como destacado por Maria:

No Horto, a gente se encontra e tem esse contato com as pessoas. [...] as crianças param e a gente canta para elas. Aquele parque é maravilhoso, é muita criança, é muita escola, recreação e têm os animais. As pessoas que eu converso, eu digo: “por favor, não deixem de ir ao parque, apreciar aquela coisa maravilhosa e o que oferece, porque tem a academia ao ar livre, tem também aquele outro lado que

pode fazer piquenique com as crianças, mostrar tudo que elas não têm em casa, os miquinhos, tanto pássaro que elas não veem, tantas coisas que elas não veem (Maria - Horto Florestal).

De acordo com Artmann *et al.* (2017), os parques fomentam além de atividade física e recreação passiva (educação, relaxamento, tomar sol etc.), a interação social, devido ao fato de proporcionar o encontro de crianças, adultos, idosos, imigrantes e residentes. Por outro lado, seis idosos citaram o comportamento de alguns usuários como fator limitante, devido ao fato de jogarem lixo no chão, depredarem e faltarem com empatia com outros usuários. Esse fato pode estar relacionado com a falta de envolvimento da comunidade que também foi citado por quatro idosos. Em concordância, uma das principais dificuldades enfrentadas pelos polos do Programa Academia da Saúde, estava relacionada à adesão e ao envolvimento da comunidade (BRASIL, 2017). Para superar tal restrição, pesquisas mostram que a comunidade deve ser, frequentemente, consultada e envolvida, a fim de compreender as necessidades locais e as vantagens das experiências de lazer que as cercam (KOCIAN; SILVA, 2016; TSCHOKE *et al.*, 2011).

O envolvimento da comunidade também foi observado nas falas dos idosos como aspecto facilitador. Essa contradição pode estar relacionada com as diferenças de um parque para o outro, como por exemplo, o modo como foi criado e o incentivo para a comunidade se envolver. Nesse sentido, destaca-se que o Parque de Coqueiros e o Parque da Luz foram criados por iniciativa da comunidade, o que pode refletir em um maior envolvimento dos mesmos. Os idosos investigados trazem importantes contribuições sobre isso:

O parque da luz ele tem uma característica diferente, o parque da luz ele foi criado pelas pessoas e professores da universidade que se reuniram, próximo ao tombamento da ponte, em 84. E as árvores que estão no parque, foram plantadas pela população e através de movimentos, aproveitando datas ligadas ao meio ambiente, como Dia da Árvore, Dia do Meio Ambiente (Paulo – Parque da Luz).

Ao longo do tempo, através das árvores plantadas, as pessoas, compreendesse que esse espaço poderia ser cuidado pela população. [...] Isto fez com que, tomassem consciência de que esse espaço poderia ser um espaço de lazer, um espaço que a gente poderia preservar para cidade. [...] e na medida que a gente vai envolvendo as pessoas no projeto, transformando o feio em belo, podemos criar algo coletivamente. Envolver as pessoas na criação do parque é a educação ambiental genuína (Alamar – Parque da Luz).

Parque de Coqueiros, foi criado pela comunidade, por uma associação de moradores e mantido por um tempo por eles, ali foi a origem de tudo, por isso

que ele é um parque considerado múltiplo, que têm diversas atividades, para crianças até adultos (Ricardo - Parque de Coqueiros).

O fato de ser cuidado pela população através de uma associação faz a diferença nesse parque, com certeza (Marisa – Parque de Coqueiros).

O envolvimento da comunidade mostrou-se de suma importância, uma vez que, apareceu tanto como restrição e facilitador, quanto como fator motivador para adesão ao uso do parque. Como relatado por Alamar: “quando participamos do processo nos responsabilizamos pelo resultado”. Isto é, quanto mais a comunidade é envolvida, mais as pessoas tendem a desenvolver atitudes de conscientização para a conservação, cuidando e se responsabilizando dos espaços em que frequentam (GALLERANI *et al.*, 2017; MORO; RECHIA; ASSIS, 2014).

Além do envolvimento da comunidade, em específico, o Parque de Coqueiros se destaca por ter a orientação de uma profissional de Educação Física para acompanhar os exercícios físicos. Além de um profissional de Educação física, os idosos mencionaram a importância desse profissional ser qualificado e compreender as especificidades dos idosos. Ricardo e Apoena auxiliam nesta discussão:

O simples fato de lidar com idosos você sabe que não é fácil, porque os próprios idosos têm as suas próprias características, suas dificuldades, suas limitações e é difícil, às vezes, manter a coesão do grupo, principalmente, por problemas de saúde, problemas de boa vontade, essas coisas que nós passamos no dia-a-dia (Ricardo - Parque de Coqueiros).

A Sibeles é uma excelente profissional, mas acima de tudo ela ama o que faz. A gente sente que ela tem um amor, que ela se dedica de alma as atividades. Se dedica a nós, seus alunos, com uma dedicação exemplar. E além dela ser uma ótima profissional, ela é uma excelente pessoa, a facilidade que ela tem de comunicação, ela se dispõe toda para nós, se devota mesmo a profissão (Apoena - Parque de Coqueiros).

O envolvimento e outras atributos do Parque de Coqueiros são tão bem apreciados pela comunidade que resulta em superlotação de pessoas. O que se caracterizou como uma restrição, devido ao fato de limitar a frequência nos finais de semana e em alguns períodos do dia, conforme alguns idosos demonstraram:

Eu normalmente não gosto de caminhar a tarde, final de tarde e no domingo, porque aí está muito lotado, muito, muito, muito. Não que eu queira o espaço maior para mim, só acho que temos poucos parques aqui em Florianópolis, que é uma pena (Apoena - Parque de Coqueiros).

Os dias que eu menos gosto de ir ao parque é domingo porque ele fica pequeno, pela quantidade de pessoas que frequentam, é muita criança e muito cachorro também, então os dias que eu menos gosto do parque é domingo (Marisa - Parque de Coqueiros).

O que vai ao encontro de Vieira e Guerra (2012), ao apontarem que o envolvimento da comunidade, a interação social entre crianças, adultos e idosos, e a identificação da comunidade com o parque podem colaborar com a apropriação e uso dos mesmos. Nessa perspectiva três idosos investigados sugeriram a priorização na criação de mais parques; inclusive, em lugares mais estratégicos.

Em concordância, os achados dessa pesquisa mostram a importância dos facilitadores interpessoais, como a amizade, o convívio social, a presença de idosos, adultos, crianças e animais, a orientação profissional e o envolvimento da comunidade, para negociar as restrições, e contribuir com a participação de idosos em parques públicos urbanos.

4.3.3 Facilitadores e restrições estruturais

Foram encontradas mais restrições estruturais que intrapessoais e interpessoais, o que vai ao encontro do modelo proposto por Crawford, Jackson e Godbey (1991), visto que os participantes já formaram suas preferências, ou seja, já frequentam os parques. Por outro lado, as restrições estruturais são importantes de serem analisadas por influenciarem a frequência e o nível de participação das pessoas (CRAWFORD; JACKSON; GODBEY, 1991), como nota-se na fala de uma idosa:

Eu vejo famílias, que gostam de fazer piquenique, mas tem poucos locais onde possam realmente ficar, se reunir ficar numa sombra, ficar mais tempo, ler livro. Talvez mais árvores, mais bancos para as pessoas desfrutarem mais dos espaços, ou, até mesmo, fazer amizades e conversar (Apoena – Parque de Coqueiros).

Os parques, portanto, devem possuir facilitadores estruturais, como boa acessibilidade, segurança, estética e infraestrutura (banheiros, lixeiras, iluminação, bancos e mesas) para receber os idosos. Uma vez que, naqueles parques, cujos idosos possuem percepção positiva desses fatores, isso podem facilitar a participação. Neste sentido, as afirmações de Rosa, Lúcia e João são ilustrativas:

No parque é bem melhor que na calçada. Nas calçadas tem que parar, tem obstáculos, como aconteceu comigo, eu caí. Fui para Itaguaçu e caí, machuquei toda (Rosa – Parque de Coqueiros).

A segurança do parque é muito boa, quando eu estou ali, eu me sinto protegida (Lúcia – Jardim Botânico)

O parque não está deixando nada a desejar ali e está sempre limpinho, isso que é importante, é tão difícil a gente ver um parque assim bom. [...] pela infraestrutura que ele tem, é seguro no sentido que você não tem rampa para cair, é plano. Parque deveria ser assim! (João - Parque de Coqueiros).

Além disso, o fato de os Parques de Coqueiros e da Luz serem próximos de uma Unidade Básica de Saúde, também apareceu como facilitador. A proximidade de Unidade Básica de Saúde pode estar relacionada com maior segurança, tanto por atrair mais pessoas para próximo ao parque, quanto pelos idosos se sentirem mais seguros no que se refere à saúde.

Por outro lado, naqueles parques, cujos idosos possuem percepção negativa da acessibilidade, segurança e infraestrutura, esses fatores podem restringir a participação. Similarmente aos achados anteriores do Parque da Luz (FLORIANÓPOLIS, 2018). Essa restrição, também foi identificada no Guia Global: cidade amiga do idoso (OMS, 2008), como impedimento para os idosos se locomoverem na cidade. A percepção negativa de idosos, sobre as estruturas, como de poucos bancos ou em mau estado também foi identificada por Navarro *et al.* (2015) ao analisar espaços públicos em Porto Alegre (RS). O autor relaciona essa restrição com a maior necessidade de sentar e descansar dos idosos, devido à diminuição da capacidade funcional entre essa população.

Em relação à acessibilidade, de acordo com o manual de acessibilidade de Florianópolis, o município vem adotando algumas exigências, estipuladas por leis municipal (LEI Nº 7801/2008) e federais de acessibilidade (DECRETO Nº 5296/2004, LEI Nº 10048/2000, LEI Nº 10098/2000, LEI Nº 7801/2008), principalmente, nas ruas mais movimentadas e próximas à universidade, aos shoppings, às igrejas e em alguns bancos da cidade, porém, como ressaltado no próprio documento, ainda há muito o que ser feito e reformado (IPUF, 2015). Achados dessa pesquisa enfatizam, na percepção dos idosos investigados, a ausência de acessibilidade nos seguintes parques, especialmente, relacionada ao terreno: Horto Florestal, Bosque Pedro Medeiros, Parque de Coqueiros e Jardim Botânico. Como sugestão para melhorar a acessibilidade do parque, as diretrizes de

intervenções do Parque da Luz indicam que há a necessidade de melhorar a demarcação e recuperação dos caminhos oficiais, a instalação de placas indicativas e a inclusão de trilhas didáticas e inclusivas para os idosos e pessoas com deficiências (FLORIANÓPOLIS, 2018).

A falta de acessibilidade e de transporte público adequado também pode se reverberar em restrições relacionadas às localizações dos parques (FLORIANÓPOLIS, 2018), como apontado por Maria: “Ah se eu morasse mais perto eu ia viver no parque”. Segundo Zanon *et al.* (2013) a localização e o transporte restringem mais os idosos comparados com os mais jovens, devido às dificuldades de locomoção inerentes à idade. Assim, concordamos com Soares, Maia e Claro (2020), que, além da construção e da manutenção de espaços públicos, devem ser garantidas a proximidade e a acessibilidade da população a esses locais.

Além disso, os idosos podem ter acesso desigual aos parques comparados aos mais jovens e, também, com outros idosos, visto que, além dos idosos terem mobilidade física limitada, as residências próximas aos parques, normalmente, são de valores mais elevados (CROMPTON; NICHOLLS, 2020; GUO *et al.*, 2019). Isto é, aqueles idosos que possuem melhores condições financeiras podem ter mais acesso aos parques comparados com aqueles com menores condições (GUO *et al.*, 2019). Os parques públicos urbanos de Florianópolis estão localizados nas regiões centrais da cidade e grande parte dos idosos investigados possuem boas condições financeiras. É pertinente lembrar que, em outro estudo (ZANON *et al.*, 2013), a falta de recursos financeiros não apareceu como restrição ao uso dos parques.

Além dos recursos financeiros, a falta de tempo também é frequentemente encontrada como restrição ao uso de parques pela população em geral (RUSHING; D’ANTONIO; NEEDHAM, 2019; ZANON *et al.*, 2013). O que difere de achados dessa pesquisa, visto que, diferentemente de quando trabalhavam e possuíam os compromissos com os filhos e cônjuges, os idosos relataram ter mais tempo para fazer suas atividades de lazer. Os relatos de Carolina, Rosa, Gabriel, e Ricardo, são ilustrativos: “não é aquela coisa tão corrida, com tanta questão de horário, como é quando você está trabalhando”, “Ah eu sou sozinha, não tenho hora para voltar para casa” e “até pela disponibilidade de tempo maior, até julho do ano passado [antes da aposentadoria], eu não tinha o tempo que tenho

hoje para aproveitar”. “Quando eu estava trabalhando eu não tinha tempo para lazer ou atividade física, ou coisa parecida, agora eu tenho que procurar fazer alguma coisa”.

O maior tempo para o lazer, segundo 11 idosos, está relacionado com o tempo disponível devido à aposentadoria, corroborando com o estudo de Oliveira *et al.* (2015), ao apontarem que os idosos possuem mais tempo livre para usufruir do lazer, justamente por não possuírem as obrigações do trabalho. Em nosso estudo, 18 idosos relataram que permaneciam no parque, em média, entre 30 minutos a 1 hora e 30 minutos; quatro idosos permaneciam, em média, de 1 hora e 30 minutos a três horas; e três idosos permaneciam, em média, mais de três horas no parque.

Além disso, achados dessa pesquisa mostram que o avanço da idade foi observado como facilitador, visto que com a idade mais avançada os idosos se sentem mais dispostos, com menos preguiça e timidez, a exemplo de Rosa e de Maria. O que, por sua vez, enfatiza a importância do envelhecimento ativo, visto que, da mesma forma que a idade avançada pode trazer restrições (KRUG; LOPES; MAZO, 2015), pode, igualmente, facilitar o lazer. Relatos de alguns idosos exemplificam esta contradição inerente ao envelhecimento:

Faço as mesmas atividades, com a mesma disposição. A gente aprende. É outra história. A gente aprende a ser mais tolerante. Aprendi muita coisa! (Borboleta Azul – Horto Florestal e Parque Linear).

Eu estou muito melhor de que quando eu era mais nova. Antes eu tinha filhos para criar, tinha marido, aquelas coisas todas. Não podia sair, hoje não (Sueli - Parque de Coqueiros e Horto Florestal).

As pessoas pensam de uma maneira errada, não é o avanço da idade que limita as coisas, o que limita é quando a gente deixa de ter uma atividade física. A consequência da falta de atividade física começa a prejudicar a mobilidade da gente (Mario – Parque da Luz).

A necessidade de fazer atividade física pode ficar mais evidente nessa fase da vida (BETHANCOURT *et al.*, 2014), conforme mencionado por João: “porque se eu ficar parado eu sinto que o coração começa apertar, as dores voltam”. Nesse sentido, a presença de programas, de espaços e equipamentos adequados à atividade física é um facilitador recorrente ao investigar a participação de idosos, assim como, de pessoas mais jovens, em atividade física (PARRA *et al.*, 2010; BETHANCOURT *et al.*, 2014; PEREIRA; BAHIA, 2018; VAUGHAN; COHEN; HAN, 2018).

Além disso, as atrações e eventos esporádicos realizados nos espaços dos parques podem ser vistos como facilitadores para o uso dos mesmos. Uma vez que, servem tanto

como divulgação, quanto como atividades diferenciadas para aqueles que já frequentam. Exemplos de atrações e eventos citados pelos idosos foram: Feiras, shows de bandas conhecidas na região, festivais, amostras de museus, concertos e a inauguração da ponte Hercílio Luz, cartão postal da cidade.

Assim como as ações e os eventos esporádicos podem facilitar o uso dos parques por idosos, a falta de programas de atividades de lazer, como atividades culturais, intelectuais e artísticas podem restringir o uso dos mesmos. Nesse sentido, Pizani *et al.* (2015) e Copeland *et al.* (2017) sugerem maior intervenção do poder público para a criação de programas de atividades, corroborando com as percepções de Carolina e Marisa:

Falta ter mais lazer nesse sentido de atividades, com música, com contação de história, [...] atividades mais diversificadas porque, geralmente, o que a gente faz ali? Faz atividade física (Carolina – Parque de Coqueiros).

É um espaço que poderia ser utilizado para algumas atividades orientadas, abertas e gratuitas. [...] poderia ter, alongamento, caminhada orientada, alguma coisa de dança. [...] atividades de convívio tipo projeção de documentários e filmes (Marisa – Parque de Coqueiros).

Além de programas de atividades, os idosos apontaram a falta de recursos humanos, como de profissionais de Educação física, que, na percepção de Sueli poderia “fazer ginástica ou palestra sobre saúde, porque tem um auditório ali, tem tudo!”. Marisa afirma que também participaria, pois: “se tivesse alguém ali, em alguns horários que pudessemos ir e fazer um circuito, com acompanhamento, seria muito bom.”. Assim como Maria também enfatiza:

O parque é lindo, maravilhoso, mas não tem alguém para incentivar a fazer uma ginástica conosco lá [...]. O idoso que não está acostumado fazer por si só é muito mais difícil. Eu não me motivo a fazer a trilha, eu não vou! (Maria - Horto Florestal).

Os idosos também citaram a necessidade de profissionais de outras áreas para fazer orientações, palestras e cursos nos espaços dos parques:

Eu gosto de plantar, de levar mudas para lá. Seria bom alguma orientação nesse sentido, alguém na área ambiental, da biologia, talvez, que pudesse orientar quem tem interesse, algum curso alguma coisa, “tal planta pode, tal planta não pode” os cuidados que tem que ter, tipo uma monitoria (Joana – Bosque Pedro Medeiros).

Como tem a questão de natureza, tem a questão da história, o adequado é que tivesse alguém ali que fizesse parte da equipe, alguém da área de biologia, para

[...] dar palestra sobre plantas, sobre árvores, sobre pássaros, animais (Antônio – Bosque Pedro Medeiros).

A partir dos relatos dos idosos, foi identificada em três parques (Parque da Luz, Jardim Botânico e Horto Florestal) a existência de hortas comunitárias que dispõem de orientações profissionais. Em particular, no Parque da Luz, também há uma exposição, a qual retrata a história da criação do parque. Esses achados podem evidenciar que algumas propostas elencadas nas diretrizes para intervenção do Parque da Luz, como o envolvimento da comunidade com o histórico do parque e as atividades monitoradas, estão sendo realizadas (FLORIANÓPOLIS, 2018). Como sugestão para aumentar os recursos humanos e, conseqüentemente, as atividades nos demais parques, Maria aponta a importância dos vínculos com as universidades e salienta a importância de programas intergeracionais.

A prefeitura deveria falar com o pessoal das universidades para ir lá também, uma vez ou outra, fazer uma palestra para gente [...] para dar aula, para ensinar a gente a mexer no celular [...] o pessoal da informática. [...] botar esse povo para ver como é a terceira idade, que não é só velhinho tolinho que não sabe nada [...] e para gente ter esse lado da juventude conosco, porque, às vezes, temos conhecimento, mas não temos a vitalidade (Maria – Horto Florestal e Parque de Coqueiros).

Além dos profissionais para orientar as atividades, os idosos citaram também a falta de profissionais para supervisão, para cuidar e proteger o parque e seus frequentadores. Nesse sentido, Adalgisa afirma: “uma função que precisa ter dentro do parque é supervisão. [...] alguém para andar por ali para saber se está tudo legal, para saber se não tem ninguém caído” e Sueli complementa: “uma pessoa encarregada de cuidar, para ficar ali, pois, caso aconteça um acidente com uma criança ou com um velho, não tem quem socorra”.

Os idosos também mencionaram a falta de gestão do parque, visando suas manutenções, como o cuidado a pintura, a vegetação e o lixo. Beatriz argumenta questões importantes sobre isso:

Se tivesse uma manutenção, um pouquinho cuidadosa, para manter realmente o parque com a qualidade que ele merece, seria bom, porque como ele fica meio escondidinho as coisas vão se deteriorando, porque ninguém percebe. As pistas para quem caminha vão ficando esburacadas, vão ficando sujas, não sujas porque é sujeira natural, são folhas, são galhos, mas de vez em quando, se a FLORAM pensasse nisso, eu acho que até seria uma maneira de manter aquele paraíso, que

não deixa de ser um paraíso. É uma joia dentro de uma cidade, que cresce todos os dias (Beatriz - Horto florestal).

A falta de gestão do Bosque Vereador Pedro Medeiros foi destacada por Joana e Antônio, os quais mencionaram, respectivamente “me incomoda muito ver o bosque abandonado em alguns aspectos, por causa de manutenção, por falta de incentivo” e “o bosque está abandonado pela prefeitura”. O processo de gestão de parques públicos urbanos ainda é pouco estudado no Brasil (MIRON; DANEZI; SCHVARSTZHaupt, 2019).

Miron, Danezi e Schvarstzhaupt (2019) ao realizarem um estudo de caso em Porto Alegre, identificaram que para superar as dificuldades na gestão de parques públicos urbanos, há a necessidade de um órgão administrador com atribuições claras; Planos Diretores específicos para os parques, a fim de minimizar os impactos de alternância de governos; bem como, a criação de comissões de gestão específicas com a participação da comunidade.

Há indícios que houve pouco envolvimento da comunidade na criação e manutenção do Bosque Vereador Pedro Medeiros (KRELLING, 2009). Cardoso, Sobrinho e Vasconcellos (2015) apontam que o baixo empoderamento das pessoas ao uso do parque pode facilitar a proposição de projetos por parte do poder público, sem que haja diálogo entre a comunidade local. Por outro lado, enquanto, alguns espaços podem estar abandonados pelo poder público, outros são bastantes visados, resultando em interesses políticos. Silva e Gomes (2010) apontam que a criação de parques urbanos pode estar atrelada a interesses específicos, sejam da comunidade local e de imobiliárias, visando a valorização do território ao entorno, quanto interesses políticos/eleitoreiros, sendo utilizados como *marketing* da gestão pública que os conceberam. Tais interesses podem acarretar restrições ao uso dos parques, como identificado no discurso dos idosos investigados:

Quanto melhor o parque, mais vontade tem os políticos de dizer que eles que fizeram, e começar a tirar pedacinho, sabe, para fazer estacionamento, para fazer um depósito de lixo, outro pedaço para não sei o quê, e vão diminuindo o tamanho do parque (Marisa – Parque de Coqueiros).

A pressão em cima do parque aqui é muito forte. Teve uma vez que fomos chamados lá na câmara dos vereadores, pois teve um vereador com uma empresa que queriam colocar no parque uns totens de comunicação aqui de celular... Toda hora surge uma coisa (Paulo – Parque da Luz)

Quando foi inaugurado recebi convite para participar da inauguração, e eu disse “eu não vou não”, porque eu fiquei bem indignada. Ali é tudo interesse daqueles

condomínios que fizeram. Ali era uma floresta bonita. Eles foram ali e meteram as máquinas, junto com o próprio vice-prefeito que é nativo daqui que tinha, eu acho que aqueles terrenos todos eram da família, ele próprio. Depois que eles meteram na política, foi o que acabou com tudo. Com as construções de condomínios aqui em volta, eu fiquei muito brava, “ah isso ali é benefício da população entre aspas” isso ali foi tudo interesse, se você prestar atenção, todos eles têm saída e entrada para os condomínios (Borboleta Azul – Parque Linear)

Quando houve aquele problema da privatização, eu acompanhei bem isso, porque não é a primeira vez que isso acontece, não como privatização, mas como não renovação, da concessão do IBAMA para a prefeitura. Havia um impasse, que ninguém queria fazer melhorias no parque porque a prefeitura não queria fazer porque ela não ia investir dinheiro no parque que era do IBAMA. O IBAMA, por sua vez, também não tinha interesse, porque não usava. Então houve uma época que a gente notava que estava mais para abandonado do que para ser usado (Adalgisa – Horto Florestal).

Esses achados vão ao encontro de Silva e Gomes (2010, p. 127). Para os autores, o parque não é um espaço neutro na cidade, pois é influenciado pela lógica capitalista, “que os compreende como ‘mercadoria’, não que possa ser vendida, mas cuja imagem tem um preço”. Para superar essa realidade, os autores mencionam a necessidade de criar leis que dificultam os interesses políticos e favorecem a participação popular. Para não acontecer casos como o do Parque Linear, como mencionado por Gabriel: “eu não sei se aquele parque é público ou se é da prefeitura”. Esse fato pode estar relacionado com a falta de entendimento da comunidade, do lazer enquanto um direito humano, o qual deve ser garantido a todos.

Por outro lado, achados dessa pesquisam mostram que os idosos investigados possuíam envolvimento e respeito com a natureza, o que pode reverberar em maior conscientização para compreender os parques como espaços de educação ambiental, sociabilidade e lazer. Nessa direção, a natureza, foi um dos aspectos mais observados que pode facilitar o uso dos parques. Segundo Viscardi (2019), os idosos buscam o meio natural para desestressar, descansar e sair das agitações da cidade. Ressalta-se as falas dos idosos:

É um espaço bem bom no meio de um centro movimentado. Aqui no Estreito você não encontra outro lugar igual o Bosque (Joana – Bosque Vereador Pedro Medeiros).

Eu já fiz ginástica ali no centro de convivência do postinho, é muito bom, mas depois também era muita coisa, aí cansava muito, aí eu deixei lá e fiquei só com o Horto, porque é mais ao ar livre [...] tem muitas árvores, é muito bonito (Luciana – Horto Florestal).

Ele tem mais de 42 espécies de fruta. Uma criança por exemplo pode ter dentro do parque, aquilo que uma geração como a minha tinha com facilidade, que é subir em árvores, que era colher frutos no pé, e as crianças hoje não tem, e no parque elas tem condições de ter isso (Mario – Parque de Luz).

Ali é um dos únicos lugares que eu sinto, que eu respiro oxigênio puro, o dia que eu não vou eu sinto que eu estou mais pesada, porque se você passar meia hora ali no meio daquele verde, você vai sentir uma diferença na sua vida (Beatriz – Horto Florestal).

Nessa perspectiva, os idosos mencionam que devem tomar cuidado ao fazer construções e obras nos parques para não acabar com esse aspecto natural inerente dos espaços. Isto é, “o que se quer para o parque, pelo menos para o Parque da Luz é intervenção mínima, não grandes estruturas, tudo coisa pequena, [...] não queremos derrubar árvores” como relatado por Paulo. Para contribuir nesse aspecto, existem em três dos parques (Parque da Luz, Jardim Botânico e Horto Florestal), programas e ações que visam a educação ambiental. Além disso, essas ações e programas, como as hortas e composteiras citadas por três idosos, podem servir para atrair pessoas que buscam e interessam por essas ações e para conscientização daqueles que já frequentam os parques. Como mencionado por Adalgisa:

Para mim o parque é o contato com a natureza, valorizar essa parte de não destruir, mas sim de conservar, e de passar para as pessoas a importância de que é manter um espaço verde, sem lixo, sem ser degradado, sem deteriorado, porque hoje qualquer coisinha vai lá, uma moto serra, acaba com a área verde. As atividades ao ar livre marcam nossa vontade de ir, até mais vezes, ao parque [...] (Adalgisa- Horto Florestal).

Adalgisa, no momento da pesquisa, era a presidente do grupo dos idosos. Além, da natureza, ela, juntamente com outras duas idosas, citou a presença de grupo de idosos como facilitador para o uso, como observa-se na fala de Maria:

Se todo parque tivesse um grupo, as pessoas que moram na redondeza iam fazer muito uso. O idoso precisa disso, tirar o idoso de casa. O grupo tira o idoso de casa e coloca ele naquele ambiente, que é tão saudável (Maria - Horto Florestal).

Além dos benefícios inerentes ao participar de grupos de idosos (ANDRADE *et al.*, 2014), os achados dessa pesquisa mostram que este tipo de participação coletiva de idosos nos parques pode colaborar, efetivamente, com a participação desta população nesses espaços, visto que apareceu tanto como facilitador, quanto como motivador para os idosos ingressarem e permanecerem frequentando o parque. A exemplo disso, Maria enfatiza: “hoje em dia a gente vai mais pelo grupo, é o que eu digo, a gente vai pelo grupo!”.

Os grupos, programas e as ações que visam o lazer e a educação ambiental podem colaborar com a divulgação dos parques, visto que, mesmo após uma década do Guia

Global Cidade Amiga do Idoso, o qual apontou a falta de divulgação dos espaços públicos (OMS, 2008), esse aspecto ainda é o mais citado pelos idosos como fator que restringe o uso dos parques. Para Lúcia: “você não gosta daquilo que você não conhece. Você começa a valorizar as coisas a partir do momento que você conhece”. Adalgisa também enfatiza: “Eu acho que podia ser muito mais ainda utilizado se houvesse uma boa divulgação”; e Maria complementa:

Precisa de mais divulgação, não tem, tu não vês. Promover coisas dentro do parque, divulgar, porque às vezes, nem nós sabemos, que estamos lá dentro. Às vezes a gente está lá e dizem assim “Vocês sabiam que sábado teve tal coisa aqui?” Não sei, tem que divulgar! Falta divulgação! Se divulgar mais para comunidade ela vai [...], mas precisa mais. (Maria - Horto Florestal).

Além disso, os idosos relataram a importância de divulgar as potencialidades dos parques. Assim como, apontados por Fermino *et al.* (2015) faltam campanhas para conscientização das potencialidades dos parques. Atualmente, com a internet essa divulgação pode ser mais facilitada, dispensando altos custos com divulgação, como sugere Antônio “por meios oficiais da prefeitura”. Adalgisa ainda aponta que essa divulgação deve ocorrer no próprio parque, por meio de cartaz e pelos profissionais que ali trabalham. Contudo, pesquisas mostram que deve ser investido em treinamento sobre divulgação e *marketing* dos parques, pois tais práticas possuem ligação direta com maior apropriação dos mesmos (REIS; THOMPSON-CARR; LOVELOCK, 2012; COHEN *et al.*, 2013).

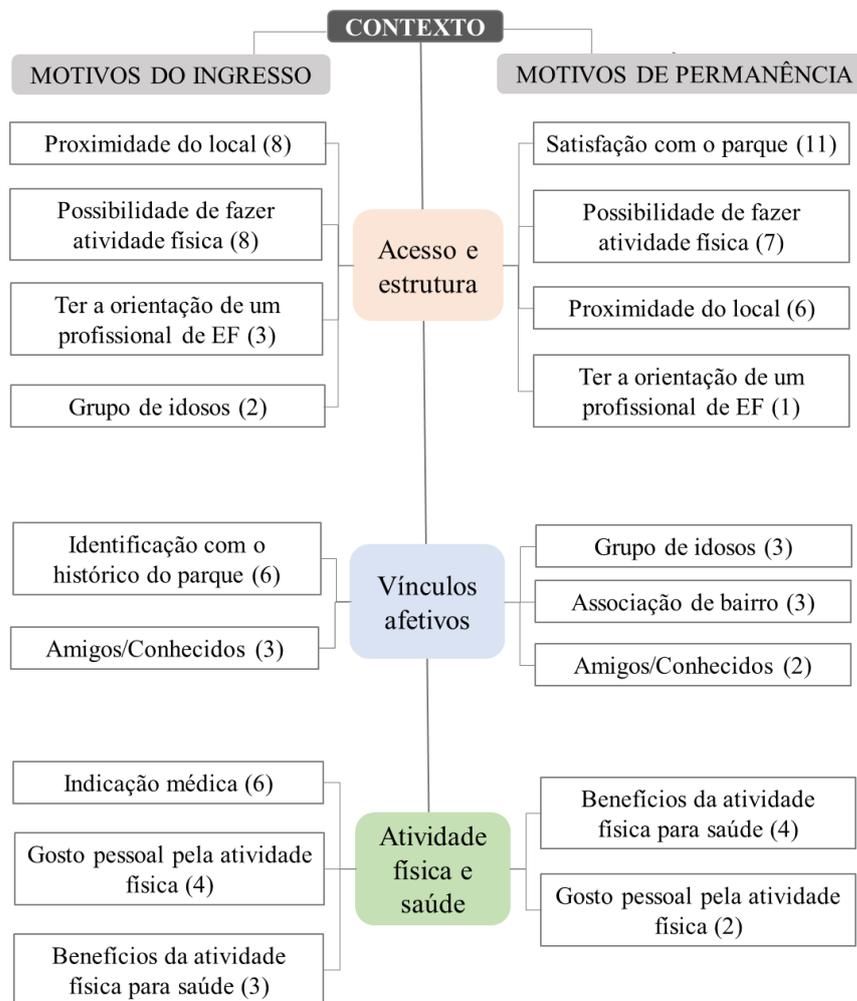
Os achados dessa pesquisa mostram, por um lado, que podem existir várias restrições estruturais que podem limitar o uso de idosos em parques públicos urbanos, mas, por outro lado, foram mais presentes os facilitadores estruturais, o que pode reverberar em negociação das restrições, resultando em participação dos idosos, mesmo com as restrições encontradas. Esse fato mostra a importância dos facilitadores, na negociação de restrições às atividades de lazer nos parques públicos urbanos.

4.4 MOTIVOS DE INGRESSO E PERMANÊNCIA DE IDOSOS EM PARQUES PÚBLICOS URBANOS

Os motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos parques públicos urbanos de Florianópolis foram organizados em três categorias, representando os contextos encontrados no estudo: atividade física e saúde; vínculos afetivos; acesso e estrutura. As

questões mencionadas pelos participantes em cada uma das categorias estão apresentadas na figura 9, seguidas do número que corresponde à quantidade de participantes que mencionou cada um dos aspectos.

Figura 9 – Motivos de ingresso e permanência de idosos em parques públicos urbanos.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Destacaram-se como motivos de ingresso nos parques: possibilidade de fazer atividade física, proximidade do local, indicação médica e identificação com o histórico do parque. Em relação aos motivos de permanência, ressaltam-se: satisfação com o parque, possibilidade de fazer atividade física e proximidade com o local.

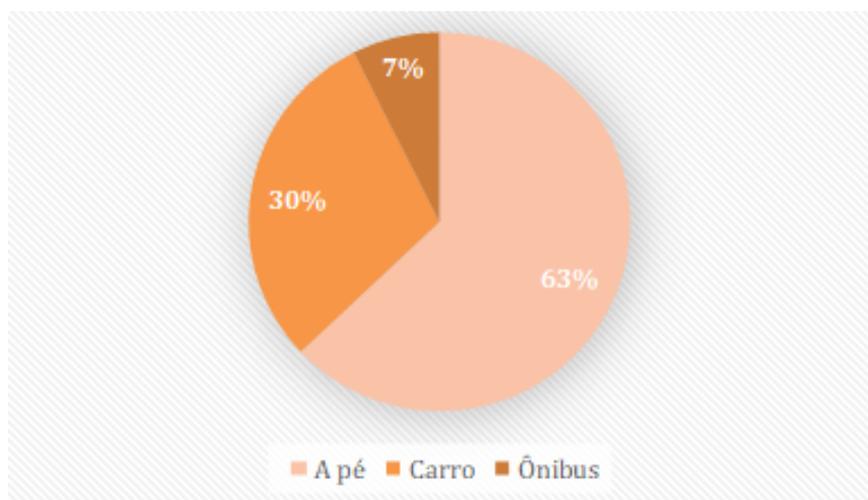
4.4.1 Acesso e estrutura

O acesso e a estrutura dos parques foram os principais motivos para os idosos começarem e continuarem a frequentar os parques. Os fatores motivacionais citados pelos idosos foram: proximidade com suas residências, possibilidade de fazer atividade física, satisfação com o parque, e por ter orientação de profissional de Educação Física, bem como, grupos de idosos.

Quase todos os idosos investigados residem, ou no mesmo bairro do parque frequentado, ou em bairros próximos. Assim, 16 residem até 1,5 km de distância do parque, 7 residem de 1,6km a 9km e dois residem a 10 km ou mais de distância do parque. Sendo assim, 17 idosos se deslocam até o parque a pé, oito de carro (dois relataram ir de *uber*, e um de carona), e dois de ônibus (figura 10). O que vai ao encontro de Schipperijn *et al.* (2017), de acordo com seus achados, as pessoas que moram próximas ao parque, tendem a desenvolver atividades de lazer nos parques próximos.

Nesse sentido, oito idosos relataram começar a frequentar o parque após se mudarem para próximo ao local. Como percebe-se na fala de Paulo (74): “frequento desde quando eu moro aqui nesse prédio, antes eu não frequentava, nem sabia que existia”. A falta de divulgação, também foi encontrada como uma das principais restrições ao uso dos parques, o que corrobora com achados de Copeland *et al.* (2017). Para os autores supramencionados, a falta de divulgação do parque pode interferir no conhecimento do parque e, conseqüentemente, no seu uso.

Figura 10 – Meio de locomoção dos idosos para o parque frequentado.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A proximidade da residência com o parque apareceu como motivo de ingresso e permanência do parque, e como facilitador ao uso dos mesmos. Diferentemente dos achados de Vaughan *et al.* (2018), para os autores, as pessoas tendem a visitar parques mais equipados apesar da distância. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de os idosos possuírem menos acessibilidades nos ambientes construídos e no deslocamento na cidade em relação aos mais jovens (FREIRE JÚNIOR *et al.*, 2013).

Ao pesquisar a mobilidade e utilização do espaço urbano por idosos, Freire Júnior *et al.* (2013) encontraram que a maioria dos idosos se locomoviam a pé ou por meio de transporte coletivo e se queixavam de problemas como, obstáculos nas calçadas, aglomeração de pessoas, dificuldades para atravessar a rua e história de quedas. Em concordância, Marissa relata: “vai chegar um tempo que não vai ter como eu ir [para o parque], porque os ônibus são altos e a idade chegou, não adianta”. Em um cenário parecido, Luciana relata que parou de frequentar o Parque de Coqueiros, após mudar para um bairro mais afastado, pois, como relatado por ela “já estava mais velha, era mais difícil de pegar ônibus”. A partir desses achados, acredita-se que a proximidade do parque com as residências, pode colaborar com a apropriação dos parques por idosos, devido às especificidades deste grupo.

A possibilidade de fazer atividade física e de ter a orientação de um profissional de Educação Física, também, foram citados pelos idosos como motivos de ingresso e de permanência. Isso pode estar relacionado à existência de espaços e equipamentos para a prática de atividade física, como: academias ao ar livre, aparelhos para alongamentos, pista para caminhada, corrida e trilhas, e devido ao fato de um dos parques possuir um programa de atividade física vinculado à Unidade Básica de Saúde, com a orientação de um profissional de Educação Física.

A satisfação com os espaços do parque foi citada por três idosos como motivo de ingresso e por 11 idosos como motivo de permanência, devido à estética, à presença de áreas verdes, à segurança, bem como às atividades de lazer ofertadas. As características físicas, como maior disponibilidade e qualidade de infraestrutura para lazer, bem como segurança e presença de áreas verdes também foram encontradas como motivadoras para frequentar parques urbanos em Portugal e na Espanha (GÓMEZ; COSTA; SANTANA, 2014). Além da presença de espaços e equipamentos para lazer, o grupo de idosos também foi citado por dois idosos como fator motivacional para frequentar os parques. O grupo de

idosos citado se encontra no Horto Florestal, em que há um espaço próprio para o grupo, com banheiros, kit de primeiros socorros e alimentação, para receber os idosos todas as sextas-feiras. O grupo recebe recursos financeiros da prefeitura, e além dos encontros no parque, os idosos também fazem pequenas viagens para cidades próximas.

Em concordância com Santos *et al.* (2015) ao analisarem a adesão masculina aos grupos de idosos de Florianópolis, percebe-se que os idosos buscam os grupos para preencher o tempo com atividades de lazer e por causa das relações sociais. Para além disso, as idosas Maria e Adalgisa relatam a importância do grupo se encontrar no espaço do parque: “Nós temos outros grupos próximos daqui, mas não é como o nosso, não sei... pelo ambiente que o parque proporciona. O parque é um ambiente muito agradável” e “sempre é muito bom estar no parque, a gente sempre diz que ele nos traz uma energia extraordinária e nós curtimos demais”.

Ao investigar os fatores motivacionais para frequentar espaços públicos de lazer em Recife (PE), Silva *et al.* (2012) encontram que, os aspectos estruturais, como proximidade, segurança, presença de projetos e áreas verdes, motivaram crianças, adultos e idosos a frequentarem um parque e um calçadão em dois bairros da cidade. No entanto, os autores apontam que, ao mesmo tempo em que esses fatores podem motivar a visita, na falta ou na precariedade desses atributos, esses fatores também podem afastar os visitantes. A partir disso, Silva *et al.* (2012) mencionam a necessidade de colaboração intersetoriais, para que conjuntamente distintos profissionais elaborem estratégias de intervenção para que estes espaços continuem motivando seus usuários, visto que os mesmos frequentam esses locais para buscar hábitos saudáveis e interação social.

4.4.2 Vínculos afetivos

Os vínculos afetivos com os parques, bem como os vínculos criados após o uso dos mesmos, apareceram como motivadores para os idosos ingressarem e permanecerem nos parques públicos urbanos de Florianópolis. Isso pode estar relacionado com a função social que os parques desempenham, visto que os espaços públicos de lazer, há décadas, propiciam encontros e a formação de laços sociais (SILVA *et al.*, 2012; GONÇALVES; RECHIA, 2015).

Nesse sentido, o motivo mais citado para os idosos ingressarem nos parques foi a identificação com o histórico do parque. O que, por sua vez, está relacionada ao envolvimento dos idosos, e de pessoas próximas a eles, na criação e na manutenção desses espaços. A partir deste envolvimento, os idosos criaram afetividade com os parques e isso se mostrou um forte atrativo para eles começarem a frequentar os parques. Como é o caso de Rosa, idosa que afirma frequentar o parque desde quando se mudou para o bairro próximo pois é uma área criada pelo próprio povo de Coqueiros, com a qual ela muito se identifica, tendo, inclusive, parentes que residem no bairro. Alamar também comenta sobre seu laço afetivo com o parque:

Uma pessoa muito especial para mim, uma pessoa com quem eu me casei, me levou até lá, e me contou a história desse lugar, e que ele tinha muita vontade de fazer dali um parque. Eu entrei com ele nesse projeto. Ele faleceu em 1997 e uma maneira de me curar da dor que sentia foi criando uma Associação dos Amigos do Parque da Luz, para que junto a outras pessoas pudéssemos dar continuidade nesse projeto (Alamar – Parque da Luz).

Segundo Vieira e Guerra (2012), o histórico do parque ajuda a reforçar a identidade da comunidade, e esse fato contribui para os envolvidos continuar motivados e mobilizados a dar continuidade à revitalização da vida social do parque. Em concordância, para continuar frequentando os parques, esse envolvimento afetivo se deu por meio da participação em associações de bairro e dos vínculos de amizade feitos nos parques, tanto com outros frequentadores, quanto em grupo. 16 idosos participam de grupos vinculados à prefeitura, à associação de bairros, à extensão universitária, ou a grupos particulares. Três destes grupos desenvolvem atividades nos parques. Para Gonçalves e Rechia (2015), a forma como a sociedade se relaciona nos espaços de lazer pode influenciar na maneira de apropriação dos mesmos. Similarmente, os idosos veem a participação nas associações como uma forma de cuidar e proteger os parques.

Nesta perspectiva, os participantes viam os parques como uma maneira de se relacionar com outras pessoas. Importante destacar que 17 idosos relataram que tinham o parque como único espaço para lazer, e 17 idosos afirmaram que fizeram amizades com outros frequentadores ou com os próprios funcionários dos parques. Destaca-se a fala de Ricardo: “Nessa minha fase da vida, fazer atividade física no parque, é um dos poucos lazeres que eu tinha”, e Mario relata: “Eu nunca tive amigos aqui, e depois que eu

comecei a frequentar o parque com cachorro a gente já tem turma, mais de uma, que posso considerar amigo mesmo”.

Dessa forma, Silva, Petroski e Reis (2009), mostram que o comportamento dos usuários, apoio e incentivo de amigos e o valor atribuído ao parque pela comunidade podem estimular o uso de parques urbanos para atividade física. Similarmente, Vieira *et al.* (2021) encontraram que o convívio e a amizade também foram motivações fundamentais para idosos praticarem atividade de aventura. Em concordância, o Guia de Atividade Física para a População Brasileira, aponta que compartilhar as experiências nas atividades físicas, pode contribuir no incentivo, tanto para os idosos iniciarem, quanto para manter a prática de atividade física (BRASIL, 2021). Em concordância, os próprios idosos, devido a suas preferências e satisfação com os parques, relataram indicar o parque para amigos e familiares, resultado disso, dois idosos começaram a frequentar o parque devido à indicação de pessoas próximas. No entanto, relatam que apenas isso não é suficiente, o que pode ter resultado na falta de divulgação ser a restrição mais encontradas entre os idosos investigados.

Por outro lado, os achados dessa pesquisa mostram que os parques públicos urbanos investigados têm potencial para receber crianças, adultos, idosos e animais, bem como, associações de bairros e grupos; logo, pode ser um espaço ideal para receber diferentes programas, principalmente aqueles relacionados com atividades de lazer e educação ambiental. Em consonância com estes resultados, Silva, Nóbrega e Cortê (2015) afirmam que os idosos preferem programas que fomentem maiores vínculos familiares e comunitários. Assim, acreditamos que o engajamento em grupos e locais para encontro que proporcionam envolvimento da comunidade, conseqüentemente, vínculos afetivos, pode auxiliar na motivação dos idosos para frequentar parques públicos urbanos.

4.4.3 Atividade física e saúde

A prática regular de atividade física está relacionada a diversos benefícios para a saúde e a qualidade de vida dos idosos (BRASIL, 2021). Estudos mostram que os parques podem favorecer a prática de atividade física (BEDIMO-RUNG; MOWEN; COHEN, 2005; GIES, 2006; SMITH *et al.*, 2017). Em concordância, o relato dos idosos evidenciou a atividade física como significativa para o ingresso e a permanência nos parques. O fato de

os idosos gostarem e/ou precisarem fazer atividade física fez com que eles frequentassem os parques, visto que estes possuem espaços e equipamentos adequados para a prática. Como mencionado por Lenia: “eu gosto e faz bem, a gente precisa de um exercício”.

Além disso, o benefício da atividade física para a saúde foi citado pelos idosos tanto como motivo de ingresso, quanto como de permanência nos parques. O que corrobora com Heo *et al.* (2013) ao investigarem 459 participantes dos Jogos Olímpicos Seniores de Indiana e Colorado, nos Estados Unidos. Os autores perceberam que o envolvimento no lazer sério estava relacionado com o envelhecimento bem-sucedido, visto que os competidores sêniores melhoraram sua percepção da saúde física e mental e se sentiram mais motivados para continuar participando de competições esportivas.

A saúde como fator motivacional, mais especificamente para visitar parques foi encontrada por Uijtdewilligen *et al.* (2019). Os investigados por Uijtdewilligen *et al.* (2019) possuíam entre 45 anos e 65 anos de idade e percebiam o parque como um espaço benéfico para saúde, podendo justificar a procura do parque por essa população. Na mesma direção, Carolina percebe que se sente mais disposta, mais ativa, mais concentrada e tem satisfação em poder andar e se movimentar.

É importante destacar que dois idosos que citaram frequentar o parque devido ao benefício da atividade física para saúde, mencionaram possuir doenças crônicas (problemas de coração) e dificuldade para se locomover. Como exemplo, segue um registro de Carolina:

Agora tu começa a sentir as questões de dores, de dificuldade de locomoção, não tanto, mas uma dificuldade maior de locomoção, de equilíbrio. É quando tu sentes a necessidade de fazer movimento, a vida toda precisa, mas eu acho que tem que priorizar essa questão da saúde, do movimento, e do exercício (Carolina - Parque de Coqueiros).

De acordo com a OMS, um dos principais problemas de saúde enfrentados pelos idosos estão associados às doenças crônicas, sendo que a prática regular de atividade física pode contribuir para um envelhecimento com mais qualidade (OMS, 2015). Nessa direção, o Guia de Atividade Física para a População Brasileira, sugere, para todas as faixas etárias, desde crianças, gestantes, idosos a pessoas com deficiências, a conhecer e fazer atividades físicas em parques, praças e quadras da comunidade (BRASIL, 2021). Esse fato pode estar relacionado com o forte potencial dos parques em proporcionar atividade física.

Em concordância, a indicação médica foi um dos fatores mais citados pelos idosos como motivo para começarem a frequentar os parques. Contudo, nenhum participante mencionou essa questão como motivo de permanência, os quais foram relacionados aos benefícios da atividade física para saúde. A indicação do médico, é um motivo recorrente nas pesquisas que investigam a adesão de idosos à prática de atividade física (LOPES *et al.*, 2014; HARRIS *et al.*, 2020). A participação médica para promoção de saúde é vista em Costello *et al.* (2013) como motivador extrínseco em grupos fisicamente ativos, no entanto, alguns idosos relataram que os médicos se sentiam desconfortáveis em discutir e orientar questões relacionadas à atividade física. A partir disso, entende-se a importância do trabalho interdisciplinar entre os profissionais da saúde para incentivar os idosos a participar de atividades físicas nos parques.

O Parque de Coqueiros, se destacou pela possibilidade de fazer atividade física, tanto pelas estruturas físicas, como a pista de caminhada e os equipamentos para exercícios e alongamento, como pela presença de programa de atividade física e a Unidade Básica de Saúde próxima. Como mencionado por Ricardo e Marisa, respectivamente: “Eu acho ali uma situação que deveria ser modelo, considero, principalmente, a Sibeles uma profissional excepcional”, e “eu acho que cada bairro deveria ter um parque nos moldes do Parque de Coqueiros”.

Todos os parques investigados foram citados pelos idosos como um possível local para a prática de atividade física, podendo contribuir com o uso destes espaços. A presença de espaços e equipamentos para atividade física pode ser um facilitador para os idosos frequentarem os parques, em concordância com Vaughan, Cohen e Han (2018), ao apontarem que as instalações esportivas, parques infantis e locais para caminhar influenciam positivamente na participação das pessoas em parques urbanos. É importante destacar que três idosos não realizavam atividades físicas nos parques que frequentam. Destes três, dois frequentavam o Bosque Vereador Pedro Medeiros. Para Antônio: “[...] o bosque não é grande o suficiente para desenvolver uma atividade física”. Além disso, o parque em questão, não possui equipamentos de ginástica, como a academia da terceira idade e/ou equipamentos para alongamentos presentes nos demais parques. O que vai ao encontro de Vaughan, Cohen e Han (2018) e Wang e Wu (2020), autores que discutem sobre as configurações estruturais do parque, dentre elas, como equipamentos para exercícios podem influenciar no modo de uso pelos frequentadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os idosos brasileiros foram expostos a diversas restrições durante a pandemia da covid-19, principalmente, devido ao isolamento, que inviabilizou muitas atividades sociais, culturais, turísticas e físicas. Em particular, os resultados deste estudo sugerem que reduziu a participação destes idosos em parques públicos urbanos, o que diretamente afetou o lazer dos idosos e, conseqüentemente, sua qualidade de vida. Além disso, as descobertas sugerem que a pandemia covid-19 reduziu a liberdade e a autonomia dos idosos, e aumentou a desigualdade, o medo e a falta de tempo, resultando em maiores restrições ao lazer. Por outro lado, estes idosos demonstraram criatividade, perseverança e resiliência para usufruir do lazer. Por exemplo, os idosos resgataram antigas atividades de lazer, usaram a tecnologia para continuar as atividades e expandiram suas atividades artísticas, atividades intelectuais e manuais que já eram feitas em casa.

Contudo, as medidas restritivas advindas da pandemia salientam a importância do papel do lazer na vida dos idosos brasileiros. A partir disso, destaca-se que os parques públicos urbanos devem ser mantidos em boa qualidade, uma vez que são um forte motivo para os idosos permanecerem ativos no lazer.

Além disso, na percepção dos idosos investigados, os parques públicos urbanos de Florianópolis se caracterizam como espaço de lazer, os quais são apropriados pela comunidade de diferentes formas, seja como lazer casual e/ou lazer sério. Sendo assim, a perspectiva do lazer sério se mostrou adequada para analisar as concepções de lazer dos idosos, considerando o *continuum*, visto que as mesmas atividades, nos mesmos espaços, foram consideradas lazer sério e/ou lazer casual, dependendo das experiências e dos indivíduos, contrariando os estudos de Stebbins (2018) ao apontar que passear em parques pode nunca ser considerado lazer sério. Estas descobertas podem ser um avanço na perspectiva, uma vez que, mais da metade dos idosos investigados relaram que frequentavam os parques há anos, com dias e horários fixos, sendo que essas visitas podem exigir esforço, dedicação e pode ter resultado em novos aprendizados. A partir disso, acredita-se na pluralidade das experiências vividas pelos idosos, nos parques públicos urbanos de Florianópolis, os quais podem ser considerados espaços para vivências de distintas formas de lazer.

Este estudo aborda informações que contribuem para uma melhor compreensão dos motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos parques públicos urbanos de Florianópolis. Os resultados sugerem que os parques devam ter bom acesso e estruturas (espaços e equipamentos de lazer, áreas verdes, segurança e estética), estimular os vínculos afetivos e propiciar atividade física, uma vez que são fortes motivos para que os idosos ingressem e permaneçam frequentando os parques. Os resultados, podem auxiliar na construção de políticas públicas ou projetos independentes, que incentivem mais idosos a frequentarem os parques, considerando a relação com a saúde e a qualidade de vida dessa população.

Foram encontrados mais facilitadores que restrições ao uso dos parques, o que pode ter resultado na participação dos idosos. As restrições estavam relacionadas a vários fatores, tais como: falta de motivação, sedentarismo e envolvimento da comunidade, assim como, falta de divulgação, incentivo, recursos humanos, atividades de lazer, segurança, infraestrutura, acessibilidade e gestão do parque por parte da prefeitura. Além disso, as doenças, o mau comportamento dos usuários, os interesses políticos, o fato dos parques estarem localizados somente em regiões centrais e a superlotação de pessoas, caracterizaram-se como possíveis restrições ao uso dos parques por idosos.

Por outro lado, as sensações e as emoções agradáveis, os benefícios físicos e psicológicos, a segurança, a amizade, o convívio social, o contato com a natureza, bem como a presença de idosos, adultos, crianças, animais, espaços, equipamentos e programa de atividade física, atrações, eventos, horta, composteiras, grupo de idosos, orientação profissional, unidade básica de saúde podem incentivar ou aumentar a participação dos idosos em parques públicos urbanos. Como os parques investigados possuem boa infraestrutura, estética, acessibilidade, envolvimento da comunidade, e como os idosos estão com a idade mais avançada, inclusive, alguns aposentados, foi identificada a existência de mais tempo disponível para usufruir de atividades físicas, manuais, intelectuais e sociais, contemplação e voluntariado nos parques públicos urbanos da cidade.

Destacam-se como fragilidades deste estudo a falta de contato mais prolongado com os idosos investigados, assim como, a impossibilidade de ir a campo nos meses da coleta de dados, devido às restrições impostas pela covid-19. Esses fatores limitaram a utilização de outros instrumentos de coleta de dados, para além da entrevista por telefone, dificultando assim a triangulação de dados. Da mesma forma, as entrevistas por telefone

podem restringir aqueles idosos que possuem algum tipo de limitação na audição, o que poderia ser facilitado com entrevista de forma presencial. Similarmente, o baixo número de idosos investigados que frequentavam o Parque Linear, o Jardim Botânico e o Bosque Vereador Pedro Medeiros, pode ter influenciado nos facilitadores e restrições encontrados ao uso desses espaços comparado com os outros parques.

Embora, não tenha sido objetivo comparar um parque com o outro, e sim investigar o contexto geral dos parques públicos urbanos de Florianópolis, perceberam-se diferenças estruturais entre os parques investigados, o que pode influenciar na apropriação pelos frequentadores. Assim, o estudo de caso dos parques se caracteriza como sugestão para próximas investigações, a fim de investigar suas particularidades, bem como a forma de diálogo entre os funcionários e órgãos gestores dos parques. A falta de informação dos parques públicos, assim como das atividades que são desenvolvidas nesses espaços se caracterizam como limitação, tanto na percepção das pesquisadoras, quanto dos idosos investigados. Isso instiga a pensar formas de divulgação desses espaços, seja por sites ou aplicativos próprios, visto os vastos benefícios inerentes ao uso dos parques públicos urbanos por idosos.

REFERÊNCIAS

- ABBAS, Syed Mudasser; ZHIQIANG, Liu. COVID19, mental wellbeing and work engagement: The psychological resilience of senescent workforce. **International Journal of Research in Business and Social Science**, Chhattisgarh, v. 9, n. 4, p. 356-365, 2020.
- AHN, Young-joo; JANKE, Megan C. Motivations and benefits of the travel experiences of older adults. **Educational Gerontology**, Bogotá, v. 37, n. 8, p. 653-673, 2011. ~
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O debate atual sobre os paradigmas de pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 96, p. 15-23, 1996.
- ANDERSON, Stephen. COVID-19 and Leisure in the United States. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 352-356, 2020.
- ANDRADE, Ankilma do Nascimento *et al.* Percepção de idosos sobre grupo de convivência: estudo na cidade de Cajazeiras-PB. **Revista Brasileira de geriatria e gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 39-48, 2014.
- ANDRADE, Rubian Diego *et al.* Constraints to leisure-time physical activity among Brazilian workers. **Annals of Leisure Research**, Auckland, v. 22, n. 2, p. 202-214, 2017.
- ARAUCÁRIA. Lei nº 2.725, de 16 de junho de 2014. **Aprova o Plano Municipal de Cultura para o decênio 2014-2022, e dá outras providências**. Araucária: Câmara Municipal, [2014]. Disponível em: <http://snc.cultura.gov.br/media/LEI%202.725-14planomunicipaldecultura.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.
- ARAÚJO, Fábio Francisco; ROCHA, Ângela. Significados Atribuídos ao Lazer na Terceira Idade: Observação Participante em Encontros Musicais. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 38-55, 2016.
- ARMITAGE, Richard; NELLUMS, Laura B. COVID-19 and the consequences of isolating the elderly. **The Lancet Public Health**, Londres, v. 5, n. 5, p. e256, 2020.
- ARTMANN, Martina *et al.* The role of urban green spaces in care facilities for elderly people across European cities. **Urban forestry & urban greening**, Hong Kong, v. 27, p. 203-213, 2017.
- AZEVEDO, Maria Lucia Gonzaga; BRÊTAS, Angela. Projeto “Animar sem quedas”: reflexões sobre lazer e saúde. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 166-198, 2017.
- BANERJEE, Debanjan. The impact of Covid-19 pandemic on elderly mental health. **International journal of geriatric psychiatry**, Letter to the editor, Advance online

publication, 2020. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7267435/pdf/GPS-9999-na.pdf>. Acesso em 10 jul. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 2009. 229 p.

BARRETO, João. Envelhecimento e qualidade de vida: o desafio actual. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 15, p. 289-302, 2005.

BATISTA, Carmem Lúcia. Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 210-234, 2018.

BEDIMO-RUNG, Ariane L.; MOWEN, Andrew J.; COHEN, Deborah A. The significance of parks to physical activity and public health: a conceptual model. **American journal of preventive medicine**, Nova York, v. 28, n. 2, p. 159-168, 2005.

BERNARD, H. Russell. **Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches**. (4ª ed), AltaMira Press, 2017.

BETHANCOURT, Hilary J. *et al.* Barriers to and facilitators of physical activity program use among older adults. **Clinical medicine & research**, Marshfield, v. 12, n. 1-2, p. 10-20, 2014.

BETTIN, Everton Burlamarque; PEIL, Luciana Marins Nogueira; MELO, Marcelo Paula. Políticas públicas municipais de esporte, lazer e espaços públicos em Pelotas-RS na gestão 2009-2012. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 96-106, 2018.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Leisure and COVID-19 in Brazil: brief impressions. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 300-302, 2020.

BRASIL. (s/d). Ministério da Cidadania. **Vida saudável**. Disponível em:
<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/vida-saudavel>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Vida Saudável na modalidade Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa**. Diretrizes 2019. Brasília, 2019d. Disponível em:
http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/vida_saudavel/Diretrizes.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. **Coronavírus**. Manual de Comunicação da Secom. Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/coronavirus-1>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Decreto nº 9.921, de 18 de julho de 2019. **Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo federal que dispõem sobre a temática da pessoa idosa.** Brasília: Presidência da República, [2019b]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9921.htm. Acesso em: 22 jun. 2020.

BRASIL. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 06 ago. 2019.

BRASIL. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 06 ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 6.256, de 22 de outubro de 1975. **Cria o Fundo Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Urbano e dá outras providências.** Brasília: Presidência da República, [1975]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6256.htm. Acesso em: 22 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Divulgação do resultado preliminar do edital de chamamento público nº 014/2019** — manifestação de interesse de municípios no programa vida saudável na modalidade estratégia brasil amigo da pessoa idosa. PROCESSO N2 71000.040736/2019-87. Brasília, 2019c. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/reultado_edital_n14.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **GUIA 2: Implementação da Estratégia**, Brasília, 2019e. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/publicacao/guia-2.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **GUIA 3: Como fazer um diagnóstico**, Brasília, 2019d. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/publicacao/guia-3.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de Atividade Física para a População Brasileira.** Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_atividade_fisica_populacao_brasileira.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Panorama nacional de implementação do Programa Academia da Saúde**: monitoramento do programa academia da saúde. Brasília, DF, 2017. Disponível em:

http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/panorama_nacional_academia_saude_2016.pdf. Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. Ministério de Saúde. Portaria n. 2528/GM, de 19 de outubro de 2006. **Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, Brasília, DF, 2006**. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html. Acesso em: 06 ago. 2019.

BRASIL. **Painel Coronavírus**. Secretarias Estaduais de Saúde, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 11 jul. 2021.

BRASIL. **Projeto de lei nº 402**, de 23 de outubro de 2019, que institui o Programa Cidade amiga do Idoso, Câmara dos Deputados, Brasília, [2019a]. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7909683&ts=1572348688258&disposition=inline>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. Resolução CNS n. 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília. Ministério da saúde, 2016. Disponível: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 11 jul. 2021.

BRYAN, Hobson. Recreation specialization revisited. **Journal of Leisure Research**, Estados Unidos, v. 32, n. 1, p. 18-21, 2000.

BROWN, Carroll A. The Carolina shaggers: Dance as serious leisure. **Journal of Leisure research**, Estados Unidos, v. 39, n. 4, p. 623-647, 2007.

BURROWS, Eve; O'MAHONY, Margaret; GERAGHTY, Dermot. How urban parks offer opportunities for physical activity in Dublin, Ireland. **International journal of environmental research and public health**, Pequim, v. 15, n. 4, p. 815, 2018.

CAMARGO, Diana Marina *et al.* Physical activity in public parks of high and low socioeconomic status in Colombia using observational methods. **Journal of Physical Activity and Health**, New Milford, v. 15, n. 8, p. 581-591, 2018.

CARDOSO, Silvia Laura Costa; SOBRINHO, Mário Vasconcellos; VASCONCELLOS, Ana Maria de Albuquerque. Gestão ambiental de parques urbanos: o caso do Parque Ecológico do Município de Belém Gunnar Vingren. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 7, p. 74-90, 2015.

CHEN, Peijie *et al.* Returning Chinese school-aged children and adolescents to physical activity in the wake of COVID-19: Actions and precautions. **Journal of sport and health science**, Maharashtra, 2020.

CINAT, Cristiane. O selo “Cidade Amiga do Idoso” e a perspectiva de desenvolvimento regional no Estado de São Paulo-Brasil. **Revista Internacional de Ciências Sociais**, Madri, v. 5, n. 1, p. 229-238, 2016.

CLEMENTE, Ana Cristina Fernandes; STOPPA, Edmur Antonio. Lazer doméstico em tempos de pandemia da covid-19. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 460-484, 2020.

CRAWFORD, Duane W.; JACKSON, Edgar L.; GODBEY, Geoffrey. A hierarchical model of leisure constraints. **Leisure sciences**, Londres, v. 13, n. 4, p. 309-320, 1991.

CROMPTON, John; NICHOLLS, Sarah. The impact on property prices of the proportion of park-like space in the proximate area. **World Leisure Journal**, Nova York, p. 1-15, 2020.

COHEN, Deborah A. *et al.* Physical activity in parks: a randomized controlled trial using community engagement. **American journal of preventive medicine**, Nova York, v. 45, n. 5, p. 590-597, 2013.

COLLET, Carine *et al.* Fatores determinantes para a realização de atividades físicas em parque urbano de Florianópolis. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 15-23, 2008.

CONNOR, Jade *et al.* Health risks and outcomes that disproportionately affect women during the Covid-19 pandemic: A review. **Social Science & Medicine**, Nova York, p. 113364, 2020.

COPELAND, Jennifer L. *et al.* Fitness equipment in public parks: Frequency of use and community perceptions in a small urban centre. **Journal of Physical Activity and Health**, New Milford, v. 14, n. 5, p. 344-352, 2017.

CORADINI, Lisabete. **Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis**.1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

COSTELLO, Ellen *et al.* Older adult perceptions of the physicians’ role in promoting physical activity. **Disability and rehabilitation**, Abingdon, v. 35, n. 14, p. 1191-1198, 2013.

CUNNINGHAM-MYRIE, Colette A. *et al.* Use of a public park for physical activity in the Caribbean: evidence from a mixed methods study in Jamaica. **BMC Public Health**, Nova York, v. 19, n. 1, p. 894, 2019.

DAMANT, Jacqueline *et al.* Effects of digital engagement on the quality of life of older people. **Health & Social Care in the Community**, Oxford, v. 25, n. 6, p. 1679-1703, 2017.

DAOUST, J.-F. Elderly people and responses to COVID-19 in 27 Countries. **PloS one**, São Francisco, v. 15, n. 7, p. e0235590, 2020.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa *et al.* O lazer diário como fator de qualidade de vida: o que pensa um grupo da terceira idade. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 019-024, 2003.

DE LA BARRE, Suzanne *et al.* Thinking about leisure during a global pandemic. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 306-310, 2020.

DE MIRANDA, Danilo Santos. Citizenship and leisure in pandemic times. **World leisure journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 303-305, 2020.

DEBERT, Guita Grin. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. **Revista Coletiva**, Recife, v. 5, n. 1, 2011.

DORNELES, Vanessa Goulart. **Acessibilidade para idosos em áreas livres públicas de lazer**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

ECKER, Vivian Dall'Igna. O conceito de praça e a qualidade da paisagem urbana. **Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente**, Natal, v. 5, n. 1, p. 101-110, 2020.

EIRAS, Suélen Barboza *et al.* Fatores de adesão e manutenção da prática de atividade física por parte de idosos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 75-89, 2010.

FANCOURT, Daisy; STEPTOE, Andrew; CADAR, Dorina. Community engagement and dementia risk: time-to-event analyses from a national cohort study. **Journal Epidemiology Community Health**, Londres, v. 74, n. 1, p. 71-77, 2019.

FERMINO, Rogerio *et al.* Who are the users of urban parks? A study with adults from Curitiba, Brazil. **Journal of Physical Activity and Health**, New Milford, v. 12, n. 1, p. 58-67, 2015.

FERRARI, Maria Auxiliadora Cursino. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In NETTO, Matheus Papaléo (Org.), **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**, São Paulo: Atheneu, 2002, p. 98-105.

FERREIRA, Gleice Aparecida. O lazer sob a perspectiva de pessoas idosas: importância, significados e vivências. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 70-87, 2017.

FLORIANÓPOLIS **possui o menor índice de analfabetismo entre as capitais**, Secretária de Educação, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=19628>. Acesso em: 22 jun. 2020.

FLORIANÓPOLIS. **Decreto nº 17.708, de 07 de junho de 2017**. Dispõe sobre a criação do jardim botânico de Florianópolis e dá outras providências, Florianópolis: Câmara Municipal, [2017]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/2017/1770/17708/decreto-n-17708-2017-dispoe-sobre-a-criacao-do-jardim-botanico-de-florianopolis-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FLORIANÓPOLIS. **Decreto nº 2526, de 15 de julho de 2004**. Regulamenta a lei nº 3409, de 26 de junho de 1990, que cria o Bosque Vereador Pedro Medeiros e dá outras providências, Florianópolis: Câmara Municipal, [2004]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/2004/252/2526/decreto-n-2526-2004-regulamenta-a-lei-n-3409-de-26-de-junho-de-1990-que-cria-o-bosque-vereador-pedro-medeiros-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 015709, de 07 de julho de 2014**. Dispõe sobre a contagem de aniversário de Florianópolis. Florianópolis, Centro Legislativo do Município de Florianópolis, [2014a]. Disponível em: http://www.cmf.sc.gov.br/sites/default/files/pl_15.709-14.pdf. Acesso em: 22 jun. 2020.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 2348/85, de 27 de dezembro de 1985**. Institui o Horto Florestal do município de Florianópolis. Florianópolis, Florianópolis: Câmara Municipal, [1985]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/1985/234/2348/lei-ordinaria-n-2348-1985-institui-o-horto-florestal-do-municipio-de-florianopolis?r=p>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 7870, de 26 de maio de 2009**. Define os parques como espaços públicos para práticas culturais de caráter popular, Florianópolis: Câmara Municipal, [2009]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2009/787/7870/lei-ordinaria-n-7870-2009-define-espacos-publicos-para-praticas-culturais-de-carater-popular-no-bairro-centro-municipio-de-florianopolis>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 8017, de 23 de outubro de 2009**. Denomina parque da luz a área verde de lazer (AVL) situada na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz,

Florianópolis: Câmara Municipal, [2009]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2009/802/8017/lei-ordinaria-n-8017-2009-denomina-parque-da-luz-a-area-verde-de-lazer-avl-situada-na-cabeceira-insular-da-ponte-hercilio-luz>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 9455, de 23 de janeiro de 2014**. Cria o Parque Linear do Córrego Grande no município de Florianópolis e dá outras providências, Florianópolis: Câmara Municipal, [2014c]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2014/945/9455/lei-ordinaria-n-9455-2014-cria-o-parque-linear-do-corrego-grande-no-municipio-de-florianopolis-e-das-outras-providencias>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FLORIANÓPOLIS. **Lei nº. 482, de 17 de janeiro de 2014**. Dispõe sobre a política de desenvolvimento urbano, o plano de uso e ocupação, os instrumentos urbanísticos e o sistema de gestão. Florianópolis: Câmara Municipal, [2014b]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-florianopolis-sc>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FLORIANÓPOLIS. **Parque da Luz: Diretrizes para intervenções**. Cadernos de Planejamento e Projetos Urbanos de Florianópolis. IPUF, FLORAM, SMDU, 2018. Disponível em: http://espacospublicos.pmf.sc.gov.br/downloads/parque_da_luz/ParquedaLuz_Caderno.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

GALLERANI, David G. *et al.* “We actually care and we want to make the parks better”: A qualitative study of youth experiences and perceptions after conducting park audits. **Preventive Medicine**, Nova York, v. 95, p. S109-S114, 2017.

GAO, Tian *et al.* What characteristics of urban green spaces and recreational activities do self-reported stressed individuals like? A case study of Baoji, China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Pequim, v. 16, n. 8, p. 1348, 2019.

GERST-EMERSON, Kerstin; JAYAWARDHANA, Jayani. Loneliness as a public health issue: the impact of loneliness on health care utilization among older adults. **American journal of public health**, Washington, v. 105, n. 5, p. 1013-1019, 2015.

GIES, Erica. **The health benefits of parks**. The Trust for Public Land, p. 1-24, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 176 p.

GODBNEY, Geoffrey; BLAZEY, Michael. Old people in urban parks: An exploratory investigation. **Journal of leisure research**, Estados Unidos, v. 15, n. 3, p. 229-244, 1983.

GODBNEY, Geoffrey; CRAWFORD, Duane W.; SHEN, Xiangyou Sharon. Assessing hierarchical leisure constraints theory after two decades. **Journal of Leisure Research**, Estados Unidos, v. 42, n. 1, p. 111-134, 2010.

GOETHALS, Luc *et al.* Impact of home quarantine on physical activity among older adults living at home during the COVID-19 pandemic: qualitative interview study. **JMIR aging**, Toronto, v. 3, n. 1, p. e19007, 2020.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GOMES, Christianne Luce; PINHEIRO, Marcos; LACERDA, Leonardo. **Lazer, turismo e inclusão Social: intervenção com idosos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GÓMEZ, Alejandro; COSTA, Cláudia; SANTANA, Paula. Acessibilidade e utilização dos espaços verdes urbanos nas cidades de Coimbra (Portugal) e Salamanca (Espanha). **Finisterra**, Lisboa, v. 49, n. 97, 2014.

GONÇALVES, Felipe Sobczynski; RECHIA, Simone. O lazer na Vila Nossa Senhora da Luz: dos espaços informais aos espaços formais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. v37, p. 265-271, 2015.

GUBA, Egon G. The Alternative Paradigm dialog. In: GUBA, E. G. (orgs.). **The Paradigm Dialog**. Newbury Park, California: Sage Publications, p. 17-27, 1990.

GUO, Sihui *et al.* Accessibility to urban parks for elderly residents: Perspectives from mobile phone data. **Landscape and urban planning**, v. 191, p. 103642, 2019.

HALCOMB, Elizabeth J.; DAVIDSON, Patricia M. Is verbatim transcription of interview data always necessary?. **Applied nursing research**, Filadélfia, v. 19, n. 1, p. 38-42, 2006.

HEBBLETHWAITE, Shannon; YOUNG, Laurel; MARTIN RUBIO, Tristana. Pandemic precarity: Aging and social engagement. **Leisure Sciences**, Londres, v. 43, n. 1-2, p. 170-176, 2021.

HEO, Jinmoo *et al.* Serious leisure, life satisfaction, and health of older adults. **Leisure Sciences**, Londres, v. 35, n. 1, p. 16-32, 2013.

HJORT, Mikkel *et al.* Design of urban public spaces: intent vs. reality. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Pequim, v. 15, n. 4, p. 816, 2018.

HORVATH JÚNIOR, Miguel. O envelhecimento populacional. **Revista Brasileira de Direito Social**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 7-14, 2018.

HOU, Yujun *et al.* Ageing as a risk factor for neurodegenerative disease. **Nature Reviews Neurology**, Londres, v. 15, n. 10, p. 565-581, 2019.

HUBBARD, Jennifer; MANNELL, Roger C. Testing competing models of the leisure constraint negotiation process in a corporate employee recreation setting. **Leisure sciences**, Londres, v. 23, n. 3, p. 145-163, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**, Revisão 2018. 2. ed. 2018.

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 06 ago 2019.

IBGE. **Censo Demográfico**, Florianópolis, 2010, Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>. Acesso em: 22 jun. 2020.

IBGE. **Continuous National Household Sample Survey - Continuous PNAD**, 2020.

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/en/statistics/social/labor/16833-monthly-dissemination-pnadcl.html?edicao=29523&t=destaques>. Acesso em: 11 jul. 2020.

IBGE. **População estimada**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>. Acesso em: 26 maio 2020.

IPIUF. **Manual de Acessibilidade**, Florianópolis: Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Planejamento e Desenvolvimento Urbano, 2015. Disponível em:

<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/smdu/?cms=manual+de+acessibilidade>. Acesso em: 23 jun. 2020.

ITO, Eiji; KONO, Shintaro; WALKER, Gordon J. Development of cross-culturally informed leisure-time physical activity constraint and constraint negotiation typologies: The case of Japanese and Euro-Canadian adults. **Leisure Sciences**, Londres, v. 42, n. 5-6, p. 411-429, 2020.

JACKSON, Edgar L. Will research on leisure constraints still be relevant in the twenty-first century?. **Journal of leisure Research**, Estados Unidos, v. 32, n. 1, p. 62-68, 2000.

JACKSON, Edgar L.; CRAWFORD, Duane W.; GODBEY, Geoffrey. Negotiation of leisure constraints. **Leisure sciences**, Londres, v. 15, n. 1, p. 1-11, 1993.

JIMÉNEZ-PAVÓN, David; CARBONELL-BAEZA, Ana; LAVIE, Carl J. Physical exercise as therapy to fight against the mental and physical consequences of COVID-19 quarantine: Special focus in older people. **Progress in cardiovascular diseases**, Nova York, v. 63, n. 3, p. 386, 2020.

KAY, Tess; JACKSON, Guy. Leisure despite constraint: The impact of leisure constraints on leisure participation. **Journal of leisure research**, Estados Unidos, v. 23, n. 4, p. 301-313, 1991.

KLEIBER, Douglas A.; HUTCHINSON, Susan L.; WILLIAMS, Richard. Leisure as a resource in transcending negative life events: Self-protection, self-restoration, and personal transformation. **Leisure Sciences**, Londres, v. 24, n. 2, p. 219-235, 2002.

KLEIBER, Douglas *et al.* Having more by doing less: The paradox of leisure constraints in later life. **Journal of Leisure Research**, Estados Unidos, v. 40, n. 3, p. 343-359, 2008.

KOCAK, Funda. The relationship between leisure constraints, constraint negotiation strategies and facilitators with recreational sport activity participation of college students. **College Student Journal**, Mobile, v. 51, n. 4, p. 491-497, 2017.

KOCIAN, Rafael Castro; SILVA, Cinthia Lopes. Políticas públicas e os equipamentos esportivos de lazer: produção acadêmica de 2008 a 2014. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 185-206, 2016.

KRELLING, Aline Gevaerd. **Um Bosque com vida: encontros e experiências através da Educação Ambiental**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em bacharel em Ciências Biológicas) - Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

KRUG, Rodrigo de Rosso; LOPES, Marize Amorim; MAZO, Giovana Zarpellon. Barreiras e facilitadores para a prática da atividade física de longevas inativas fisicamente. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 21, p. 57-64, 2015.

LACHANCE, Erik L. COVID-19 and its impact on volunteering: moving towards virtual volunteering. **Leisure Sciences**, Londres, v. 43, n. 1-2, p. 104-110, 2020.

LAPADAT, Judith C. Problematizing transcription: Purpose, paradigm and quality. **International journal of social research methodology**, Londres, v. 3, n. 3, p. 203-219, 2000.

LASHUA, Brett; JOHNSON, Corey W.; PARRY, Diana C. Leisure in the time of coronavirus: a rapid response special issue. **Leisure Sciences**, Londres, v. 43, n. 1-2, p. 6-11, 2021.

LAWTON, M. Powell. Personality and affective correlates of leisure activity participation by older people. **Journal of Leisure Research**, Estados Unidos, v. 26, n. 2, p. 138-157, 1994.

LEE, Hyun Jin; LEE, Dong Kun. Do sociodemographic factors and urban green space affect mental health outcomes among the urban elderly population?. **International journal of environmental research and public health**, Pequim, v. 16, n. 5, p. 789, 2019.

LEE, Wangoo; SHIN, Lip; JEONG, Chul. Leisure constraints and negotiation strategies of South Korean university students living in single-person households: a grounded theory exploration. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 357-377, 2020

LEO, Diego; TRABUCCHI, Marco. COVID-19 and the fears of Italian senior citizens. **International journal of environmental research and public health**, Pequim, v. 17, n. 10, p. 3572, 2020.

LINS, Cynthia de Freitas Melo *et al.* Ócio, lazer e tempo livre das velhices em quarentena: perspectivas psicossociais de um estudo brasileiro. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 341-368, 2020.

LIU, Jin *et al.* Social engagement and elderly health in China: evidence from the China health and retirement longitudinal survey (CHARLS). **International journal of environmental research and public health**, Pequim, v. 16, n. 2, p. 278, 2019.

LOUKAITOU-SIDERIS, Anastasia *et al.* Parks for an aging population: Needs and preferences of low-income seniors in Los Angeles. **Journal of the American Planning Association**, Cambridge, v. 82, n. 3, p. 236-251, 2016.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. 3. Edição, coleção Quapá, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, 208 p.

MANTA, Sofia Wolker. **Espaços públicos e estruturas para atividade física no lazer em Florianópolis**: Distribuição, qualidade e associação com a renda socioeconômica dos setores censitários. 2017. 134. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de desporto, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MARCELLINO, Nelson Carvalho *et al.* **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana**: o caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas. Curitiba: Opus Print Editora, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 5. ed., ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MARQUES, Lénia; GIOLO, Guilherme. Cultural leisure in the time of COVID-19: impressions from the Netherlands. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 344-348, 2020.

MARSTON, Hannah R.; VAN HOOFF, Joost. “Who doesn’t think about technology when designing urban environments for older people?” A case study approach to a proposed extension of the WHO’s age-friendly cities model. **International journal of environmental research and public health**, Pequim, v. 16, n. 19, p. 3525, 2019.

- MATSUDO, Sandra Mahecha; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; BARROS NETO, Turíbio Leite. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 7, p. 2-13, 2001.
- MATTHEWS, Katey; NAZROO, James. The Impact of Volunteering and Its Characteristics on Well-being After State Pension Age: Longitudinal Evidence From the English Longitudinal Study of Ageing. **The Journals of Gerontology: Series B**, Oxford, v. 76, n. 3, p. 632-641, 2021.
- MELLO, M. M. O lúdico e o processo de humanização. *In*: MARCELINO, N. C. (Org.). **Lúdico, Educação e Educação Física**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 25-32.
- MELO, Victor Andrade. Lazer, Animação Cultural e Cinema: os comentários cinematográficos. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 93-110, 2005.
- MELO, Victor Andrade. **Manual para otimização da utilização de equipamentos de lazer**. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio, 2002.
- MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 296-306, 2007.
- MERLIN, A. P. S. **Cidades e comunidades amigáveis à pessoa idosa (OMS): uma análise da pesquisa diagnóstica com a população idosa do município de itapejara d'oeste-pr**. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2020
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MIRON, Luciana Inês Gomes; DANEZI, Nathália; SCHVARSTZHAUPT, Cristiane Cassol. Processo de gestão de parques urbanos: estudo de caso em Porto Alegre, Brasil. *In*: Martins, Bianca Camargo (Org.). **Melhores práticas em planejamento urbano e regional**. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, p. 326–338, 2019.
- MORO, Luize; RECHIA, Simone; ASSIS, Talita Stresser. Conhecendo os parques de Curitiba e seus espaços públicos destinados as brincadeiras infantis–um panorama geral. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014.
- MORROW-HOWELL, Nancy *et al.* Effects of volunteering on the well-being of older adults. **The Journals of Gerontology Series B**, Oxford, v. 58, n. 3, p. S137-S145, 2003.

MOTA, Esménia de Jesus Pires Videira *et al.* **O envelhecimento e a ocupação do tempo na reforma:** atividades de lazer e satisfação com a vida. 2018. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Instituto de Serviço Social, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2018.

NAMAN, Maíra *et al.* O lazer nas diferentes fases da vida de centenários. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 201-220, 2017.

NEWMAN, Michelle G.; ZAINAL, Nur Hani. The value of maintaining social connections for mental health in older people. **The Lancet Public Health**, Londres, v. 5, n. 1, p. e12-e13, 2020.

NIMROD, Galit; IVAN, Loredana. The dual roles technology plays in leisure: insights from a study of grandmothers. **Leisure Sciences**, Londres, p. 1-18, 2019.

OLIVEIRA, Flávio Alves *et al.* Benefícios da prática de atividade física sistematizada no lazer de idosos: algumas considerações. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 262-304, 2015.

OLIVEIRA, Saulo Neves. **Lazer Sério e Envelhecimento:** loucos por corrida. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. A carreira no lazer: uma possibilidade a partir da perspectiva do serious leisure. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 293-331, 2016.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. O Serious Leisure de Robert A. Stebbins. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. Serious Leisure. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 325-338, 2012.

OMS. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

OMS. **Guia global:** cidade amiga do idoso. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2008. 67 p.

OMS. **Coronavirus Disease (COVID-19) Pandemic**, 2020a. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 11 julho de 2021.

OMS. **Dementia**, 2020b, Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/dementia>. Acesso em: 11 jul. 2021.

ONOSE, Diana Andreea *et al.* Too old for recreation? How friendly are urban parks for elderly people?. **Sustainability**, Basiléia, v. 12, n. 3, p. 790, 2020.

PADILHA, Valquíria. **Trabalho e lazer: reflexões sobre a abordagem funcionalista**. 1992. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em recreação e lazer) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PARRA, Diana C. *et al.* Assessing physical activity in public parks in Brazil using systematic observation. **American Journal of Public Health**, Washington, v. 100, n. 8, p. 1420-1426, 2010.

PAYNE, Laura L. *et al.* Local park use and personal health among older adults: an exploratory study. **Journal of Park & Recreation Administration**, Lacey, v. 23, n. 2, 2005.

PEREIRA, Pablo Vitor Viana; BAHIA, Mirleide Chaar. O olhar dos “usuários de lazer” sobre o parque mangal das garças em Belém/PA. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2018.

PERRY, Meredith A. *et al.* Accessibility and usability of parks and playgrounds. **Disability and Health Journal**, Nova York, v. 11, n. 2, p. 221-229, 2018.

PICCOLO, Gustavo Martins. Os caminhos dialéticos do envelhecimento e a sua relação com a educação física contemporânea. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p.169-177, 2011.

PIENAAR, Lorinda; REYNOLDS, Frances. ‘A respite thing’: A qualitative study of a creative arts leisure programme for family caregivers of people with dementia. **Health psychology open**, Reino Unido, v. 2, n. 1, p. 2055102915581563, 2015.

PINHEIRO, Osvaldo Daniel; AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. A importância de políticas públicas para idosos. **Revista Baru - Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 183-193, 2018.

PIZANI, Juliana *et al.* O Parque do Ingá como espaço público de lazer: uma análise da percepção do ambiente. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 61-85, 2015.

PNUD. **Desenvolvimento humano nas macrorregiões brasileiras**. Brasília: IPEA: FJP, 2016, 55p.

PNUD. (s/d). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PORTO, Camila Feldberg; REZENDE, Edson José Carpintero. Experiência da aplicação do guia global da cidade amigo do idoso em uma região de Belo Horizonte-MG. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, 2018.

QIU, Jiayan *et al.* Reclassified cognitive leisure activity and risk of cognitive impairment in Chinese older adults aged ≥ 80 years: A 16 year prospective cohort study. **Geriatrics & Gerontology International**, Tóquio, v. 19, n. 10, p. 1041-1047, 2019.

RAYMORE, Leslie A. Facilitators to leisure. **Journal of Leisure research**, Estado Unidos, v. 34, n. 1, p. 37-51, 2002.

RECH, Cassiano Ricardo *et al.* Perceived barriers to leisure-time physical activity in the Brazilian population. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 24, p. 303-309, 2018.

RECHIA, Simone, FRANÇA Rodrigo. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação? *In:* MEZZADRI, Fernando Marinho; CAVICHIOLLI, Fernando Renato; SOUZA, Doralice Lange (Org.). **Esporte e Lazer: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas**. Jundiaí: Fontoura, 2006, p. 61-74.

RECHIA, Simone; SANTOS, Karine do Rocio Vieira; TSCHOKE, Aline. As forças sociais de estrutura, estética e movimento: A dinâmica da apropriação do Parque Cachoeira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2012.

REES, Dilys Karen. Considerações sobre a pesquisa qualitativa. **Signótica**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 253-274, 2008.

REIS, Arianne Carvalhedo; THOMPSON-CARR, Anna; LOVELOCK, Brent. Parks and families: Addressing management facilitators and constraints to outdoor recreation participation. **Annals of Leisure Research**, Auckland, v. 15, n. 4, p. 315-334, 2012.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira *et al.* Os impactos da pandemia da covid-19 no lazer de adultos e idosos. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 391-428, 2020.

RICARDO, Luiza Isnardi Cardoso *et al.* Preferências de atividades de lazer de um grupo de idosas do extremo sul do Brasil. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2013.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. O lazer do idoso: barreiras a superar. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 105-108, 2002.

RUSHING, Jaclyn R.; D'ANTONIO, Ashley; NEEDHAM, Mark D. Spatial patterns of constraints to park visitation among urban populations. **Leisure Sciences**, Londres, p. 1-27, 2019.

SACCOL, Amarolinda Zanela. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFMS**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009.

SAKATA, Francine Gramacho; GONÇALVES, Fabio Mariz. Um novo conceito para parque urbano no Brasil do século XXI. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 30, n. 43, p. e155785-e155785, 2019.

SCHIPPERIJN, Jasper *et al.* Access to parks and physical activity: An eight country comparison. **Urban Forestry & Urban Greening**, Hong Kong, v. 27, p. 253-263, 2017.

SCOTT, David. Serious leisure and recreation specialization: An uneasy marriage. **Leisure Sciences**, Londres, v. 34, n. 4, p. 366-371, 2012.

SHEN, Xiangyou Sharon; YARNAL, Careen. Blowing open the serious leisure-casual leisure dichotomy: what's in there?. **Leisure Sciences**, Londres, v. 32, n. 2, p. 162-179, 2010.

SHENTON, Andrew K. Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. **Education for information**, Amsterdam, v. 22, n. 2, p. 63-75, 2004.

SHORES, Kindal A.; SCOTT, David; FLOYD, Myron F. Constraints to outdoor recreation: A multiple hierarchy stratification perspective. **Leisure sciences**, Londres, v. 29, n. 3, p. 227-246, 2007.

SILVA, Bárbara Beatriz Ferreira *et al.* Avaliação dos estados de humor e qualidade de vida de idosas em diferentes contextos de vida e a percepção da importância do lazer. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 22, n. 01, p. 24-48, 2019.

SILVA, Cinthia Lopes *et al.* Os dias entre o teto e o chão da casa: lazer e práticas corporais no contexto brasileiro em tempos da Covid-19. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 57-92, 2020.

SILVA, Diego Augusto Santos; PETROSKI, Edio Luiz; REIS, Rodrigo Siqueira. Barreiras e facilitadores de atividades físicas em frequentadores de parques públicos. **Motriz**. Rio claro, p. 219-227, 2009.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa, *et al.*, Percepção da qualidade do ambiente e vivências em espaços públicos de lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 38, p. 251-258, 2016.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa *et al.* Sociedade, cultura e saúde: motivação na utilização de espaço público de lazer. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-188, 2012.

SILVA, Renata Laudares; RAPHAEL, Maria Luiza; SANTOS, Fernanda Silva. Carta internacional de educação para o lazer como ferramenta de intervenção pedagógica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 117-132, 2006.

SIVAN, Atara. Leisure in times of COVID-19: reflection on Hong Kong and Israel. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 322-324, 2020.

SMITH, M. *et al.* Systematic literature review of built environment effects on physical activity and active transport—an update and new findings on health equity. **International journal of behavioral nutrition and physical activity**, Londres, v.14, n.1, p.1-27, 2017.

SOARES, Marcela Mello; MAIA, Emanuella Gomes; CLARO, Rafael Moreira. Availability of public open space and the practice of leisure-time physical activity among the Brazilian adult population. **International journal of public health**, Basileia, v. 65, n. 8, p. 1467-1476, 2020.

SON, Julie S. *et al.* Promoting older adults' physical activity and social well-being during COVID-19. **Leisure Sciences**, Londres, v. 43, n. 1-2, p. 287-294, 2021.

SOUSA, Neuciani Ferreira da Silva *et al.* Desigualdades sociais na prevalência de indicadores de envelhecimento ativo na população brasileira: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 22, p. E190013. SUPL. 2, 2019.

SOUZA, Doralice Lange de; VENDRUSCULO, Rosecler. Fatores determinantes para a continuidade da participação de idosos em programas de atividade física: a experiência dos participantes do projeto " Sem Fronteiras". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, p. 95-105, 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

STAHL, Sarah T. *et al.* Living alone and depression: the modifying role of the perceived neighborhood environment. **Aging & mental health**, Abingdon, v. 21, n. 10, p. 1065-1071, 2017.

STEBBINS, Robert. **Unpaid work of love**: defining the work–leisure axis of volunteering. **Leisure Studies**, Londres, v. 32, n. 3, p. 339-345, 2013.

STEBBINS, Robert A. **“Serious leisure: A conceptual statement”**. *Pacific Sociological Review*, 25, pp. 251-272, 1982.

STEBBINS, Robert. A. A contextual analysis of the idea of serious leisure: A Study in the sociology of knowledge. **World Leisure and Recreation**, Hong Kong, v. 42, n. 1, p. 4-9, 2000.

STEBBINS, Robert. A. Choice and experiential definitions of leisure. **Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal**, Waterloo v. 27, n. 4, p. 349-352, 2005. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01490400590962470>. Acesso em 18 jan. 2019.

STEBBINS, Robert. A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.42-56, jan./abr. 2014.

STEBBINS, Robert. A. Serious leisure and work. **Sociology Compass**, Easton, v. 3, n. 5, p. 764–774, set. 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.17519020.2009.00233.x>. Acesso em: 15 jan. 2019.

STEBBINS, Robert. A. **Serious leisure: A perspective for our time**. Transaction Publishers, Transaction Publishers, New Brunswick, New Jersey, 2015.

STEBBINS, Robert. A. **Serious leisure: A perspective for our time**. 2. ed. Routledge, 2015.

STEWART, Orion T. *et al.* Why neighborhood park proximity is not associated with total physical activity. **Health & place**, Edimburgo, v. 52, p. 163-169, 2018.

STODOLSKA, Monika. # QuarantineChallenge2k20: Leisure in the Time of the Pandemic. **Leisure Sciences**, Londres, v. 43, n. 1-2, p. 232-239, 2021.

STODOLSKA, Monika; SHINEW, Kimberly J.; CAMARILLO, Leslie N. Constraints on recreation among people of color: Toward a new constraints model. **Leisure Sciences**, Londres, v. 42, n. 5-6, p. 533-551, 2020.

SUN, Ranhao; LI, Fen; CHEN, Liding. A demand index for recreational ecosystem services associated with urban parks in Beijing, China. **Journal of Environmental Management**, Heverlee, v. 251, p. 109612, 2019.

TAVARES, Lais Mendes; MARINHO, Alcyane. Leisure and COVID-19: reflections on Brazilian older adults who frequent urban public parks. **World Leisure Journal**, Nova York, p. 1-15, 2021.

TEH, Jane KL; TEY, Nai Peng. Effects of selected leisure activities on preventing loneliness among older Chinese. **SSM-Population Health**, Massachusetts, v. 9, p. 100479, 2019.

TEIXEIRA, Heraldo Marconi da Costa. **A Festa do Bumba-Meu-Boi da Maioba na Configuração do Estilo de Vida e Lazer**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

TEODORO, Ana Paula Evaristo Guizarde *et al.* A dimensão tempo na gestão das experiências de lazer em período de pandemia da covid-19 no Brasil. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 126-162, 2020.

TOEPOEL, Vera. Ageing, leisure, and social connectedness: How could leisure help reduce social isolation of older people?. **Social indicators research**, Roma, v. 113, n. 1, p. 355-372, 2013.

TSCHOKE, Aline *et al.* As experiências no âmbito do lazer e o princípio da inércia: uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 117-135, 2011.

VAN HECKE, Linde *et al.* Active use of parks in Flanders (Belgium): an exploratory observational study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Pequim, v. 14, n. 1, p. 35, 2017.

VAUGHAN, Christine A. *et al.* Park use in low-income urban neighborhoods: who uses the parks and why? **Journal of Urban Health**, Edimburgo, v. 95, n. 2, p. 222-231, 2018.

VAUGHAN, Christine A.; COHEN, Deborah A.; HAN, Bing. How Do Racial/Ethnic Groups Differ in Their Use of Neighborhood Parks? Findings from the National Study of Neighborhood Parks. **Journal of Urban Health**, Edimburgo, v. 95, n. 5, p. 739-749, 2018.

VEAL, A. J. Human rights, leisure and leisure studies. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 57, n. 4, p. 249-272, 2015.

VEAL, A. J. The serious leisure perspective and the experience of leisure. **Leisure Sciences**, Londres, v. 39, n. 3, p. 205-223, 2017.

VECCHIA, Roberta Dalla. *et al.* Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 8, p. 246-252, 2005.

VERSIANI, Isabela Veloso Lopes; PEREIRA, Anete Marília. Espaços e vivências de lazer na cidade: construindo territórios. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 126-144, 2019.

VIEIRA, Ana Flávia Braun; FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo. A terceira idade e o lazer: análise das produções brasileiras nas Ciências Humanas e Sociais que relacionaram seus objetos ao lazer de idosos (1994-2015). **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, Maringá, v. 41, n. 1, p. e40055, 2019.

VIEIRA, Isabelle Meireles *et al.* Restrições e facilitadores em atividades de aventura na natureza: percepções de idosos praticantes. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2021.

VIEIRA, Sacha; GUERRA, Sara. Dinamizar os parques da cidade através de atividades intergeracionais: o Parque Infante Dom Pedro, cidade de Aveiro, Portugal. **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. Especial 11, p. 135-152, 2012.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, 2014.

VISCARD, Adriana Aparecida da Fonseca. **Atividades de aventura na natureza na perspectiva de praticantes com 60 anos ou mais de idade**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

VOIGT, Annette *et al.* Structural diversity: a multi-dimensional approach to assess recreational services in urban parks. **Ambio**, Estocolmo, v. 43, n. 4, p. 480-491, 2014.

WANG, Dan *et al.* Neighbouring green space and mortality in community-dwelling elderly Hong Kong Chinese: a cohort study. **BMJ open**, Londres, v. 7, n. 7, p. e015794, 2017.

WANG, Xinxin; WU, Chengzhao. An observational study of park attributes and physical activity in neighborhood parks of Shanghai, China. **International journal of environmental research and public health**, Pequim, v. 17, n. 6, p. 2080, 2020.

WHO. **Global Action Plan on Physical Activity 2018–2030: More Active People for a Healthier World**. 2018.

WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? Índice de Gini. **Revista Desafios do Desenvolvimento**. IPEA, 2004. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28. Acesso em: 22 jun. 2020.

XAVIER, Fernanda Berguerand; FELIPE, Juliana; ARANA, Alba Regina Azevedo. O parque verde urbano: características do uso através de observação sistemática. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 10, n. supl., 2018.

YARMOHAMMADI, Soudabeh *et al.* A systematic review of barriers and motivators to physical activity in elderly adults in Iran and worldwide. **Epidemiology and health**, Suwon, v. 41, 2019.

YOUNG, Marié EM. Leisure pursuits in South Africa as observed during the COVID-19 pandemic. **World leisure journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 331-335, 2020.

ZANON, Dino *et al.* Constraints to park visitation: A meta-analysis of North American studies. **Leisure sciences**, Londres, v. 35, n. 5, p. 475-493, 2013.

ZANON, Dino *et al.* Constraints to park visitation: A meta-analysis of North American studies. **Leisure sciences**, Londres, v. 35, n. 5, p. 475-493, 2013.

ZANON, Dino *et al.* Examining future park recreation activities and barriers relative to societal trends. **Annals of Leisure Research**, Auckland, v. 22, n. 4, p. 506-531, 2019.

ZHOU, Fei *et al.* Clinical course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. **The Lancet**, Londres, v. 395, n. 10229, p. 1054-1062, 2020.

ZHOU, Lijun Jane; LIU, Lucen. COVID-19 pandemic in China: observation and reflections. **World Leisure Journal**, Nova York, v. 62, n. 4, p. 315-318, 2020.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada aplicada aos idosos

I DADOS DE CARACTERIZAÇÃO

Características pessoais:

- a) Nome (não será divulgado/nome fictício):
- b) Sexo:
- c) Data de nascimento:
- d) Estado civil:
- e) Escolaridade:
- f) Profissão:
- g) Ocupação atual:
- h) Quantas pessoas moram com você? Quem são eles (filhos, irmãos, parentes e amigos)?
- i) Renda mensal, aproximada:
 - () Nenhuma renda.
 - () Até 1 salário mínimo (R\$ 1.045,00)
 - () De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 2.090,00)
 - () De 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 2.090,00 até R\$ 3.135,00)
 - () De 3 a 4 salários mínimos (de R\$3.135,00 até R\$ 4.180,00)
 - () De 4 a 10 salários mínimos (de R\$4.180,00 até R\$10.450,00)
 - () Mais de 10 salários mínimos (mais de R\$10.450,00)
- j) Cidade onde mora:
- k) Bairro onde mora:
- l) Há quanto tempo mora neste bairro?
- m) Qual a distância aproximada da sua casa até o parque?
- n) Normalmente, como o(a) senhor(a) se desloca até o parque?

II ISOLAMENTO SOCIAL

1. O isolamento social influenciou no seu lazer? Como?
2. O que o(a) senhor(a) faz no seu lazer, agora, com o parque fechado/isolamento social?

II PARQUE PÚBLICO URBANO

3. Há quanto tempo o(a) senhor(a) frequenta o parque?
4. O que o(a) senhor(a) mais gosta no parque? Por quê?
5. O que o(a) senhor(a) menos gosta no parque? Por quê?
6. O que não tem no parque que o(a) senhor(a) gostaria que tivesse? Por quê?
7. O(a) senhor(a) tem alguma sugestão para o parque?
8. O(a) senhor(a) indicaria este parque para colegas e/ou familiares? Por quê?
9. O que falta para que mais pessoas frequentassem o parque?
10. O(a) senhor(a) frequenta outro espaço de lazer? Quais? E com que frequência?

III PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO

11. O que é lazer para o(a) senhor(a)?
12. Quais os dias da semana e horários o(a) senhor (a) frequenta o parque, preferencialmente? Por quê?
13. Normalmente, esses dias e horários alteram?
14. Quanto tempo, aproximadamente, o(a) senhor(a) permanece no parque?
15. O que o(a) senhor(a) faz no parque?
16. O(a) senhor(a) realiza estas atividades individualmente ou em grupo?
17. Se em grupo, normalmente, este grupo é constituído pelas mesmas pessoas? Essas pessoas possuem, aproximadamente, a mesma idade do senhor(a)?
18. O(a) senhor(a) fez novas amizades no parque?
19. O(a) senhor(a) participa de alguma associação, grupo de idosos ou similares? Se sim, eles desenvolvem ações no parque? Quais?
20. O(a) senhor(a) considera este parque uma possibilidade de lazer? Por quê?
21. O avanço da idade influenciou no seu lazer? Por quê?
22. Caso o(a) senhor(a) for aposentado(a), a aposentadoria influenciou no seu lazer? Por quê?

IV SIGNIFICADO PESSOAL

23. O que este parque significa para o(a) senhor(a)?
24. O que/como o(a) senhor(a) sente quando frequenta o parque?
25. Gostaria de relatar algo que não foi contemplado na entrevista?

V MOTIVOS DE INGRESSO E DE PERMANÊNCIA

26. Por que o(a) senhor(a) começou a frequentar o parque?
27. Por que o(a) senhor(a) continua frequentando o parque?

APÊNDICE B – Matriz analítica da entrevista semiestruturada

TEMAS GERADORES	DIMENSÕES	INDICADORES	TÓPICO	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
Identificar o perfil sociodemográfico e socioeconômico dos idosos que frequentam parques urbanos em Florianópolis	Características pessoais	Nome; Sexo; Nascimento; Estado civil;	I	(FERRANTE; VERTUAN; TOLEDO, 1976); (MOTA; RÉGIS; NASCIMENTO, 2019).
	Características socioeconômicas	Escolaridade; Profissão; Ocupação; Renda; Cor ou raça/etnia;		
	Características sociodemográficas	Cidade; Bairro; Tempo de moradia; Distância do parque;		
	Deslocamento casa/parque	Modo de deslocamento; Tempo de deslocamento.		
Analisar a influência da pandemia no lazer de idosos frequentadores de parques	Isolamento social	Influência da pandemia; Lazer na pandemia	II	(STODOLSKA, 2020); (BRAMANTE, 2020)
Identificar os facilitadores e as restrições ao uso dos parques públicos urbanos por idosos.	Características dos parques	Tempo de apropriação Características positivas Características negativas Inexistência Sugestão Indicação Melhorias	III	(GALLERANI <i>et al.</i> , 2017); (VAN HECKE <i>et al.</i> , 2017); HJORT <i>et al.</i> , 2018).
Interpretar as concepções de lazer dos idosos e compreender se os idosos frequentam os parques urbanos de forma séria ou casual.	Lazer	Frequência Assiduidade Permanência Manifestação do lazer Coletividade Pertencimento Grupo Social Conceito de lazer Possibilidade de lazer Influência da velhice	IV	(STEBBINS, 2015); (SHEN; YARNAL, 2010); (VEAL, 2016). (VAUGHAN; COHEN; HAN, 2018); (OLIVEIRA, 2015)

<p>Identificar os motivos de ingresso e de permanência nos parques</p>	<p>Motivos de participação</p>	<p>Motivos de ingresso Motivos de permanência</p>	<p>V</p>	<p>(DORNELES, 2006); (RECHIA; SANTOS; TSCHOKE, 2012); (PEREIRA; BAHIA, 2018). (CAMARGO <i>et al.</i>, 2018); (GAO <i>et al.</i>, 2019); (PERON, 2020)</p>
--	--------------------------------	---	----------	---

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “PARQUES PÚBLICOS DE FLORIANÓPOLIS (SC): POSSIBILIDADES DE LAZER PARA IDOSOS” que possui como objetivo geral: analisar os parques públicos como possibilidade de lazer para idosos em Florianópolis (SC), e, como objetivos específicos: 1) mapear os parques públicos existentes em Florianópolis (SC); 2) identificar o perfil sociodemográfico e socioeconômico dos idosos que frequentam estes parques; 3) investigar os conteúdos culturais do lazer ofertados para idosos nos parques públicos mapeados; 4) identificar os motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos parques públicos em Florianópolis (SC); 5) interpretar as concepções de lazer dos idosos que frequentam os parques públicos mapeados. Para isso, serão realizadas entrevistas, por telefone, marcadas previamente, em dia e horário de sua preferência, as quais serão registradas por meio de um aplicativo, o qual possibilita a gravação de chamadas, nomeado *All Call Recorder (ACR)*.

A pesquisa está sendo realizada em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e do Centro de Desporto (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Não é obrigatório que responda a todas às perguntas da entrevista, a qual abordará as características sociodemográficas e socioeconômicas, as características gerais dos parques, os motivos de participação e permanência nos parques, as manifestações de lazer nos parques e as concepções de lazer.

O (a) senhor(a) não terá despesas para participar desta pesquisa, nem será remunerado(a) pela participação na mesma. Ainda que não sejam esperadas despesas ou danos ao(a) senhor(a), caso haja despesas decorrentes de sua participação na pesquisa elas serão ressarcidas pelas pesquisadoras, assim como caso haja qualquer dano durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos em participar dessa pesquisa serão mínimos por envolver entrevistas, as quais poderão gerar desconfortos emocionais em relação ao tema da pesquisa. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas não será compartilhado com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, à descrição da sua entrevista e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo.

A sua identidade será sigilosamente preservada, pois cada participante da pesquisa será identificado por um nome fictício. Os benefícios e vantagens em participar dessa pesquisa incluem contribuir com o avanço da pesquisa no Brasil, mais especificamente, com a possibilidade de aprimorar os parques públicos, visando o lazer para pessoas com 60 anos ou mais de idade. As pessoas que acompanharão os procedimentos dessa pesquisa são a estudante de mestrado Lais Mendes Tavares e a professora orientadora Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho.

A qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá esclarecer dúvidas sobre quaisquer aspectos da pesquisa e poderá recusar ou retirar seu consentimento para participar, sem qualquer tipo de penalização ou constrangimento. Declarando o cumprimento de todas as informações aqui descritas, solicitamos a sua autorização para a realização da pesquisa e para a utilização de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos, mantendo sua privacidade por meio da não identificação do seu nome.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em posse das pesquisadoras e outra será enviada ao senhor(a) pelo canal de sua preferência.

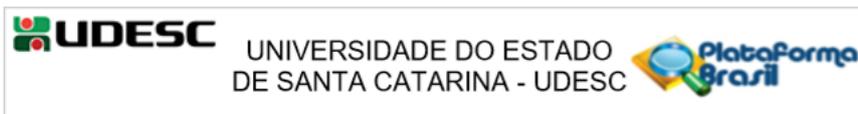
TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa “PARQUES PÚBLICOS DE FLORIANÓPOLIS (SC): POSSIBILIDADES DE LAZER PARA IDOSOS” e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso:

NOME DA PESQUISADORA PARA CONTATO: Prof^a. Dr^a. Alcyane Marinho
NÚMERO DO TELEFONE: (48) 8416-2002 ENDEREÇO: Rua Vereador Ramon Filomeno, 357, ap.: 1001 Torre 1, Parque São Jorge, Itacorubi, 88034-495, Florianópolis - Santa Catarina. Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035901 Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa SEP 510, Norte, Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521 Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Possibilidades de lazer para idosos na região da Grande Florianópolis (SC): um estudo com os participantes e com os profissionais

Pesquisador: Alcyane Marinho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78781917.9.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.356.476

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa com título: "Possibilidades de lazer para idosos na região da Grande Florianópolis (SC): um estudo com os participantes e com os profissionais", sob coordenação da Pesquisadora Responsável: Alcyane Marinho e equipe de pesquisa estudante de doutorado Priscila Mari dos Santos Correia, estudante de mestrado Adriana Aparecida Viscardi e estudante de graduação Gabriela Marques.

Metodologia Proposta:

Serão convidados a participar desta pesquisa indivíduos com 60 anos ou mais de idade, participantes há, no mínimo, três meses, de espaços e equipamentos de lazer destinados ao público idoso na região da Grande Florianópolis (SC). Além deles, serão convidados os profissionais atuantes há, no mínimo, três meses, nos referidos espaços e equipamentos. Os dados desta pesquisa serão obtidos por meio da combinação de instrumentos, a saber, uma entrevista semi estruturada para ser aplicado com os idosos e dois questionários a serem aplicados com os profissionais. Como etapa inicial da pesquisa para a identificação dos espaços e equipamentos de lazer destinados a idosos será realizado um mapeamento nos municípios integrantes dessa região: Águas Mornas, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Governador Celso Ramos, Florianópolis, Palhoça, Rancho Queimando, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São José, São Pedro de Alcântara. Após o referido mapeamento, por meio de buscas

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 **Fax:** (48)3664-8084 **E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE SANTA CATARINA - UDESC



Continuação do Parecer: 2.358.478

em páginas eletrônicas, contatos telefônicos e/ou presenciais, serão apresentados os objetivos da pesquisa aos responsáveis por cada um dos espaços e equipamentos de lazer. Mediante interesse do responsável será obtida a assinatura do mesmo na Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas. Em posse desse documento, será iniciada a submissão do presente projeto à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A coleta de dados somente será iniciada após obter-se parecer favorável desse Comitê. Os idosos participantes há, no mínimo, três meses dos espaços e equipamentos de lazer mapeados serão convidados a responder ao roteiro de entrevista semi estruturada elaborado especificamente para eles, enquanto os profissionais atuantes há, no mínimo, três meses, diretamente envolvidos com as atividades de lazer desenvolvidas nos espaços e equipamentos mapeados, serão convidados a responder os questionários. Aqueles que concordarem deverão assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um Termo de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações, ambos em duas vias, sendo uma para eles mesmos e outra para as pesquisadoras. As entrevistas, bem como a aplicação dos questionários, serão individuais e realizadas no dia, horário e local de preferência dos participantes. Para as entrevistas será utilizado um gravador de áudio para registro das entrevistas e um diário de campo para anotações. Quanto à aplicação dos questionários, as pesquisadoras estarão presentes nesses momentos, porém não interferirão nas respostas dos profissionais pesquisados. As entrevistas serão transcritas na íntegra pelas pesquisadoras. Para garantir o anonimato, cada idoso entrevistado receberá um nome fictício, assim como os nomes por eles mencionados em seus discursos.

Cronograma de Execução

Redação do relatório final da pesquisa em versão sucinta 01/01/2022 - 30/03/2022

Elaboração de trabalhos científicos com dados sobre o mapeamento realizado, com submissão a congressos científicos da área da Educação Física 01/04/2018 - 30/06/2018

Análise de dados 01/10/2020 30/03/2021

Validação de conteúdo e avaliação de clareza de linguagem dos questionários.

05/10/2017 30/12/2017

Transcrições das entrevistas e validação das entrevistas com os idosos.

01/01/2020 30/06/2020

Mapeamento ampliado dos espaços e equipamentos de lazer para idosos na região da Grande

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001

UF: SC Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.udesc@gmail.com

Página 02 de 06



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE SANTA CATARINA - UDESC



Continuação do Parecer: 2.358.478

Florianópolis (SC). 05/10/2017 - 30/03/2018

Descrição dos resultados 01/04/2021 - 30/09/2021

Digitação dos questionários. 01/04/2020 - 30/06/2020

Encaminhamento do relatório final da pesquisa em versão sucinta aos participantes do estudo. 01/04/2022 - 30/06/2022

Organização dos dados qualitativos e quantitativos nos respectivos softwares.

10/07/2020 30/09/2020

Aplicação das entrevistas com os idosos e dos questionários com os profissionais atuantes nos espaços e equipamentos de lazer mapeados na região da Grande Florianópolis (SC).

01/07/2018 30/12/2019

Elaboração do relatório final da pesquisa 01/10/2021 30/12/2021

Orçamento Financeiro: R\$600,00

Objetivo da Pesquisa:

O Objetivo Primário é analisar as possibilidades de lazer para idosos existentes na região da Grande Florianópolis (SC) na perspectiva dos participantes e dos profissionais.

Os Objetivos Secundários são:

- Mapear os espaços e equipamentos de lazer, públicos e privados, localizados na região da Grande Florianópolis (SC), direcionados ao público idoso.
- Identificar os conteúdos culturais do lazer desenvolvidos nos espaços e equipamentos mapeados.
- Identificar os motivos de ingresso e de permanência dos idosos nos espaços e equipamentos mapeados.
- Identificar os significados que os idosos atribuem a sua participação nos espaços e equipamentos mapeados.
- Interpretar as concepções de lazer dos idosos participantes dos espaços e equipamentos mapeados.
- Averiguar as percepções dos idosos sobre a atuação dos profissionais que trabalham nos espaços e equipamentos dos quais eles participam.
- Caracterizar o perfil pessoal e profissional dos indivíduos que atuam nos espaços e equipamentos mapeados.
- Verificar a percepção de competências profissionais dos indivíduos que atuam nos espaços e

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3664-8084

Fax: (48)3664-8084

E-mail: cepsh.udesc@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.356.476

equipamentos mapeados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos podem ser considerados como mínimos por envolver apenas entrevistas e questionários, os quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os idosos participantes e os profissionais atuantes no contexto dos espaços e equipamentos de lazer. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas e dos questionários não serão compartilhados com o grupo como um todo. A sua identidade do participante será preservada.

Os benefícios são indiretos e tardios por incluir a possibilidade de abertura de novas oportunidades para a vivência de diferentes conteúdos culturais do lazer nos espaços e equipamentos para idosos, estimulando os integrantes dos grupos a serem mais participativos, bem como de solicitarem o desenvolvimento de outros conteúdos culturais do lazer para os profissionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Todos os documentos para a análise ética estão anexados. A pesquisadora responsável possui experiência para desenvolver a pesquisa bem como terá auxílio de uma equipe composta por acadêmicas de doutorado, mestrado e graduação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta os seguintes documentos:

1. Folha de Rosto – CONEP.
2. Projeto de Informações Básicas.
3. Projeto Original.
4. Instrumentos da Pesquisa (Questionários).
5. Declarações de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas.
6. TCLE.
7. Consentimento para Fotos, Vídeos e Gravações.

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.udesc@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.356.476

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o projeto atende aos preceitos éticos estabelecidos pela Resolução n. 466/2012 - CNS/MS, considera-se o presente processo APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEP SH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEP SH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEP SH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEP SH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação.

Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_996755.pdf	10/10/2017 09:53:49		Aceito
Folha de Rosto	Folharosto.pdf	10/10/2017 09:53:26	Alcyane Marinho	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_SaoJose.pdf	05/10/2017 14:46:08	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Particular.jpg	05/10/2017 14:45:26	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Florianopolis.jpg	05/10/2017 14:45:10	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito

Endereço: Av.Madre Benvenutta, 2007**Bairro:** Itacorubi**CEP:** 88.035-001**UF:** SC**Município:** FLORIANOPOLIS**Telefone:** (48)3664-8084**Fax:** (48)3664-8084**E-mail:** cepsh.udesc@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.358.476

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/10/2017 14:44:51	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	05/10/2017 14:44:35	Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 30 de Outubro de 2017

Assinado por:
Renan Thiago Campestrini
(Coordenador)

Endereço: Av. Madre Benvenuta, 2007
 Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3664-8084 Fax: (48)3664-8084 E-mail: cepsh.udesc@gmail.com

ANEXO B –Artigo Leisure and COVID-19: reflections on Brazilian older adults who frequent urban public parks.

WORLD LEISURE JOURNAL
<https://doi.org/10.1080/16078055.2021.1957010>

 **Routledge**
Taylor & Francis Group

 Check for updates

Leisure and COVID-19: reflections on Brazilian older adults who frequent urban public parks

Lais Mendes Tavares ^{a,c} and Alcyane Marinho ^{b,c}

^aPhysical Education at the Sports Center, Federal University of Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brazil;

^bHealth and Sport Sciences Center, State University of Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Brazil; ^cLeisure and Physical Activity Research Laboratory (LAPLAF/UDESC), Florianópolis, Brazil

This qualitative research analysed how the pandemic caused by COVID-19 influenced the leisure of older adults who frequent urban public parks in a city in southern Brazil. Semi-structured interviews were conducted by telephone with 23 older adults, 16 women and 7 men (≥ 60 years old), who frequented urban parks before the beginning of the pandemic. The interviews were specifically designed for this research and addressed (a) the participants' perspectives on the concept of leisure; (b) the influence of COVID-19 on leisure and (c) leisure events and activities during the pandemic. The data was analysed using the content analysis technique. The participants reported that their leisure was affected by COVID-19, mainly due to pandemic-related restrictions which make social, cultural, touristic and physical activities unfeasible and reduced their leisure participation in urban public parks. Furthermore, findings suggest that the COVID-19 pandemic reduced the freedom and autonomy of older adults, and increased inequality, fear and lack of time, resulting in greater leisure constraints. With more time at home and in contact with friends and family, albeit virtually, leisure has been re-defined, denoting different and important configurations for older adults.

ARTICLE HISTORY

Received 18 January 2021
Accepted 5 June 2021

KEYWORDS

Brazil; constraints;
coronavirus; leisure;
pandemic

PALAVRAS-CHAVE

Brasil; restrições; coronavirus;
lazer; pandemia